

**REPRESENTAÇÕES EM MOVIMENTO:
JOVENS ESTUDANTES DO BATATAL,
ENTRE O URBANO E O RURAL.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

ALINE CUNHA DE PAULA CARNEIRO

**REPRESENTAÇÕES EM MOVIMENTO:
JOVENS ESTUDANTES DO BATATAL, ENTRE
O URBANO E O RURAL.**

JUIZ DE FORA
2011

ALINE CUNHA DE PAULA CARNEIRO

**REPRESENTAÇÕES EM MOVIMENTO:
JOVENS ESTUDANTES DO BATATAL, ENTRE
O URBANO E O RURAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora por Aline Cunha de Paula Carneiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientador: Profº. Dr. Vicente Paulo dos Santos Pinto.

JUIZ DE FORA

2011

TERMO DE APROVAÇÃO

ALINE CUNHA DE PAULA CARNEIRO

REPRESENTAÇÕES EM MOVIMENTO: JOVENS ESTUDANTES DO BATATAL, ENTRE O URBANO E O RURAL.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Vicente Paulo dos Santos Pinto
(Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Prof. Dra. Sonia Regina Miranda
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFF

Juiz de Fora, 15 de abril de 2011

Para meu pai (in memoriam), homem simples e de poucas palavras, que soube valorizar a importância da educação. Não consigo encontrar palavras suficientes para agradecer e homenagear. Saudades....

AGRADECIMENTOS

A dissertação não é resultado da ação individual; significa, na verdade, acúmulo de aprendizagens e troca de experiências. Logo, é impossível traduzir em palavras o sentimento de gratidão que tenho por todos os que me ajudaram na realização desta dissertação. Foram muitas as pessoas que, de uma forma ou de outra, ajudaram. A todos que me apoiaram durante esta trajetória, meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que sempre esteve ao meu lado e, em certos momentos, precisou me carregar em seus braços.

Ao meu orientador professor Vicente, que sempre esteve presente na pesquisa, dando liberdade e plena confiança para realizá-la, agradeço pelo carinho, atenção, paciência e dedicação.

À minha mãe Célia, que ora se confunde com irmã, com mãe, com filha, com grande amiga.

A meus irmãos queridos, Ana Lúcia e André; que, desde pequenos, aprendemos a respeitar e a valorizar o homem do campo, graças, é claro, aos ensinamentos de nossos pais. Ana Lúcia, que assim como eu, aprendeu a dar valor à educação. André, menino quieto, responsável, que desde cedo aprendeu a caminhar sozinho.

Ao meu afilhado e sobrinho, Gustavo, garoto que, com sua simpatia e alegria, encanta a todos.

Ao amigo Flávio, que sempre me incentivou e teve participação ativa na construção deste “balaio”.

A Beatriz, por todos os incentivos no decorrer deste período do Mestrado.

Às minhas companheiras de CMJF, que souberam acolher minhas angústias, tê-las como companheiras é um privilégio.

A minha grande amiga Jucélia, que foi fundamental durante minha caminhada.

Aos colegas e funcionários do PPGE/UFJF, em especial Cidinha e Getúlio, pela disposição e ajuda sempre.

À sorridente e solícita Josiane, que encarou o desafio de fazer as leituras prévias das diversas versões do texto.

Ao professor Rafael Straforini e à professora Sonia Miranda, que fizeram parte da Banca de Qualificação, por indicarem caminhos valiosos que possibilitaram saber para onde ir.

Ao professor Jader Janer e à professora Sonia Miranda pela disponibilidade em aceitar participar da defesa.

Aos colegas do grupo de estudos, pelo apoio e pelas contribuições ricas ao texto.

Ao Luiz Henrique, pela atenção e ajuda.

A Carla, pelo espaço sempre aberto, pela acolhida e ajuda.

A Claudia pelo olhar experiente, maduro e profundo.

À Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque, que sempre esteve de braços abertos, em especial ao Paulinho e à Regina, pela atenção e pela disponibilidade durante meu trabalho de campo.

Aos jovens estudantes volantes que encharcaram minha pesquisa com sentidos e significados produzidos através de suas relações com o urbano e o rural.

Ao meu amor Luciano, esta pesquisa não existiria sem seu apoio, carinho e compreensão.

À querida filha Helena, pelos doces beijinhos e abraços, sorrisos e brilho nos olhos, sei que o pedido de colo e que nossas brincadeiras muitas vezes foram interrompidas devido à escrita. Espero que entenda minha ausência...

OBRIGADA!

“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

Fernando Pessoa

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1-	Rua principal do Batatal.....	76
Fotografia 2-	Propriedade rural.....	78
Fotografia 3-	Sítio localizado no bairro Batatal.....	78
Fotografia 4-	Sítio vizinho da nossa antiga escola.....	79
Fotografia 5-	Córrego que passa pelo Batatal.....	80
Fotografia 6-	Novo posto de saúde do Batatal.....	81
Fotografia 7-	Conjunto de casas populares, lugar muito bonito.....	81
Fotografia 8-	Animais são fáceis de encontrar no bairro.....	83
Fotografia 9-	Igreja Católica do Batatal em obra.....	84
Fotografia 10-	Imagem do lixo jogado na rua.....	85
Fotografia 11-	Lago utilizado por muitos para nadar.....	86
Fotografia 12-	Cachoeira local de diversão.....	87
Fotografia 13-	Curral para criação de cabras.....	88
Fotografia 14-	Casa bonita.....	90
Fotografia 15-	Quadra de esportes.....	91
Fotografia 16-	A Baiana.....	92
Fotografia 17-	A presença do rural.....	93
Fotografia 18-	A rua Rosaura.....	95
Fotografia 19-	Crianças brincando na rua.....	96
Fotografia 20-	O pasto castigado pela seca.....	97
Fotografia 21-	O bairro e a cachoeira.....	97
Fotografia 22-	Marcenaria.....	99
Fotografia 23-	As novas casas do bairro.....	100
Fotografia 24-	A cerca de bambu muito comum nas casas do Batatal.	101
Fotografia 25-	Vista da rua principal.....	102
Fotografia 26-	Jardim.....	103
Fotografia 27-	A mina.....	104
Fotografia 28-	A roça no Batatal.....	104
Fotografia 29-	O futuro campo de futebol.....	105
Fotografia 30-	O transporte escolar.....	109
Fotografia 31-	Rua que liga o bairro até o centro.....	111

Fotografia 32-	Casas vizinhas a escola.....	111
Fotografia 33-	A mata bonita do Batatal.....	113
Fotografia 34-	O grafite no muro da escola.....	114
Fotografia 35-	A natureza sempre presente no bairro.....	115
Fotografia 36-	Visão ampla da mata.....	116
Fotografia 37-	O quiosque do vizinho.....	117
Fotografia 38-	Os cavalos.....	118
Fotografia 39-	Vista do bairro a partir da BR.....	119
Fotografia 40-	Portão de acesso a escola.....	122
Fotografia 41-	Vista parcial da escola.....	122
Fotografia 42-	Parte bonita do Batatal.....	125
Fotografia 43-	Área verde do Batatal.....	126
Fotografia 44-	Sítio perto da escola.....	127
Gráfico 1-	Participantes da pesquisa segundo o gênero.....	71
Gráfico 2-	Escolaridade e idade dos jovens estudantes.....	73
Gráfico 3-	Principais elementos destacados nas fotografias.....	120
Imagem 1-	Mapa da localização de Lima Duarte e imagem aérea do Bairro Batatal.....	26

SUMÁRIO

Iniciando o tecer	15
1- Da experiência vivida à intenção de investigação	18
1.1- Memórias, histórias pessoais da pesquisadora.....	19
1.2- O início do interesse em pesquisar.....	21
1.3- Indagações e muitos incômodos.....	23
2- Bairro Batatal: Entre o campo e a cidade	25
2.1- As origens e características do bairro Batatal.....	29
2.2- Espaço e Paisagem.....	32
2.3- O Rural e o Urbano – visões do global até o local: Batatal.....	35
2.4- Perspectivas que ecoam do campo à cidade.....	40
3- Amarrações teórico-metodológicas	49
3.1- A escolha por trabalhar com fotografias.....	53
3.1.1- Farpas do balaio.....	60
3.2- A escolha pelos jovens estudantes.....	62
3.2.1- Bambus, os jovens volantes quem são?.....	63
3.3- Quando o balaio começou a ganhar forma.....	66
3.3.1- Indo a campo.....	68
4- A tessitura do balaio	70
4.1- O jovem Magno.....	74
4.2- A jovem Karina.....	89
4.3- O jovem Marcelo.....	94
4.4- A jovem Mariana.....	98
4.5- A jovem Jéssica.....	102
4.6- A jovem Greice.....	110
4.7- A jovem Tatiana.....	113
4.8- A jovem Nayara.....	117

5-	Concluindo a obra artesanal.....	120
5.1-	Coincidências no tecer.....	122
5.2-	Palavras finais.....	129
	Referências.....	132
	Anexos.....	135

RESUMO

Essa dissertação é resultado de uma pesquisa acerca das relações urbanas e rurais vividas pelos jovens estudantes volantes, filhos de trabalhadores rurais, moradores do bairro Batatal, localizado em Lima Duarte – MG. Portanto, o foco da investigação voltou-se para oito jovens estudantes, com idades entre 14 e 17 anos, que, para darem continuidade ao estudo, necessitam se deslocar do bairro para uma escola que fica no centro da cidade. Para tanto, utilizo uma metodologia de cunho qualitativo, onde as entrevistas semi-estruturadas com o apoio das fotografias buscam compreender como os estudantes representam suas histórias de vida permeadas pela relação urbana-rural. O suporte teórico-metodológico está alicerçado em Doreen Massey, Yi-Fu Tuan, Raymond Williams, Milton Santos, Valmir Stropasolas, José de Souza Martins e Oliveira Jr. As fotografias realizadas pelos jovens estudantes expressam significados pelos quais se definem e se constroem o espaço. Os comentários sobre as imagens produzidas expressam a maneira como eles vivenciam seus deslocamentos, construindo um ambiente em que o urbano e o rural não aparecem dissociados.

Palavras-chave: representações espaciais, relações urbanas e rurais, juventude e espaço

ABSTRACT

This paper is the result of a research experienced by urban and rural young flywheel students, rural workers children, Batatal residents, located in Lima Duarte - MG. Therefore, the focus of research turned to eight young students, aged from 14 to 17 years, which, to continue the study, need to travel from their neighborhood to a school in the town. For that, I use a qualitative methodology, where the semi-structured interviews, supported by photographs, seek to understand how students represent their life stories, permeated by the urban-rural relationship. The theoretical-methodological support is grounded in Doreen Massey, Yi-Fu Tuan, Raymond Williams, Milton Santos, Ana Fani, Valmir Stropasolas, José de Souza Martins and Oliveira Jr. The photographs taken by young students express means by which the pictures define and build themselves. The comments about the images produced express how they experience their movements, building an environment in which urban and rural do not appear separated.

Keywords: spatial representations, relationships, urban and rural, youth and space

INCIANDO O TECER

Esta dissertação se assemelha à confecção de um objeto artesanal, que sempre resulta em uma peça singular. Comparo-a com o processo de confecção de um balaio que é um objeto artesanal muito comum no meio rural e de grande utilidade, utilizado para armazenar frutas, para carregar o trato para o gado. Sua confecção segue uma linearidade, uma sequência variável ou não. O artesão necessita encontrar a matéria-prima essencial, ou seja, o bambu que é constituído por fibras vegetais. Essas exercem função semelhante à dos sujeitos da pesquisa, a escolha e seleção dos bambus vai depender da habilidade do artesão que aqui é representado pela pesquisadora. O entrelaçar dos bambus representa a busca por responder a questão da pesquisa, esse entrelaçar será os capítulos da dissertação, apresentando cada momento da pesquisa desde a escolha do método até a arte final, o “balaio”. Cada encontro e contorno realizado pelos bambus representam momentos importantes da pesquisa, auxiliando no formato do produto artesanal.

Em vários momentos vou emendando trechos sem prever o formato do balaio, às vezes, alguns bambus ficam desajustados por serem mais finos e de tons diferentes, sendo necessário até desmanchar, para corrigir e recomeçar. A elaboração da dissertação é intelectual, onde se exige um planejamento, um método que pode orientar o momento certo de tecer os bambus. A peça é uma arte artesanal onde se revela a presença do artesão. As ferramentas utilizadas são simples: facão, faca e lima para amolar. Assim como o artesão, as ferramentas do pesquisador também são simples: caneta, papel, câmera, gravador e computador.

Após concluída a pesquisa, não se vê apenas bambus soltos, mas sim organizados de maneira que configuram o balaio, inaugurando um novo sentido. Diferentes olhares podem permitir a decomposição da totalidade e desfocar do detalhe da parte, entretanto, quando unidos, eles inauguram um novo objeto.

A fim de facilitar o tecer da dissertação, essa passou por algumas etapas, que foram divididas em quatro capítulos, ajudando a explicar cada momento vivido

durante a pesquisa desde a escolha pelos jovens estudantes “volantes”¹,” até as imagens feitas por eles do percurso bairro- escola.

O primeiro capítulo, intitulado “**Da experiência vivida à intenção de investigação**”, relata a minha história pessoal, o convívio com o rural e o urbano, além de abordar meu interesse em investigar, a justificativa da pesquisa é fundamentada nessa etapa.

O capítulo 2 “**Bairro Batatal: Entre o campo e a cidade**” apresenta ao leitor a localização do município mineiro de Lima Duarte, conta a curiosa história de formação do bairro Batatal, que surgiu às margens da antiga linha férrea. Aproveito para abordar algumas questões sobre as categorias rural e urbano, campo e cidade, espaço e paisagem. Alguns autores que escrevem e discutem sobre essas categorias que serviram de suporte teórico, como: Raymund Willians, Tuan, Doreen Massey, Milton Santos, Cosgrove, Spósito, Endlich, Sobarzo e Henri Lefebvre.

No capítulo 3 “**Amarrações teórico-metodológicas**”, apresento minhas opções metodológicas, ou seja, as partes do balaio como a problematização, metodologia e a fundamentação teórica que ajudam a compor o tecer. Portanto, cada parte, ao se constituir, vai interferindo na constituição da outra. Mesmo que se tente produzir novos balaio, esses sairão de formas diferentes, tons mais fortes ou fracos, mais resistentes ou frágeis dependendo do trabalho do artesão.

O quarto capítulo, “**A tessitura do balaio**”, traz um pouco da história de vida dos jovens, apresenta as imagens feitas pelos jovens estudantes durante o percurso bairro/escola. Seus anseios, sonhos e suas relações urbanas e rurais podem ser observados através das narrativas e também das imagens feitas pelos estudantes, é o capítulo central da dissertação, onde procuro responder a questão de investigação: “**O que as narrativas dos jovens estudantes volantes do bairro Batatal, município de Lima Duarte – MG, possibilitam interpretar acerca das vivências do urbano e do rural?**” Com isso o balaio ganha seu formato, confirmando-se como de suma relevância para educação, uma vez que trabalhar com estudantes de diferentes realidades pode ser encarado como um desafio.

¹ Este termo “volante” é utilizado para denominar os movimentos vividos pelos estudantes que necessitam se deslocar de seu bairro ao outro a fim estudar. Fato que também ocorre com seus familiares os quais trabalham na área rural e residem no bairro. Irei esclarecer esse termo ainda no capítulo 1, quando explico quais foram os motivos que justificam a pesquisa.

No último capítulo **“Concluindo a obra artesanal”** o balaio é finalizado, é onde apresento minhas reflexões e palavras finais sobre as relações do urbano e rural vivenciados pelos jovens estudantes “volantes”.

A confecção do balaio é uma arte, precisa, exata, e o mais importante, toda a simetria é “tirada a olho”². Os bambus são colhidos em momentos propícios da lua, para que tenham maior flexibilidade. Depois de retirados, eles são lascados, afinados e postos a amadurecerem mais, para que possam arcar uniformemente. Em dias certos, começa o trabalho de tecedura. Depois as varetas são erguidas e o bojo do balaio é feito de tiras de taquara, para que fique reto.

A pesquisa passou também por essas etapas, desde a escolha dos bambus jovens estudantes, até a tessitura, onde as fotografias tiradas pelos jovens e suas narrativas ajudaram a erguer o balaio.

² O termo “tirada a olho” refere-se à forma rudimentar utilizada pelos homens que retiram o bambu, sem usar nenhum equipamento para medir com precisão, eles só verificam o bom estado da fibra vegetal, fazendo a escolha do bambu através olho. Esse também auxilia na forma que o balaio vai ter.

1.0- Da experiência vivida à intenção de investigação

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.
Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.
As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão
Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

Logo no início da minha pesquisa aproveito para convidar o leitor a enveredar pela arte de tecer um balaio. Cada etapa na confecção do balaio se mostrou fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Desde a seleção da fibra vegetal, o bambu, a definição do formato, sua altura e largura até a arte final que é o balaio em si.

O mundo da pesquisa é um local repleto de mistérios e surpresas com desafios para qualquer pesquisador. O convívio com inquietudes e curiosidades desde meu tempo de estudante do Ensino Médio, onde havia colegas de diferentes realidades, desde moradores de bairros periféricos do pequeno município de Lima Duarte até amigas que como eu, para darem continuidade aos estudos necessitaram sair da zona rural do município. Esses incômodos me levaram a entrar em movimento para tentar responder parte dessas inquietações. Esses momentos de angústia, reflexões, reviravoltas, aconteceram, mas tudo foi em constante busca pelo melhor caminho a seguir, parafraseando Drummond, as coisas findas muito mais que lindas essas ficarão, e sem dúvida ficaram registradas na mente de cada participante da pesquisa. Portanto, ainda que o momento pareça incerto, confuso, faz parte do processo da pesquisa e o que fica claro é que o de melhor já vivenciado sobre as relações rural-urbana que foge ao alcance da mão ganharam o devido reconhecimento com a pesquisa que se inicia.

1.1- Memórias, histórias pessoais da pesquisadora

Este capítulo revisita minha história de vida, onde marcas profundas da vivência com o rural foram deixadas, por meio de falas, silêncios e lembranças. Portanto, o mergulho no baú das experiências e trajetórias pessoais marcou o início de uma reflexão sobre uma possível pesquisa, pois me percebo constituída nas relações entre o rural e o urbano, no município de Lima Duarte - MG, vivendo uma história perpassada por caminhos parecidos aos de muitos moradores dessa localidade. Durante os primeiros 10 anos de minha vida morei na zona rural junto com a minha família e aos finais de semana, quando ia para a zona urbana visitar meus avós e parentes, aproveitávamos para ficar na nossa casa.

Ainda pequena não imaginava o quanto meus pais precisaram se desdobrar para garantir o início de meus estudos, pois não existia escola onde morávamos, sendo necessário migrarmos para Lima Duarte- MG a fim de que eu pudesse começar a estudar. Entretanto, meu pai mostrou-se preocupado com o número de crianças que não tinham acesso à escola na Comunidade Cachoeira do Pão de Angu e resolveu mobilizar a comunidade com a finalidade de criar uma escola, oferecendo estudos para todas as crianças que moravam na região. Assim, comecei a estudar em uma escola recém criada na zona rural de Lima Duarte, próxima à sede da fazenda do meu pai que, antes de se tornar a Escola Municipal Jacintho de Paula Motta, era uma casa de colono. Funcionava com turmas multisseriadas das antigas séries 1^a à 4^a do 1^o ciclo do Ensino Fundamental, contava apenas com uma professora³ e a cantineira. Ao concluir a 4^a série do Ensino Fundamental, migramos para a área urbana de Lima Duarte. A mudança impulsionada pelas contingências de continuidade da educação formal não diminuiu os laços rurais. As reuniões de família passaram a ser acontecimentos de retorno ao antigo lar, quase sempre nas datas comemorativas e finais de semana.

No ano de 1990, comecei a estudar na Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque, um lugar diferente, imenso, com várias salas de aula, muitos alunos, vários professores, funcionários e a cantina, não tinha nada que lembrava a antiga escola rural, onde o quadro era usado para duas turmas distintas, as cadeiras eram próximas, e todos os alunos, que chegavam ao total de vinte, tinham uma única

³A professora passava a semana na zona rural, morando na minha casa, ela dividia o tempo entre as aulas e o planejamento. Eu gostava de observá-la durante a realização dessas atividades.

professora. Estudava na Escola Adalgisa alunos dos diferentes bairros do município, além dos alunos das diversas localidades rurais. Tudo era novo, mas a vontade de superar os novos desafios era maior. Passei longos e prazerosos anos de estudo nessa instituição de ensino.

Foi na minha terra natal a primeira experiência como educadora, não mais como estagiária. Tudo começou em uma escola da zona rural, localizada no distrito de São Domingos da Bocaina (município de Lima Duarte-MG), que exatamente em 2000 passou a oferecer o Ensino Fundamental completo. A ampliação teve a finalidade de propiciar aos moradores do distrito a continuidade aos estudos. Para uma jovem professora recém-formada foi uma experiência enriquecedora, pois os alunos eram em sua maioria trabalhadores rurais e filhos de trabalhadores. Como a escola estava começando a funcionar, do 6º ano ao 9º ano ainda não havia uma boa estrutura com o intuito de atender esses novos alunos, o material didático era escasso, na biblioteca não havia livros para pesquisa. (Con) vivia com alunos de idades entre os 11 e os 50 anos, sendo que os alunos, na maioria, cursavam o noturno, com o intuito de conciliar a sobrevivência familiar e os anseios de terminar o Ensino Fundamental. Devido à dificuldade de acesso até o distrito, era necessário residir em São Domingos, os professores trabalhavam e moravam no espaço escolar.

Era o início das atividades de ampliação da escola e também o início da carreira de alguns professores, que moravam até então na zona urbana e por necessidades do trabalho passaram a residir na zona rural, mais especificamente nas dependências da escola. A experiência com os trabalhadores rurais marcou significativamente os primeiros anos da minha carreira no magistério. Os anos de dedicação ao magistério foram passando, trabalhei em escolas com realidades diferentes, localizadas em municípios como Lima Duarte, Olaria e Juiz de Fora. Na busca de ampliação de conhecimentos, resolvi fazer a especialização “Brasil: Estado e Sociedade” no ano 2007, oferecida pelo Instituto de Ciências Humanas da UFJF, que suscitou novos desafios relacionados à produção acadêmica.

1.2- O início do interesse em pesquisar.

Durante a elaboração do projeto para a seleção do mestrado, o que eu desejava era realizar uma pesquisa no bairro Batatal, rico em particularidades como, por exemplo, a concentração de pessoas vindas de outro bairro que sofria com as fortes chuvas e o perigo do desabamento de suas casas, e havia um grupo que já residia no bairro composto por pessoas vindas da zona rural do município e de outras cidades da zona da mata mineira que, de alguma forma, contribuíram para construção e solidificação do bairro. Existe um número elevado de pessoas moradoras do Batatal que trabalham em atividades ligadas ao campo, principalmente os homens, já que as mulheres se dedicam aos afazeres domésticos ou trabalham em casa de família em bairros do município. A ocupação ocorreu de forma espontânea e o bairro foi sendo produzido e habitado por trabalhadores que ali se instalaram com precária infra-estrutura, havia somente um pequeno posto de saúde e a escola estadual, calçamento nas ruas e água potável não existia.

Minha decisão em realizar a pesquisa na área da educação se deu devido a minha familiaridade com esse campo de estudo, pois sou remanescente de um pequeno município do interior de Minas Gerais. Enquanto educadora de Geografia, sentimentos e incômodos permeiam minha vivência, como: O que pensam os jovens que precisam se deslocar para estudar? Quais são as suas percepções acerca do rural e urbano? O que esperam alcançar com os estudos? Na verdade, a pesquisa buscou entrelaçar histórias de jovens estudantes volantes e suas vivências e relações com o urbano e rural, tentando compreender as singularidades de cada sujeito da pesquisa. A educação favorece a reflexão e o descobrimento de um caminho a seguir para cada jovem, a partir da elaboração de diferentes concepções do urbano e rural e da compreensão das relações entre os diversos fenômenos que compõem a realidade.

A palavra volante serve para representar as movências vividas pelos estudantes do bairro Batatal que se deslocam não por ilusão, mas com o intuito de buscar, através da educação as oportunidades que seus pais não tiveram. Essas andanças são diárias, do bairro para escola, da escola para o bairro. A vida desses jovens, assim como também de seus pais que trabalham na zona rural do município de Lima Duarte-MG, é envolvida por deslocamentos intensos, por vezes cansativos, mas é por meio desse movimento que eles buscam a realização profissional,

peçoal e como estudantes. Volante por ser representado como movimento, utilizado como metáfora poderia ser “volante da vida”, pois permite o deslocamento de acordo com a necessidade de quem o executa, “o condutor/guia”. No caso dos estudantes do bairro Batatal, a sua realização se deve à necessidade de descolar em busca da garantia de estudos, fato que também ocorre com vários estudantes brasileiros.

A pesquisa se projetou no desejo e na necessidade de responder questões relacionadas com a relação rural-urbana vivenciadas pelos moradores do Batatal e em especial pelos estudantes. Constituindo-se então a pesquisa, fruto da complexidade apaixonante em busca por respostas, essas não estavam prontas, sendo necessário um poder de observação e uma sensibilidade apurada para captar cada novidade que surgiu em torno da pesquisa que procurou desmistificar as relações do que é rural e urbano para os jovens estudantes volantes moradores do bairro.

Pensei que falar e escrever sobre a escola não seria difícil, pois estou inserida nesse espaço há 25 anos. Minha primeira experiência com a escola aconteceu em uma recém-criada escola rural e esse relacionamento de cumplicidade dura até os dias atuais, agora sou docente e ao mesmo tempo sou discente. A escola não é um espaço homogêneo, como uma instituição moderna onde encontramos diferentes realidades, ela reflete a experiência de contato com a diferença, sendo local de confrontos de valores, diferentes maneiras de encarar o mundo, é local de ideias que ajudam na formação da identidade de cada aluno. A escola tem um caráter multidimensional para os alunos e isso faz dela um lugar onde é possível aprender e ser feliz. A pesquisa em educação serve como dispositivo para perceber a fluidez, a vivência de cada estudante que mora em um bairro periférico do município de Lima Duarte e suas práticas rurais verificadas através de seus familiares e do relacionamento com a comunidade.

As relações urbanas e rurais estão presentes nesta pesquisa representadas pelo bairro Batatal e o município mineiro de Lima Duarte- MG, a pesquisa foi feita com jovens estudantes, denominados por mim de volantes, moradores de um bairro periférico que se encontram envolvidos com o urbano e rural, e que para darem continuidade aos estudos se deslocam diariamente para a escola localizada no centro de Lima Duarte. A escolha do tema se deu, então, a partir das constantes indagações sobre a vida dos estudantes volantes do bairro Batatal e suas vivências com o urbano-rural.

1.3- Indagações e muitos incômodos

Tomei como referência o estudo de jovens estudantes volantes, filhos de trabalhadores rurais com idade entre 14 e 17 anos, residentes em um bairro periférico da pequena cidade da Zona da Mata Mineira, Lima Duarte-MG, onde a única escola existente no bairro só atende até o 5º ano do Ensino Fundamental, o que faz com que os estudantes a partir do 6º ano passem a estudar em uma escola localizada no centro do município, denominada Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque, para a qual necessitam se deslocar diariamente. Assim, busquei refletir sobre as narrativas dos jovens estudantes acerca da relação rural-urbana, devido aos movimentos vivenciados por eles e pelos seus pais, com implicações importantes nas visões de mundo, no que diz respeito ao rural e urbano, à família e à escola.

Escolhi fazer a pesquisa na Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque, uma vez essa que instituição, atualmente, oferece estudos aos moradores do bairro Batatal a partir do 2º ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Essa escola recebe estudantes de diversos bairros e também os estudantes da zona rural. Foi nessa escola que estudei quando migrei da zona rural para zona urbana, sendo um local rico para pesquisa, com grandes desafios, como, por exemplo, integrar os estudantes dos bairros periféricos com os do centro da cidade.

A questão inicial apresentada ainda no pré-projeto era extremamente abrangente, sendo necessário reformulá-la, devido à dificuldade do estudo da relação rural-urbana com os sujeitos da pesquisa, as crianças, uma vez que esse assunto é de grande complexidade até para os adultos. A atual questão feita durante a pesquisa não exclui por total a anterior, mas descortina novas possibilidades de estudo.

A dificuldade em definir o problema é destacada por Corazza (2007) como:

[...] construir um problema de pesquisa é começar a suspeitar de todo e qualquer sentido consensual, de toda e qualquer concepção partilhada, com os quais estamos habituadas/os; indagar se aquele elemento do mundo - da realidade, das coisas. Das práticas, do real - é assim tão natural nas significações que lhe são próprias [...] Em suma, criar um problema de pesquisa é virar a própria mesa, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias (p.116).

Portanto, como elencado por Corraza (2007), a definição do problema, essencial para o desenvolvimento da pesquisa, é um processo de indagação constante, durante todas as etapas da pesquisa desde a observação, as visitas a escola, até o momento da análise das entrevistas. A questão nasceu de cada incômodo vivido pela pesquisadora, ou seja, ela não surgiu por acaso, foi engendrada. Às vezes é necessário problematizar o que já foi problematizado ou reproblematicar, foi o que percebi logo no começo do mestrado: seria viável reelaborar minha pergunta de investigação.

Depois de passado o período vivido entre o incômodo e incertezas, surgiu então à questão da pesquisa que se refere à compreensão das relações rural – urbano em um bairro periférico de um pequeno município da Zona da Mata Mineira, aos olhos de jovens estudantes. Diante do exposto, o trabalho procurou investigar e responder a seguinte indagação: ***“O que as narrativas dos jovens estudantes volantes do bairro Batatal, município de Lima Duarte-MG, possibilitam interpretar acerca das vivências do urbano e do rural?”***

Esse questionamento me lança em um caminho de investigação no qual foi necessário entrar em contato com os sujeitos da pesquisa, para buscar interpretar, analisar, descrever e entender as suas relações e sensações do rural e urbano.

Logo, a pesquisa girou em torno dos significados que esses estudantes, com idade entre 14 a 17 anos, atribuem ao urbano e rural. A forma como eles visualizam o espaço, os fluxos vividos e como representam seus deslocamentos, que são os componentes que justificavam uma pesquisa sobre os jovens estudantes volantes. Procurei perceber como eles constroem seus mundos e como se relacionam com o urbano e rural.

2.0- Bairro Batatal: Entre o campo e a cidade

CIDADEZINHA QUALQUER

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.

Carlos Drummond de Andrade

A justificativa para esse título se deve à história do bairro, ele é cercado por pequenas propriedades rurais, sendo o limite do perímetro urbano de Lima Duarte, seus moradores antigos foram moradores da zona rural e mudaram para o município, onde escolheram o pequeno bairro do Batatal para morar. Os habitantes em sua grande maioria trabalham em atividades ligadas ao campo, em plantações de eucalipto, roçando pastos e cuidando de animais.

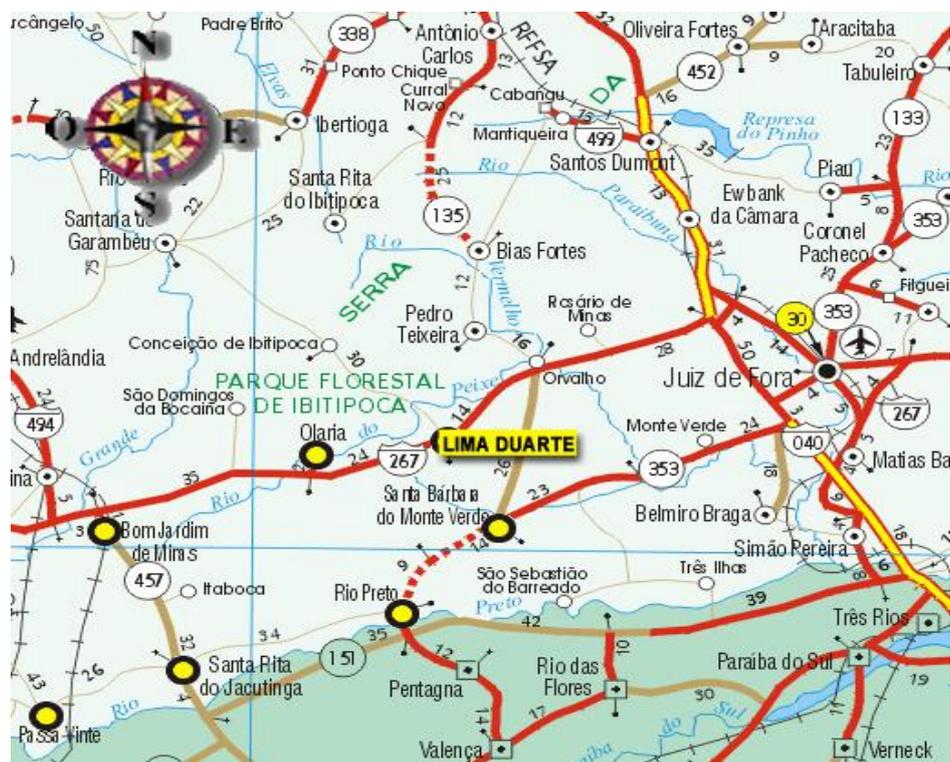
O município de Lima Duarte pode ser comparado a “Cidadezinha qualquer” de Carlos Drummond, por possuir características típicas dos municípios mineiros envolvida com o campo, onde diferente dos grandes centros urbanos tudo caminha mais lentamente, o ar é puro, onde ainda é possível ouvir o canto dos pássaros, local favorecido com o contato com a natureza, Lima Duarte é envolvido por “mar de morros”.

Esse pequeno município da Zona da Mata Mineira possui uma área territorial de 848 Km² em Região Montanhosa, boa parte da extensão territorial do município é composta por áreas rurais, e tem uma população de 16.166 habitantes⁴. O município de Lima Duarte possui um dos povoamentos mais antigos do Estado, suas origens remontam aos fins do século XVII.

Na página a seguir é possível observar a localização de Lima Duarte, pois apresento uma imagem aérea com base no Google Earth e um recorte de um mapa de Minas, onde destaco o município, ajuda a localizar o bairro Batatal em Lima Duarte, às margens da Br. 267 que liga a Zona da Mata Mineira ao Sul de Minas.

⁴ Dados fornecidos pelo site do IBGE. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso realizado em 23/12/2010.

Imagem aérea do Bairro Batatal – Lima Duarte-MG



Fonte: www.limaduarte.com/localizacao

Os municípios que integram a Zona da Mata Mineira têm como base uma economia tradicionalmente apoiada na atividade agropecuária que alimenta importantes agroindústrias. Isso não é diferente em Lima Duarte, onde a base da economia é o setor primário, com destaque para os laticínios, que recebem o leite dos produtores da região e o transformam em queijos, manteiga, iogurte, requeijão, doce de leite, dentre outras. O município fica próximo ao Sul de Minas, em plena Região das Conclusões da Serra da Mantiqueira. Lima Duarte é marcado pela vinculação com a natureza e pelas relações sociais, possui vários bairros, povoados, vilarejos e três distritos. Destaco o bairro de Batatal, que surgiu às margens da linha férrea, onde migrantes vindos de pequenas localidades como Pedro Teixeira, Bias Fortes, Orvalho, Manejo, dentre outras, fixaram-se nesse lugar. O solo é fértil, próprio para o cultivo de vários produtos, em especial a batata, o que acabou por nomeá-lo. O bairro se constitui como em elo entre o rural e o urbano.

Lima Duarte tem sua origem muito parecida com a da maioria dos municípios mineiros, sua fundação foi graças a um grupo de colonos que se estabeleceu a beira das estradas que davam para as minerações. Aí se formou um pequeno núcleo colonial ao redor de uma capelinha. Os primeiros colonizadores eram de São Paulo, Rio de Janeiro e de Portugal. O primeiro nome que o município recebeu foi Nossa Senhora das Dores do Rio do Peixe, e a origem deste nome se deve a Santa padroeira da primeira capelinha de Nossa Senhora das Dores, mais o fato de ser banhado pelo rio do Peixe. Em 30 de outubro de 1884, a Lei 3.269 mudou a denominação do Município do Rio do Peixe para Lima Duarte e nesta data comemora-se tão somente a mudança de denominação municipal. O nome foi dado em homenagem a um médico e político barbacenense, que muito contribuiu para a emancipação do município, e se chamava José Rodrigues de Lima Duarte.⁵

Segundo dados do IBGE, atualmente a estimativa da população limaduartina é de 16.166 habitantes e a maior parte da população reside na zona urbana, entretanto pequenos municípios como Lima Duarte vivenciam muito do mundo rural, esses municípios têm um espaço marcado pela vinculação com a natureza e pelas relações sociais, constituindo elos de integração do mundo rural com o sistema mais geral de cidades.

⁵ Dados obtidos através do site <http://www.limaduarte.com>. Acesso em: 02 fev. 2010.

O município de Lima Duarte possui os seguintes Distritos: Conceição de Ibitipoca, São José dos Lopes e São Domingos da Bocaina; e também as Vilas e povoados de Mogol, Souza, Monte Verde, Rancharia, Orvalho, Manejo, Palmital e Capoeirão. A localidade abrange também o Parque Estadual do Ibitipoca. Os municípios vizinhos são: Santana do Garanhém, Andrelândia, Bom Jardim de Minas, Olaria, Santa Bárbara do Monte Verde, Pedro Teixeira, Bias Fortes e Juiz de Fora.

Antigamente, a integração entre os municípios de Lima Duarte e Juiz de Fora era o transporte ferroviário que foi aberto ao tráfego em 1914 até a estação de Penido e, em 1926, chegou ao município de Lima Duarte. Com a inauguração do ramal da ferrovia iniciou-se uma fase de desenvolvimento e progresso para a região. Em 1972, os trens de passageiros deixaram de circular, sendo suprimido em 01/09/1974.⁶

Os registros históricos e estudos realizados sobre o bairro Batatal⁷ são escassos, portanto é de difícil precisão a data da origem do bairro, mas os habitantes antigos chegaram aproximadamente na década de 60. A região era constituída por pequenos sítios e poucas habitações dispersas ao longo do bairro. Para resgatar a história do bairro, entrevistamos o Sr. Abel Augusto Tavares de Matos, de 89 anos, um de seus mais antigos moradores. Segundo o entrevistado, em 1911, a Central do Brasil tinha um projeto de expandir a ferrovia para o sul de Minas Gerais, que iria interligar a cidade de Juiz de Fora, saindo do bairro Benfica passando por Lima Duarte, até chegar à cidade de Bom Jardim de Minas. Em 1926, a estrada de ferro foi inaugurada, mas chegou somente a ser construída até a cidade de Lima Duarte.

Onde hoje está o bairro de Batatal era localizada a linha férrea e com o passar do tempo, o bairro foi se expandindo aos poucos. Os moradores da época não tinham acesso ao saneamento básico, água potável, segurança e transporte.

Quando o bairro começou, a água era de mina (nascente), depois, veio do "Açude do Paiolinho" e, bem mais tarde, veio a água

⁶ Dados obtidos através do site: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>. Acesso em: 02 fev. 2010.

⁷ Para conseguir o histórico do Bairro Batatal foi necessário recorrer à história oral, pois não existem documentos que contam a sua origem. Várias entrevistas foram realizadas entre elas destaco o apoio do Sr. Abel um dos primeiros moradores do bairro, a ex-diretora e professora da escola Tereza Cristina que trabalhou na década de 80 lecionando para moradores do Batatal e que lutou para a criação da escola do Batatal, foi à primeira diretora da escola. Realizei entrevista com a assistente social Miriam, ela não permitiu que fosse gravada a nossa conversa. Miriam foi uma das responsáveis pelo povoamento do bairro.

*encanada e tratada. Não existia energia elétrica, a iluminação era feita por lamparinas e, em poucas casas, por lampiões.
(Fragmento da entrevista feita com Sr. Abel⁸)*

A história da ocupação humana no bairro Batatal está vinculada ao fato de existirem várias famílias vivendo em uma região onde havia risco de desabamento no município de Lima Duarte-MG, o local era conhecido como Morro do Querosene, ficava próximo aos bairros de Santa Terezinha e o da Barreira, sendo esses bairros antigos e importantes do município. As famílias que residiam nas imediações do morro do Querosene foram deslocadas para o Batatal com a ajuda da Prefeitura Municipal, que conseguiu junto à rede ferroviária a doação de lotes localizados às margens da estrada de ferro, que já estava desativada há algum tempo. Em 1985, após várias reuniões presididas pela Secretaria de Assistência Social Municipal, entre os acordos firmados ficou decidido que, para melhor infra-estrutura do bairro, ele ganharia um posto de saúde e uma escola, com a finalidade de atender a nova demanda do local.

2.1- As origens e características do bairro Batatal

Antigamente era uma chácara onde morava um único homem e que tinha um carro. Só se ia a Juiz de Fora de trem de ferro. As primeiras pessoas vieram da Serra de São Bento, localidade da zona rural de Lima Duarte. Os primeiros habitantes ainda são vivos e residem no local, como o Sr. Abel, José Osório e "Vó Rita".

Algumas famílias já habitavam as beiradas da linha férrea. A maior parte dos terrenos pertencia à Dona Inácia Delgado Motta, minha sogra, que vendeu uma parte para Joaquim Pedro e depois foi vendendo mais lotes, aos poucos. Posteriormente, uma parte do terreno foi doada para a Prefeitura e, na época em que o Dr. Domingos era prefeito de Lima Duarte, ele cedeu lotes para algumas famílias e o bairro começou a ser povoado. Quando acabou a ferrovia, o Dr. Aroldo, que era diretor da Rede Ferroviária Central do Brasil, doou e distribuiu lotes para os moradores que vieram do

⁸ Morador antigo do Batatal que, juntamente com sua esposa Rosaura, construiu uma sólida família, o qual ainda procura ajudar os moradores do bairro, graças ao seu depoimento foi possível construir a história do bairro.

Morro do Querosene, no Bairro Santa Terezinha, considerada área de risco.

(Fragmento da entrevista do Sr. Abel em 09 de julho de 2008)

As três famílias que habitavam o bairro eram a família Modesto, a Andrade e a Miranda. Essas famílias viviam em perfeita harmonia, só existia um aparelho de TV preto e branco no Batatal, o bairro sempre teve fortes ligações com o campo. No início da década de 80 eu dava aula para moradores do Batatal e realizei uma pesquisa para conhecer melhor os moradores da localidade: 89% da população do bairro era negra e a renda média familiar era de meio salário mínimo.(...) O bairro foi povoado por pessoas de várias partes, não só por moradores de localidades como Querosene, como também moradores do Rio de Janeiro.

(Fragmento da entrevista com ex-diretora e professora Tereza Cristina em 22 de julho de 2010)

O bairro possui uma rua principal: Rosaura Moreira Tavares, homenagem a uma das primeiras moradoras do local que, juntamente com seu esposo Abel, fizeram do Batatal a sua vida. A ilustre moradora D^a Rosaura foi uma grande assistente social sem formação, era parteira além de ser a pessoa que providenciava tudo na comunidade, fazia tudo como voluntária sem esperar por reconhecimento ou remuneração. Ela era devota do Menino Jesus de Praga, foi quem idealizou e fundou a Capela Menino Jesus de Praga, os moradores do Batatal tinham um grande respeito e adoração por ela, portanto resolveram homenageá-la com o nome da rua.

As casas, situadas do lado de cima da rua Rosaura, são edificações simples na maioria com lajotas a mostra de telhado de amianto, sem cerâmica no chão e com pequena área próximo ao barranco, onde vê-se um simples tanque e um fogão a lenha. São casas pequenas e próximas uma das outras, fato esse que muitas vezes interfere na privacidade dos moradores. Percebe-se que as casas do lado de baixo da rua possuem em sua maioria uma infra-estrutura melhor, é o lado mais antigo do bairro, onde residem os antigos moradores, sendo que alguns moram em áreas espaçosas se comparados aos moradores do outro lado.

O Batatal é um bairro que passou a fazer parte da zona urbana do município de Lima Duarte só recentemente no ano de 1998⁹, ele é um bairro residencial, com

⁹ Documento que comprova a integração do bairro Batatal ao perímetro urbano do município. Lei municipal n° 1085 anexo n°2.

poucos comércios espalhados como pequenas mercearias e botequins (bares). O bairro está inserido, para quem parte do município vizinho de Juiz de Fora, no início do município de Lima Duarte, localizado na parte noroeste do município, à margem direita da BR-267, entre os bairros de Três Porteiras, Paradinha e Recanto Alegre, o acesso ao bairro é feito por uma estrada que só foi pavimentada no ano de 2007.

No decorrer dos anos o crescimento foi lento e de forma espontânea. Foi surgindo ocupações feitas por trabalhadores que ali se instalaram sem nenhuma infra-estrutura, a ocupação residencial foi adensada pela permanência dos descendentes do Querosene e pela vinda de famílias de outras pequenas localidades como Pedro Teixeira, Bias Fortes, Orvalho, Manejo, e até municípios de outros estados, dando forma a uma nova organização espacial do Batatal. A maioria dos habitantes do bairro vive da agricultura de subsistência, ou seja, produziam o suficiente para manter sua família, garantindo assim o próprio sustento; também trabalham para os produtores rurais vizinhos ao bairro. Cabe notar que o bairro Batatal apresenta algumas características típicas da periferia da maioria das cidades brasileiras, sendo área com maior concentração de pessoas de baixa renda, além é claro, de apresentar carência de infra-estrutura básica.

Havia entre os moradores e o maquinista uma troca, pagava-se as passagens com batatas. As pessoas plantavam batatas nas propriedades locais e as vendiam em sacos próximos à linha de trem. Os guarda-freios e maquinistas aproveitavam a faixa do trem e faziam a feira. O maquinista fazia uma pequena parada no bairro quando chegava da cidade de Juiz de Fora para os moradores do bairro Batatal descerem, como muitos não tinham dinheiro para pagar a passagem, eles pagavam com batatas. Atualmente, já não se produzem e nem se vendem batatas no bairro.

O primeiro comércio foi do Sr, Sebastião Correa, o "Nem", e depois foi o meu. O comércio do "Téa", que hoje é mais conhecido, veio depois.

(Fragmento da entrevista do Sr. Abel em 09 de julho de 2008)

A escola inicialmente pertencia à rede estadual, foi criada pelo Decreto nº 32.472, de 25 de janeiro de 1991, publicada no "Diário de Minas Gerais" de 26/01/1991. Denominou-se Escola Estadual Altivo Pedro Gomes em homenagem ao ex-vereador deste município Sr. Altivo Pedro Gomes, conhecido também como Sr. Dida. Ele, juntamente com o Sr. Jésus, empenhou para que o terreno fosse vendido para a construção da escola. Em 1998, a escola foi municipalizada, conforme

Resolução 9236/98 de 01/01/1998, publicada no "Minas Gerais" de 05/03/1998, passando a denominar-se "Escola Municipal Altivo Pedro Gomes", de Ensino Fundamental da Pré-Escola ao 5º ano do Ensino Fundamental, atualmente a escola funciona em tempo integral.

O pátio da escola era o local onde os moradores do bairro jogavam o lixo de suas casas, isso incomodava muito e como sempre procurava ajuda com políticos e empresários de diferentes municípios, consegui apoio de um empresário do Rio de Janeiro que arrumou uma máquina e construiu uma quadra para as crianças e moradores do Batatal.

(Fragmento da entrevista com ex-diretora e professora Tereza Cristina em 22 de julho de 2010)

2.2- Espaço e paisagem

Os conceitos espaço e paisagem representam para a geografia algo específico a ser estudado e debatido. Além deles, há outros conceitos essenciais para a ciência geográfica como território, lugar e região. Espaço e paisagem são duas categorias importantes da geografia que se apresentam fundamentais nessa pesquisa. Para entendermos melhor as principais características do bairro Batatal é preciso saber o que é espaço e como ele se apresenta aos jovens estudantes volantes através das fotografias feitas por eles durante seus deslocamentos.

Por vezes a palavra espaço pode parecer estar relacionada com um determinado ponto da terra, onde o homem, através de suas necessidades, acaba por imprimir marcas, modificando-o, sendo então também chamado de espaço geográfico, um local que foi transformado pelo homem devido suas necessidades. Mas o conceito de espaço pode ser descrito por acepções distintas. A palavra é associada em diferente escala, desde o global até o local, a um lugar mais específico, como, por exemplo, o bairro Batatal.

O espaço pode ser trabalhado em diferentes formas na geografia, mas outras ciências podem utilizá-lo também. Cada uma dessas áreas leva em consideração as

necessidades específicas de cada área. Ele é fruto das inter-relações e essas relações seriam práticas vividas a cada dia no espaço, onde sempre há conexões a serem feitas; no Batatal as relações do rural e urbano estão ligadas a atividades de trabalho, pois algumas pessoas se dedicam a práticas agrícolas em sítios vizinhos ao bairro. Portanto, o Batatal não é um local fechado, pois ele se relaciona com o todo. O espaço ajuda a moldar a nossa maneira de ver o mundo, a forma como o enxergam, as fotografias feitas ajudam a esclarecer essa questão. Para Santos (2008) o espaço é uma palavra que abriga uma gama de sentidos.

O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoados por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos, ao lugar a seus habitantes. Neste nosso mundo se estabelece, por isso mesmo, um novo sistema da natureza, uma natureza que, graças exatamente ao movimento ecológico, conhece o ápice de sua desnaturalização (p.86).

O espaço possui uma força da dimensão identitária da sociedade, é usufruído cada vez mais por ela, sendo um lugar de encontro e (des)encontro, arranjos e rearranjos, possuindo múltiplos diálogos com o mundo que, através do processo de globalização, é visto para além das fronteiras demarcadas, rígidas, estando aberto ao encontro e (des)encontro da sociedade, vivendo essa mobilidade, sendo fruto do entrecruzamento de influências e interesses, estando marcado pelo complexo mundo dos homens.

A preocupação com o espaço permeia os estudos geográficos, diversos geógrafos possuem concepções diferentes, que acabaram por apresentar diferentes noções para o espaço geográfico, concluindo que ele seria o palco das atividades humanas, o produto das relações sociais determinadas pela ação do homem, sendo, portanto, fruto de uma construção do processo social. O espaço pode ser trabalhado de várias formas na geografia. No caso específico desta pesquisa, posso dar como exemplo espaço bairro, o espaço escolar do local de estudos dos jovens “volantes”, o espaço município (urbano/rural), ou seja, espaços perpassados e vivenciados pelos jovens estudantes onde relações surgem, afirmam, intensificam e modificam o espaço.

Para Massey (2008) o espaço pode ser visto como produto de inter-relações aonde vai se constituindo através destas interações, deve ser compreendido como uma esfera de possibilidades, onde há coexistência da heterogeneidade. No bairro

Batatal é nítido essa coexistência, onde uns trabalham no espaço rural como trabalhadores volantes e outros se dedicam ao trabalho no espaço urbano, como pedreiros e motoristas. Massey reconhece o espaço como estando sempre em construção, ele jamais está acabado e nunca fechado. Nas imagens feitas pelos jovens o espaço Batatal aparece em construção no exemplo das fotos das casas populares e na obra do novo campo de futebol, justificando o que Massey fala em seu livro.

Quero afirmar que o espaço é igualmente divertido e ameaçador. Se o tempo deve ser aberto para um futuro do novo, então o espaço não pode ser equiparado com os fechamentos e horizontalidades da representação. De um modo mais geral, se o tempo deve ser aberto, então o espaço tem de ser aberto também. Conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política (2008, p.94-95).

O espaço está sempre em construção, jamais está acabado, não é um local fechado, possui uma esfera de possibilidade da existência da multiplicidade, da coexistência da heterogeneidade. O bairro Batatal é exemplo, surgiu às margens da antiga ferrovia que ligava Juiz de Fora a Lima Duarte. O processo de produção do espaço apresentou a concentração de pessoas vindas do meio rural que buscavam na cidade a realização de seus sonhos. Segundo Tuan :

Espaço é um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em complexidade e sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. Contudo existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas (1983, p.39).

O povoamento do Batatal aconteceu de forma desordenada, pois casas foram surgindo sem a existência de uma infra-estrutura adequada, faltando tudo: água tratada, esgoto, calçamento, dentre outros. Entretanto, como já fora elencado, o espaço está sempre em transformação e, assim, ele foi aos poucos se modificando. A construção da escola, materialização de um dos direitos que foram sendo conquistados, serviu de um incentivo para os moradores da localidade. Assim, o espaço é fruto da construção de um processo social, ele é único a partir da globalização dos diferentes espaços. Cada lugar, mesmo em pontos mais remotos,

revela o mundo, o que ele é, mas também o que ele não é. O bairro Batatal é um exemplo, demonstrando a todos o seu modo de vida interiorano, não abandonando a sua forte ligação como o rural.

Segundo Corrêa (1995), após 1970 o conceito de paisagem ganhou novas dimensões nos campos morfológico, funcional, histórico e espacial. Ela é portadora de diferentes significados onde se representa valores e crenças, portanto, ela também possui uma dimensão simbólica. A paisagem é produto da ação humana ao longo do tempo, sendo resultado visível dos processos de produção do espaço.

No decorrer desta pesquisa, a paisagem do bairro Batatal foi ponto de partida do trabalho e também ponto de chegada, espaço onde paisagens rurais e urbanas se misturam no espaço do bairro, como por exemplo, podemos observar as diversas fotos “flagrantes” feitos pelos jovens volantes como o calçamento, o poste de luz, o transporte público, o muro pintado representando o movimento Rip Rop, flagrantes de uma realidade urbana; contracenando com momentos onde podemos observar currais, pequenos sítios, a forte presença de animais.

Para Cosgrove (1998), paisagem pode ser representada seguindo uma abordagem cultural, onde pode ser feita uma análise do símbolos que ela pode atribuir. O autor identifica dois tipos de paisagens geográficas, a primeira seria a paisagem da cultura dominante e a segunda é denominada de paisagens alternativas, que é o tipo de paisagem que melhor se associa o bairro Batatal, onde se detecta as paisagens residuais, excluídas.

2.3- O Rural e o Urbano - visões do global até o local: Batatal

No decorrer do século XX, ocorreram diversas mudanças nas relações entre o espaço rural e urbano, mas essas não reduziram o contraste que já existia. São relações com pessoas e objetos, fazendo e refazendo o espaço, elas se complementam através de trocas materiais e imateriais. Como o trabalho rural passou do manual “artesanal” para as máquinas, ou seja, com a introdução de novas tecnologias modernas, ocorreu uma modernização do campo e as

concentrações populacionais voltaram-se para o urbano com o novo despertar da indústria.

Lefebvre (2001) no livro “O direito à cidade” fala que ao longo do tempo essa relação mudou, pois a cidade se tornou um centro de decisão. Contudo, como o campo não está em vias de desaparecer e nem a cidade é o lócus do moderno, esses espaços devem ser vistos segundo uma visão dialética, o campo não é sinônimo do rural e a cidade não abarca somente o urbano. O rural e urbano não são pontos extremos, eles apresentam o modo de vida, e campo e cidade correspondem à materialização do modo de vida. Logo, os valores rurais podem ser encontrados no bairro Batatal, como o uso por alguns moradores do fogão à lenha.

Com o processo de globalização, estamos passando por um momento de grandes transformações nos viveres rurais e urbanos contemporâneos. Os caminhos para compreender a relação entre o rural e urbano não estão prontos, existindo uma ampla discussão acerca desses caminhos. A geografia vem analisando o espaço e entendendo que o homem se coloca nele como necessário. O espaço geográfico urbano é dinâmico devido à necessidade de desvendamento do processo urbano. Observando o espaço como uma paisagem em constante transformação é possível compreender que os processos migratórios contribuem para as mudanças, ou seja, causam a fluidez do espaço.

A paisagem evidencia as marcas dos processos de evolução e produção espacial. Ela representa o processo histórico de um determinado lugar, no caso específico do Batatal, ao verificar as imagens feitas pelos jovens estudantes, a paisagem do bairro está vinculada à natureza e as modificações podem ser verificadas através do calçamento da rua, novo posto de saúde e o conjunto de casas populares. Ao escrever sobre “Os espaços da globalização”, Santos afirma que:

A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, amplificação em sistema-mundo de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Nesse sentido, com a unificação do planeta, a Terra torna-se um só e único “mundo” e assiste-se a uma refundição da “totalidade –Terra”. Trata-se de nova fase da história humana. Cada época se caracteriza pelo aparecimento de um conjunto de novas possibilidades concretas, que modificam equilíbrios preexistentes e procuram impor sua lei. Esse conjunto é sistêmico: podemos, pois, admitir que a globalização constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea (2008, p.45).

Para Massey (2008), a globalização é atualmente espaço livre, sem limites, onde se vive não mais o mundo de lugares delimitados, mas sim o mundo de fluxos. A relação entre as pessoas e os seus fluxos pelo espaço acarretam a compreensão de que o campo não está separado da cidade, uma vez que se completam, através de relações dialéticas. Os espaços rurais e urbanos se articulam proporcionando uma sociedade urbana pautada segundo essas relações, em que o campo supre a cidade com produtos agrícolas e esta, por sua vez, abastece o campo com novas tecnologias. No mundo contemporâneo atual os moradores do bairro Batatal garantem o sustento de suas famílias, dedicando-se ao trabalho, e no final do dia retornam para suas residências na cidade.

Segundo Massey (2008), o mundo é feito através das relações, ou seja, um mundo além do torrão de cada um, onde se vive e trabalha. Para a referida autora a conceituação da representação de um espaço como aberto múltiplo, não acabado servindo como pré-requisito para que a história seja aberta. No que tange a realidade do bairro cada jovem vive uma história própria, aberta entremeada por relações urbana e rurais.

Sendo assim, a sociedade atual está inserida em um repleto de novas tecnologias, em que em um simples piscar de olhos podemos viajar da nossa casa para os cantos mais remotos e improváveis do planeta. O termo globalização pode ser associado à mundialização, interdependência entre os povos e as nações. Logo, a globalização perpassa pelos diversos setores da sociedade. Ou seja, ela adquire diversos significados e representações, que implica o reconhecimento da espacialidade. Na globalização não existe espaço delimitado, mas um local sem barreiras, aberto, perpassando fluxos, movências. Segundo Milton Santos (2008), “o espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares.” (p.31)

Com a globalização, o planeta seria um único mundo, mas com diferentes realidades, não seria um lugar harmônico, pois crises, embates, distorções existem. A escala mundial representa a lógica mundial, entretanto cada lugar é ponto de encontro e (des) encontro da lógica, redefinindo os lugares em escala que vai desde o global até o local. Mesmo apontando a aproximação dos diferentes espaços, o que

se observa é uma não unificação dos espaços. Exemplificando, o espaço rural não deixa de ser rural mesmo com intervenção do espaço urbano.

O espaço rural nasceu junto com cidade e de forma indissociável, uma associação dicotômica de rural/urbano a de atrasado/moderno. O espaço abarca uma gama de especificidades, faz-se necessário especificar se é rural ou urbano.

Existem diferenças entre o rural e urbano, eles são espaços que se relacionam e interpenetram não podem ser compreendidos separadamente, pois não surgiram isoladamente. Milton Santos (2008) já falava que eram regiões agrícolas e regiões urbanas, pois ele preferia dividir rural e urbano em espaço agrícola e espaço urbano:

Graças à evolução contemporânea da economia e da sociedade, e como resultado do recente movimento de urbanização de expansão capitalista no campo, podemos admitir, de modo geral, que o território brasileiro se encontra, hoje, grosseiramente repartido em dois grandes subtipos, que agora vamos denominar de espaços agrícolas e espaços urbanos [...] Hoje, as regiões agrícolas (e não rurais) contêm cidades; as regiões urbanas contêm atividades rurais. Na presente situação socioeconômica, as cidades preexistentes, nas áreas de povoamento mais ou menos antigo, devem adaptar-se às demandas do mundo rural e das atividades agrícolas, no que se refere tanto ao consumo das famílias quanto ao consumo produtivo, isto é, o consumo exigido pelas atividades agrícolas ou agroindustriais (p. 73).

Visto assim como Santos (2008), o urbano e o rural contemporâneo surgiram a partir da história da industrialização, que possibilitou o desenvolvimento da mercadoria, tomando a vida de cada um, facilitando o controle com os pontos mais remotos do planeta, através do aprimoramento das redes de transporte e comunicações. Existem diferenças entre esses espaços, como por exemplo, o modo de vida. Pode existir no espaço rural um destaque à valorização da família e da comunidade, mistura-se o envolvimento do trabalho com o da vida de cada um, o que não quer dizer que isso não ocorra também no espaço urbano, mas o modo de vida urbano acaba por dar uma ênfase maior à profissão, mesmo não desmerecendo o convívio familiar e em comunidade.

No Brasil, as primeiras mudanças no mundo rural e urbano iniciaram ainda no século XX. Nas primeiras décadas desde século, a sociedade brasileira se apresentava amplamente rural, entretanto entre 1940 a 1980 ocorreu um crescimento da população urbana do Brasil. Nessa época ocorreu uma inversão da

distribuição populacional, ou seja, esvaziaram-se as áreas rurais, com o êxodo rural, e a população rural migrou para as cidades, acelerando o crescimento da população urbana brasileira.

A população que permaneceu no espaço rural passou por um processo de transformação, através da queda da oferta de trabalho com a substituição do trabalho braçal por máquinas, como por exemplo, tratores e colheitadeiras. As áreas rurais se modificaram, ainda que essas transformações no espaço rural favoreceram um fluxo migratório do trabalhador rural para as cidades, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980. Nessa época, o crescimento e a formação dos centros metropolitanos refletem um novo país, com graves questões a serem resolvidas, como, por exemplo, o surgimento das favelas e a ampliação de áreas invadidas, sem possuir uma infra-estrutura adequada como o esgoto e água tratada, além do aumento da violência, do caos no trânsito, precariedade dos meios de transporte público, falta de emprego, fazendo com que a mendicância muito se elevasse.

O espaço rural tem passado por profundas mudanças, mas um traço fundamental ao se apontar um lugar como rural é associá-lo às atividades ligadas à terra, vinculadas a atividades primárias. Já o urbano é o lugar que vive através da imposição do capital. O espaço urbano passa a representar o social em geral e ambos representam o global. Os padrões e valores e o modo de vida do espaço urbano são estendidos ao espaço rural com os processos de trabalho e produção. A imagem do fim do espaço rural está ligada ao fim da imagem da natureza. O espaço rural e o espaço urbano correspondem a representações contemporâneas sujeitas a reelaborações e representações sociais diversas de acordo com o universo simbólico a que estão referidas.

Esses espaços não podem ser vistos como espaços homogêneos, já que possuem particularidades que podem intrigar ou instigar pesquisas. Eles encantam e desencantam, atraem e expulsam, justificando o motivo em realizar a pesquisa no bairro Batatal por ser um espaço permeado pelo rural e urbano.

Os adjetivos urbano e rural, todavia, referentes à cidade e ao campo, ganharam autonomia apenas recentemente e dizem respeito a uma gama de relações culturais, sócio-econômicas e espaciais entre formas e processos derivados da cidade e do campo sem, no entanto, permitirem a clareza dicotômica que os caracterizava até o século passado. Ao contrário, cada vez mais as fronteiras entre o espaço urbano e o espaço rural são difusas e de difícil identificação.

Pode-se supor que isto acontece porque hoje esses adjetivos carecem da sua referência substantiva original, na medida em que tanto a cidade como o campo não são mais conceitos puros, de fácil identificação ou delimitação (2006, p.6).

2.4- Perspectivas que ecoam do campo à cidade

As cidades que fascinam qualquer pesquisador envolvido com o processo de evolução da sociedade e das relações com o campo serviram de inspiração durante a pesquisa. Segundo Pesavento (2007), as primeiras cidades são muito antigas e existem desde a Antiguidade, como as Cidades-Estado, que surgiram com a agricultura, com as primeiras descobertas humanas como a roda e foram se definindo no espaço construído e organizado. “Elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos”. Benevolo, que escreveu o livro “História da cidade”, fala sobre a origem da cidade:

A cidade - local de estabelecimento aparelhado, diferenciado e ao mesmo tempo privilegiado, sede da autoridade - nasce da aldeia, mas não é apenas uma aldeia que cresceu. Ela se forma como pudemos ver, quando as indústrias e os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não têm esta obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total. Nasce, assim, o contraste entre dois grupos sociais, dominantes e subalternos: mas, entretanto, as industriais e os serviços já podem se desenvolver através da especialização, e a produção agrícola pode crescer utilizando estes serviços e estes instrumentos (1993, p.23).

Mesmo já passados séculos, as cidades conservam o caráter de organização em comunidade que surgiu com o convívio em aldeia. Desde o princípio da civilização até os tempos atuais, elas constroem e representam a evolução da sociedade, através de marcas e realizações fundamentais. Mesmo as cidades antigas continuam a existir na atualidade, seja através da memória ou da narrativa de cada geração, que recompõem na atualidade reminiscências e experiências passadas. De acordo com Pesavento (2007), “a cidade é sempre um lugar no tempo, na medida em que é um espaço com reconhecimento e significação estabelecidos

na temporalidade; ela é também um momento no espaço.” Cada cidade precisa ser descoberta pelo olhar e pela memória. Elas sempre serão o lugar onde as coisas aconteciam e acontecem, onde as pessoas constroem seu futuro com os projetos e olhares de mundo que apontam para um além.

Como já fora mencionado, definir de forma precisa o que é cidade e o que é campo mostra-se complexo, pois se tratam de conceitos abrangentes que perpassam por várias dimensões da sociedade. Quando se pensa em cidade, é feita associação imediata como se fosse o local do moderno e do barulho e o campo como lugar do atraso e da calma. As relações entre as pessoas e seus fluxos pelo espaço, acabam por apontar que o campo não está separado da cidade, uma vez que eles se completam possuindo relações dialéticas.

Não sendo mundos distintos, estão imbricados por uma gama de complexidade, cada qual com suas particularidades. Entretanto, fica difícil saber onde termina um e onde começa o outro espaço. Como possuem relações mútuas, a cidade passa conhecimento para o campo e este fornece produtos essenciais à cidade. A superação da divisão entre a cidade e campo está ligada às relações de produção.

Segundo Monte-Mór (2006) a relação entre cidade e campo se situa no centro da sociedade humana, e a dominação da cidade sobre o campo é fato que marcou a sociedade humana em tempos remotos, essa dominação se deu com o resultado entre o trabalho intelectual e também o manual, através das atividades de produção.

Cidade e campo, elementos sócio-espaciais opostos e complementares, constituem a centralidade e a periferia do poder na organização social. As cidades garantem a diversidade e escala da vida social bem como a competição e cooperação características da vida humana contemporânea. Os campos, por sua vez, tão diversos entre si, garantem também diversidades dentro das suas homogeneidades extensivas e escalas de produção quando tomados de forma abrangente. Contém também processos de competição e cooperação, mesmo gerenciados pelas cidades e limitados pela auto-suficiência relativos que ainda mantêm (Monte-Mór, 2006, p.7).

Entretanto, a cidade não pode ser definida pela indústria somente e nem o campo pela agricultura. Para Lefebvre, a separação entre cidade e campo estava associada à divisão do trabalho, mesmo com o surgimento da cidade como resposta à divisão social. A sociedade urbana somente destacou-se coma industrialização e com o processo de urbanização que ocorreu muito tempo depois do surgimento das

idades da Antiguidade. Portanto, a cidade expressa a divisão sócio-espacial do trabalho, um continuum que se estende da cidade política ao urbano, onde se completa a dominação sobre o campo. Em suas palavras:

A separação entre a cidade e o campo toma lugar entre as primeiras e fundamentais divisões do trabalho, com a divisão dos trabalhos conforme os sexos e as idades (divisão biológica do trabalho), com a organização do trabalho segundo os instrumentos e as habilidades (divisão técnica). A divisão social do trabalho entre a cidade e o campo corresponde à separação entre o trabalho material e o trabalho intelectual, e, por conseguinte entre o natural e o espiritual. A cidade incumbe o trabalho intelectual: funções de organização e de direção, atividades políticas e militares, elaboração do conhecimento teórico (filosofia e ciências) [...] O campo, ao mesmo tempo realidade prática e representação, vai trazer as imagens da natureza, do ser, do original. A cidade vai trazer as imagens do esforço, da vontade, da subjetividade, da reflexão, sem que essas representações se alastrem de atividades reais (2001, p.36).

Segundo Lefebvre (2001), as relações sociais no espaço urbano se misturam abarcando pontos rurais através do processo de reprodução do capital expandindo a complexidade da realidade urbana, repleta de particularidades em movimento e vivendo em transformação.

Para Sposito (2006), a questão cidade-campo segue uma análise de vertentes onde se consideram a cidade como ponto de partida apoiada por questões como a concentração demográfica e a descontinuidade territorial. Com base na concentração demográfica a questão cidade-campo para Sposito a classificação da cidade é entendida como concentração de pessoas e o campo se diferencia como espaço de dispersão de indivíduos. Atualmente, segundo a autora, a questão campo-cidade recebe um destaque quando analisada e discutida do ponto de vista das descontinuidades territoriais, apontando que a área de transição entre cidade e campo vem se ampliando, o que dificulta a diferenciação entre espaços rurais e espaços urbanos.

O reconhecimento de um contínuo cidade/campo não pressupõe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território ou em micro parcelas territoriais justapostas e sobrepostas, de uso de solo, de práticas sócio-espaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano (2006, p.121).

O rural e urbano são conceitos que reproduzem a realidade concreta de cada sociedade imbricada de particularidades. O urbano é uma sociedade em formação na qual está incluído o rural. Pensando-se como dimensão geográfica, serão espaços repletos de particularidades, diversificações. O urbano não se restringe a um território, ele abrange toda a sociedade. Não há segundo Lefebvre, uma definição do que seja urbano e rural. A fronteira se dá a partir da divisão de trabalho, entre o material e o intelectual, o urbano não se opõe ao rural. O urbano se apresenta como uma sociedade em processo de formação, na qual se abarca o rural, portanto suas relações são estreitas.

No que está relacionado com corrosão do urbano sobre o rural, apontada por Lefebvre, não é expressiva no município de Lima Duarte, onde que se observa é um entrelaçamento das culturas, um hibridismo entre o seu espaço rural e o espaço urbano, o que ganha destaque no bairro Batatal onde existe uma homogeneização da paisagem rural e urbana.

Atualmente, a relação cidade-campo se transforma aspecto importante de uma mutação geral. Nos países industriais, a velha exploração do campo circundante pela cidade, centro de acumulação do capital, cede lugar a formas mais sutis de dominação e de exploração, tornando-se a cidade um centro de decisão e aparentemente de associação. Seja o que for a cidade em expansão ataca o campo, corrói-o, dissolve-o. [...] A vida urbana penetra na vida camponesa despojando-a de elementos tradicionais: artesanato, pequenos centros que definham em proveito dos centros urbanos (comerciais e industriais, redes de distribuição, centros de decisão etc). As aldeias se ruralizam perdendo a especificidade camponesa. Alinham-se com a cidade, porém resistindo-a às vezes, dobrando-se ferozmente sobre si mesmas (Lefebvre, 2001, p.74).

Em superação a visão dicotômica campo-cidade, para Lefebvre (2001) a cidade em expansão dissolve o campo e a vida urbana invade a vida camponesa. Essa visão onde o campo parece se dissolver com a expansão urbana é aparente porque o campo se refaz nessa relação com o urbano.

Pelo exposto, compreende-se que a relação entre a vida urbana e a rural está estabelecida a partir de uma série de mudanças no mundo Moderno, que nos permite ressaltar o significado de Modernidade. Vários questionamentos surgem em benefício da modernidade para o espaço rural. Se ela proporcionou melhoras consideráveis com relação ao desenvolvimento de novas tecnologias, em contrapartida acabou por “expulsar” o homem do campo para a cidade.

Para Giddens, o desenvolvimento da modernidade estava ligado à expansão dos mecanismos de desencaixe, uma vez que:

[...] a vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganização do tempo e espaço, associados a expansão de mecanismos de desencaixe – mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos, recombina-as através de grandes distâncias no tempo e espaço. A reorganização do tempo e do espaço, somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana (2002, p.10).

A relação entre o urbano e rural possibilita uma maior relação dos indivíduos inseridos no espaço, possibilitando a reprodução de diversas interfaces do espaço. Essa proximidade não está limitada a distâncias e sim ao conjunto de espaços contínuos, onde as pessoas buscam viver inter-relações com o mundo rural e urbano, não apenas econômicas, mas podendo criar laços culturais produzindo relações sociais do homem com o meio.

O município de Lima Duarte carrega na sua história diferentes marcas provindas da zona rural e dos elementos que o compõem ainda hoje: moradores que vivem e sustentam suas famílias com atividades ligadas ao campo. A maioria dos habitantes do Batatal é constituída por negros de baixa renda que, quase sempre, sobrevivem com empregos temporários em propriedades rurais vizinhas ao bairro. Oficialmente, tais moradores são considerados como população urbana, entretanto, não conseguiram integrar-se, totalmente, ao modo de vida urbano.

Em “Fora de Alcance Juntos”, Bauman (2007) destaca como está o urbano hoje, as transformações das cidades e a guerra urbana, a separação em relação ao centro da cidade e o isolamento nos bairros periféricos dos moradores menos favorecidos, chamada por ele de camada “inferior”. Ele fala da fronteira no espaço vivido, traçada provisória e temporariamente. Podemos relacionar essa fronteira com o urbano-rural no Batatal, onde se encontra o limite entre o bairro e o rural.

A obra de Raymond Williams “O campo e a cidade: na história e na literatura” traz um retrato da dicotomia que permeia a relação entre campo e cidade em vários momentos e períodos da história e da literatura inglesa – ao analisar o meio rural inglês afirma que “os relatos historiográficos mais detalhados indicam que em toda a

parte muitas formas, práticas e sensibilidades antigas sobreviveram em períodos nos quais o sentido geral das novas tendências já era claro e decisivo.”

Williams utiliza de conceitos como, por exemplo, cidade e campo, abordados na forma de literatura inglesa englobando diferentes períodos. Um ponto abordado é a superação da dicotomia rural-urbano. O autor não pensa campo e cidade como categorias objetivas e sim como “palavras poderosas” em transformação.

“Campo” e “cidade” são palavras muito poderosas e isso não é de se estranhar, se aquilatarmos o quanto eles representam Na vivência das comunidades humanas. O termo inglês country pode significar tanto “país” quanto “campo”; the country pode ser toda a sociedade ou só sua parte rural. Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização (p. 11).”

A relação campo-cidade se dá de forma ativa e contínua, indo muito além de relações econômicas e de poder. Há quem diga que o campo passa a ideia de passado, inocência e natureza e a cidade é representada por vida agitada, tumulto. Essas maneiras de perceber o campo e a cidade ainda hoje permanecem de forma marcante. A cidade seria o local onde ocorre a violência e, atualmente, o campo estava se formando como o lugar ideal para o descanso nos finais de semana, não sendo visto como lugar de onde o homem retira o seu sustento e, sim, espaço de refúgio dos grandes centros urbanos.

Mesmo já passadas décadas, ainda hoje as lembranças de campo estão ligadas à natureza, considerando-se o campo como local de vida de nível simples, tranquila, sendo, então, o refúgio da inconsciência. Essa forma de perceber o campo e a cidade já era clara na visão de Raymond Williams. Ele identificou a permanência dos ideais de inocência bucólica e da cidade como agente civilizador em diversas épocas, bem como das ideias a respeito da idiotice do campo ou corrupção da cidade.

A oposição campo e cidade, para Williams, é algo que se estabeleceu desde a Antiguidade; dentre os aspectos positivos, o campo está associado à paz, à simplicidade da vida; a cidade, por sua vez, carrega a ideia de local de realizações e de progresso, no entanto, do ponto de vista negativo, o campo denota a imagem de atraso, ignorância e limitação ao passo que a cidade é vista como um lugar de

agitação, barulho e marcada pela superficialidade de vida. Essa oposição se desenvolve na condição centro-periferia. A cidade seria o centro do poder, onde tudo acontece de forma tanto positiva quanto negativa, portanto ela é quem faz e refaz, cabendo ao campo a função de periferia, lugar rejeitado por muitos, onde o que é de pior vive ali, todas as decisões ficam a cargo do “centro” e resta-se a “periferia” somente suprir as possíveis necessidades do centro.

Para Williams, a própria divisão e oposição entre campo e cidade é um problema resultante do desenvolvimento do modo de produção capitalista, compreendido não apenas como estruturas econômicas, mas as próprias formas como uma sociedade se constitui, em movimento, incluindo aí os valores, ideias e demais elementos culturais. As noções de campo e cidade, segundo o autor, também foram sendo produzidas pelas pessoas ao associar imagens a esses locais, que, por sua vez, variam em diferentes momentos, possuindo historicidade. Assim o contraste entre cidade e campo que prevalece no imaginário é uma das principais maneiras de tomarmos consciência de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade capitalista, marcada pela intensidade e velocidade dos processos de transformação.

A obra de Williams apontou para a necessidade de não pensar campo e cidade como categorias objetivas, mas compreendê-las enquanto noções produzidas socialmente e em transformação.

Cidade está vinculada ao capitalismo, do poder centralizador. As origens do modo de produção capitalista tiveram suas origens na economia rural inglesa. Para Saquet (2006):

As cidades são lugares de permanências e mudanças, espaços privilegiados de relações e inovações, onde há uma dinamização dos fluxos mercantis, de serviços, de informações e comunicações, de atividades políticas e culturais, onde há comportamentos ditos urbanos. Há proximidade e distanciamento no interior da aglomeração, produto do contexto regional de formação territorial e de forças externas inerentes o movimento de reprodução geral do Modo Capitalista de Produção (p.178).

Iluminada pela obra de Williams (1990), percebo que separava dois mundos: o mundo da cidade e o mundo do campo, sendo a cidade marcada pela urbanização através da divisão do trabalho, industrialização, ligado ao futuro e à modernidade e o campo marcado pela agricultura, exploração da natureza, ligado ao passado e ao

tradicional. Segundo essa concepção, o homem do campo era uma pessoa conservadora, ligada a práticas agrícolas artesanais, bem diferentes do homem de negócios da cidade, atualizado e dinâmico.

Quando se olha para a cidade, dependendo de quem a observa, diferentes significados serão destacados. Ela é um local no qual podemos exercitar nossa imaginação, é um espaço em constante mutação. Ao enxergar a cidade de um horizonte mais longínquo, percebe-se o movimento das pessoas, as construções, o tráfego, as informações políticas, culturais e econômicas. Entretanto, se ela for analisada por um morador do “campo”, outras características que passariam despercebidas poderão ser elencadas. Nós atribuímos diferentes significados aos espaços não apenas porque vemos, sentimos, mas também porque temos nosso pensamento e experiência. Criamos e recriamos os espaços. A cidade não deve ser vista apenas como espaço produzido, mas como um lugar aberto que possibilite a construção e reconstrução dos espaços, sendo povoada por descontinuidades, vontades, atitude para reorganizá-la de acordo com as necessidades de cada um.

Ao escrever sobre a cidade e o campo é importante ressaltar que são construções sócio-espaciais, portanto devem ser analisadas e fortalecidas por suas peculiaridades e singularidades. Esses espaços devem ser apreendidos numa visão dialética, haja vista que cada um tem suas especificidades. Além disso, o campo não é sinônimo de rural e tampouco a cidade abarca apenas o urbano. O rural e o urbano expressam o modo de vida e os valores, enquanto o campo e a cidade correspondem à materialização desses modos de vida.

Entender as relações campo-cidade é uma forma de analisar a complexidade da atividade social sobre o espaço geográfico, sendo, portanto, umas das maneiras de se apreender como os homens e mulheres produzem suas ideias, materializam seus interesses no espaço. São espaços em constante movimento que (trans) formam pessoas, homens e mulheres em constante movimento. São espaços que demonstram a mutação entre o homem e suas realizações materializadas em formas-conteúdos, no campo e na cidade, entre o campo-cidade.

O campo não está isolado da cidade, haja vista a circulação de pessoas, mercadorias, informações e ideias que as estradas, o comércio, a indústria, as redes de telecomunicação, dentre outras formas de conexão, permitem. Estas relações dialéticas entre campo e cidade se complementam e se ligam, demonstrando as

imbricações entre as relações do vivido, dos homens e seus espaços, portanto, dos próprios espaços produzidos: campo e cidade.

Segundo Corrêa (1995) as relações campo-cidade ao longo da história, têm sido estudadas por historiadores, antropólogos, sociólogos, economistas e geógrafos, porém, cada área da ciência com o seu objetivo. Pode-se verificar que a diversidade de contribuições direcionadas ao estudo da relação campo-cidade, rural-urbano não se esgotou e tampouco há um consenso entre os pesquisadores do tema. A oposição entre o rural e o urbano representava nesse período as classes sociais que contribuía ou se opunham ao capitalismo.

Lefebvre (2001), em *O direito à cidade*, entende que ao longo do tempo histórico a relação campo-cidade mudou e que, a partir da década de 1960, a cidade havia se tornado um centro de decisão com comando de uma maior gama de atividades do campo.

A cidade é um espaço de vivência, sendo local de desenvolvimento com diversas possibilidades de encontro e troca de saberes, com grande potencial educativo. Assim sendo, a educação não só se dá em um ambiente escolar, também acontece no bairro, no trajeto escola-bairro, em espaços instituídos para promover a aprendizagem. A cidade é um espaço demarcado, compartimentalizado por uma grade das vias de transporte e das funções.

3.0- Amarrações teórico-metodológicas

Alguns aspectos metodológicos foram ficando mais claros na medida em que a pesquisa ia tomando a sua forma, pois ela não partiu de uma abordagem pré-estabelecida, cada escolha foi discutida com o orientador e com o grupo de pesquisa. Uma boa opção metodológica é o caminho que deve ser escolhido pelo pesquisador na tentativa de compreender melhor o “objeto”/ problema. As falas dos jovens estudantes têm um grande valor de fazer valer o pensamento, suas ideias e representações que fazem de suas vidas na sociedade.

A pesquisa necessitava de uma abordagem metodológica que favorecesse a apreensão e a compreensão dos jovens participantes da pesquisa e que possibilitasse a visualização das relações que os sujeitos mantêm com o espaço em que vivem. Como já elencado no capítulo anterior, o Batatal é um bairro pequeno do município de Lima Duarte onde as relações urbana-rurais se apresentam claras. Portanto, buscou-se uma abordagem que não possibilitasse somente a comprovação de hipóteses, mas que ajudasse o próprio caminhar da pesquisa e auxiliasse na revisão dos rumos estabelecidos. Para auxiliar na escolha das trilhas metodológicas, foi importante contar com o apoio de autores como Bogdan e Biklen (1994) cujo livro elenca pontos importantes sobre pesquisa qualitativa na educação, além da obra de Bicudo e Esposito (1994), que também escreveram sobre a pesquisa qualitativa. A coletânea intitulada de Caminhos Investigativos (2007) também serviu de suporte teórico durante toda a pesquisa, onde autores como Alfredo Veiga Neto, Jorge Larrosa e Sandra Mara Corazza escreveram temas importantes com os novos olhares na pesquisa em educação e outros modos de pensar e fazer pesquisa.

A entrevista semi-estruturada é que se revelou mais próxima do alcance dos objetivos da pesquisa e a escolha por este instrumento metodológico está fundamentada em alguns pressupostos como, por exemplo, esse modelo de entrevista permite ao entrevistado liberdade de relatar para além do tema proposto e, a quem interroga, a possibilidade de participar do relato, intervindo à procura de esclarecimentos, instigando à reflexão sem perder as reflexões relevantes da pesquisa. A entrevista é uma construção de falas, sendo uma ação dialógica onde

os jovens constroem e reconstróem sentidos. As narrativas dos jovens representaram não a busca da verdade, mas a produção de sentidos que foram fotografados ou não fotografados e compuseram a análise da pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994), argumentam que “na entrevista semi-estruturada perde-se a oportunidade de compreender como os próprios sujeitos estruturam o tópicó em questão”. As entrevistas se revelaram um importante momento de compreensão dos significados dados às experiências vividas pelos pesquisados.

Os métodos de pesquisa qualitativa foram os mais indicados para a coleta de dados, um instrumento de pesquisa de campo nunca é completo, limites e desafios metodológicos sempre existem. Além das entrevistas semi-estruturadas, foi feita também a observação do espaço escolar e do envolvimento dos jovens estudantes com o mesmo, tudo foi devidamente registrado em um caderno de campo¹⁰.

Preocupada com o aprofundamento da compreensão acerca das relações rural-urbanas estabelecidas pelos estudantes volantes, não quis decidir a priori quantos seriam os sujeitos da investigação. O que se pode perceber é que alguns aspectos metodológicos foram ficando mais claros na medida em que a pesquisa ia ganhando forma. Muitos jovens estudantes, denominados de volantes moradores do bairro Batatal se dispuseram a participar da pesquisa, no início eram quatorze com idade entre 14 e 17 anos e ao passo que a pesquisa foi sendo moldada ficaram oito jovens, sendo dois do sexo masculino e seis do sexo feminino.

Com esses jovens que interagem com o rural e urbano, busquei evidenciar suas ações e interpretações do seu mundo, tentando compreender as suas diferentes realidades por vezes contraditórias ou conflituosas. A pesquisa qualitativa viabilizou refletir sobre significados da realidade dos estudantes volantes, trabalhando com seu universo de significações e suas formas de entender a relação urbana e rural.

A Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque e o bairro Batatal foram os lugares e territórios utilizados na pesquisa, uma investigação descritiva que possui um significado de importância vital. Como pesquisadora, faço parte de todo processo de constituição da pesquisa, não me detive somente aos resultados obtidos, mas com todo o processo, desde o primeiro contato ainda simplesmente observando a

¹⁰ O caderno de campo é um caderno de anotações típico das pesquisas qualitativas onde se registram todos os acontecimentos, como por exemplo, o cotidiano escolar durante o período de observação.

instituição e seus movimentos até as fotografias, entrevistas até considerações finais da pesquisa.

O contato bem próximo com os jovens estudantes possibilitou a análise e identificação das interações de todos os envolvidos com a pesquisa, procedendo às observações, as formas costumeiras de viver dos estudantes volantes, como por exemplo, como convivem com os colegas e sua relação com a escola. Um caminho fundamental na pesquisa foi a utilização das fotografias, pois ajudou a encorajar os estudantes a narrar sobre suas vivências rural-urbanas, contribuindo assim durante a realização de todas as entrevistas semi-estruturadas. Estas foram gravadas com o devido consentimento dos estudantes, procurei deixá-los à vontade durante a conversa “entrevista”, o que facilitou a exposição de suas vivências através da narrativa de suas vidas. Com relação a escolha do método da pesquisa, Corazza (2007) afirma que:

[...] A escolha de uma prática de pesquisa, entre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isso, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos “escolhidas/os” pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as) sujeitou (p.121).

A entrevista contribuiu para a pesquisa, sendo o mais natural possível, proporcionando um diálogo intenso entre os envolvidos, constituindo-se como rico instrumento para a apreensão de sentidos e significados. O seu registro foi possível graças à gravação, que proporcionou o meu acesso quantas vezes fossem necessárias a fim de captar todas as informações relevantes, o que ajudou a constituir as narrativas dos sujeitos. Foi utilizado também outro recurso da pesquisa qualitativa, o diário de campo, onde anotei todas as impressões, sensações não presentes nas falas, pois sabia que encontraria, além das vozes, silêncios, entretanto preciosos. De posse de todos os materiais coletados, foi feita, então, a transcrição das falas e a interpretação das histórias de vida dos estudantes.

O que se buscou foi uma abordagem que possibilitasse a compreensão do ponto de vista dos jovens estudantes volantes, assim como sentidos e significados que atribuem às relações entre o rural-urbano vividas no Batatal, enfim, uma abordagem que proporcionou a visualização das relações dos sujeitos com os diferentes espaços.

Como já fora citado, o local da pesquisa já era conhecido, vez que lá estive como aluna. Todavia, na pesquisa olhei com um olhar diferente, o de pesquisadora. Algumas ferramentas foram essenciais, assim como as utilizadas pelo artesão para proceder à tecedura do balaio, ferramentas como: uma câmera fotográfica, um gravador, o meu caderno, que é o diário de campo e o estojo, além da autorização para pesquisar nessa escola. Com o auxílio desses instrumentos foi possível descrever tudo o que observei como as minhas impressões da realidade constituída e percebida por mim enquanto pesquisadora. Segundo a visão de Bogdan e Biklen (1994), o resultado de uma entrevista vai do grau de envolvimento do entrevistador como:

As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista. As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e de exemplos. Um bom entrevistador comunica ao sujeito o seu interesse pessoal, estando atento, acenando com a cabeça e utilizando expressões faciais apropriadas (p. 136).

Com base no que dizem Bogdan e Biklen (1994), é através da transcrição e da gravação que o pesquisador encontra o suporte para reconstruir o que foi vivenciado na pesquisa de campo. Graças, então, à transcrição das falas dos jovens estudantes “volantes” que contam suas histórias, que busquei recompor a realidade vivida por eles e com isso trazê-la para a pesquisa.

É importante destacar que minha permanência na escola dependia da minha capacidade de viver os diferentes fluxos pelos quais passam e circulam os alunos volantes. Meu envolvimento não consistia apenas em olhar e anotar, ele dependia de um bom relacionamento com a escola e os sujeitos da pesquisa. Por isso, o primeiro passo foi dado com a aproximação com a escola em que foi possível obter um contato mais próximo com os estudantes volantes do Batatal e também das outras localidades. Esses primeiros contatos não foram gravados. Contudo, tomei o cuidado de anotar, nas notas de campo, todas as impressões e sensações que vivi enquanto permaneci na escola.

Para nortear a entrevista, como apontado por Bogdan e Biklen (1994), cabe ao entrevistador evitar que perguntas possam ser respondidas com um simples sim ou não e outros detalhes importantes sejam deixados de lado ou silenciados.

Portanto, durante a pesquisa de campo, fiz um itinerário do caminho a seguir na entrevista semi-estruturada, cabe ressaltar que não fiquei presa ao roteiro, a sua principal função foi dar o suporte necessário para responder a questão da pesquisa. Ao falar sobre as entrevistas, Bogdan e Biklen (1994) ressaltam sua importância no desenvolvimento da pesquisa.

[...] as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (p.134).

A pesquisa qualitativa remete à produção do conhecimento do pesquisador que não só busca provar ou verificar, mas sim construir. O lugar que os jovens volantes ocupam na pesquisa não é de meros espectadores passivos e sim de participantes na pesquisa, que apontam para a pesquisadora o que é mais significativo na realidade vivida por eles.

3.1- A escolha por trabalhar com fotografias

I CLIQUE- Escolhendo o cenário.

A escolha por trabalhar com fotografias não surgiu por acaso, sempre gostei de registrar momentos importantes, como uma usuária amadora, por considerar as câmeras formas de expressar e representar momentos relevantes. As imagens revelam várias possibilidades, como por exemplo, os registros de imagens em movimento, que lhe conferem a dinâmica necessária para a pesquisa. Para Bogdan e Biklen (1994), a fotografia pode ser explorada de várias maneiras, pois elas fornecem dados descritivos e podem ser utilizadas para compreender o sujeito pesquisado.

Após a sugestão da banca de qualificação, leituras específicas sobre fotografias foram realizadas, com a finalidade de dar aparato teórico-metodológico à pesquisa, autores como Wenscelao Machado de Oliveira Jr. e José de Souza Martins serviram para ajudar a entrelaçar os bambus através das fotos. Oliveira Jr, em seu artigo *“Grafar o espaço, educar os olhos”*, aborda a palavra imagem como uma obra palpável aos olhos, que são instrumentos condutores do ato de conhecer. Durante a pesquisa com os jovens volantes foi importante ressaltar como eles enxergam suas vivências seja no espaço do bairro ou na escola.

Com a fotografia iniciamos um longo caminho na construção de novos modos de escrita do mundo. A “foto-grafia” se constitui uma escrita atual do homem, mediada por tecnologia criadora de uma narrativa figurada.

A fotografia foi desenvolvida antes da câmera de vídeo e dos computadores, ela pode ser uma forma de se registrar fatos, momentos e impressões acerca da realidade vivenciada, é um tipo de fonte documental utilizada na pesquisa. Diferente do trabalho com vídeo, que é essencialmente imagem em movimento, ao trabalhar com fotos a imagem é estática. Para Martins (2008), “A experiência proporcionada pela câmara fotográfica amplia o campo da percepção, transformando a habilidade de conhecer o mundo físico e social.” Portanto, ela é um instrumento que pode filtrar o que é novo, inovador e incômodo revelando as insuficiências de palavras para a imensa riqueza da informação visual.

A tecnologia da imagem se transformou numa prótese do olhar, sendo praticamente impossível falar da nossa existência no mundo atual sem os aparatos técnicos que acabaram por modificar a própria natureza humana.

As fotos ajudam na pesquisa, pois representam uma novidade encantadora nas revelações em relação ao espaço rural e urbano. Os sujeitos podem se sentir melindrados em falar com uma pessoa que não conhecem direito, assim o uso da fotografia pode auxiliar na comunicação, permitindo uma melhor compreensão das diferentes interfaces do urbano-rural, vivenciadas pelos estudantes durante o percurso do bairro até a escola.

O imaginário fotográfico funciona como informante, dentro do movimento volante realizado pelos jovens estudantes do bairro para a escola, passando informações, descrições visuais da situação pesquisada. Ao recortar o cotidiano dos estudantes através de observações, que representa um momento impregnado de visualidade. O estudante volante é o personagem central, ele participa com as

descrições visuais que faz durante o seu movimento diário, ele não é uma simples pessoa que fica escondido atrás de sua câmera, ele mostra através de suas imagens as diferentes relações sociais, relações com o espaço e também os momentos de sombras e silêncios. Para Martins (2008):

Tomar a imagem fotográfica como documento social em termos absolutos envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, o depoimento, a entrevista, em termos absolutos, como referência sociológica, que são as dificuldades de sua insuficiência e de suas limitações (p.11).

As limitações e dificuldades perante a escolha em trabalhar com a fotografia são as mesmas encontradas nos outros instrumentos que dão suporte a pesquisa, a fotografia pode revelar-se como flagrante da realidade, serve como meio do conhecimento, é ponte dialética que pode apresentar a imensa riqueza das imagens registradas, servindo como informante visual da realidade vivenciada pelos estudantes. Os jovens envolvidos com a pesquisa utilizam-se da imagem para explicar e interagir de maneira crítica com o seu cotidiano bairro-escola, ou seja, seus movimentos diários.

II CLIQUE- Focalizando

A fotografia possibilita uma nova forma de escrita do mundo, representando uma forma mediada por tecnologias que busca mostrar as diferentes imagens que fazem parte do mundo de cada jovem estudante. As imagens constituem as narrativas do mundo contemporâneo, elas trazem elementos para buscarmos uma compreensão mais abrangente do rural-urbano em um pequeno município mineiro. Para Oliveira Jr. (2009), “ao tirar uma foto do local onde estamos, criamos mais do que um recorte em nosso mundo, no fato que está acontecendo, no momento em que estamos presentes.” Com as palavras do autor fica evidente como as imagens capturadas pelos jovens estudantes representam mais do que um recorte de suas realidades, representando momentos comuns que ocorrem diariamente com muitos estudantes e também com diversos trabalhadores.

As imagens registradas pelos jovens volantes não são fotos de mundos distantes, elas fazem parte do dia-a-dia de cada estudante, sendo consideradas como pedaços da realidade, representam a visão de mundo, conforme as concepções espaciais que os norteiam, aponta de forma reduzida o espaço rural e urbano, elas podem realçar a ideia de continuidade ou a ruptura entre esses

espaços. Portanto, a fotografia é uma construção imaginária, expressão e momento do ato de conhecer o espaço. Onde o invisível se torna visível, as fotos nos apresentam o ausente, o imaginário. Ela pode desempenhar a função de auto-fotográfica na pesquisa, quando cada sujeito envolvido na pesquisa recebe uma câmera fotográfica, para registrar imagens que julga importante durante seu momento diário do bairro para escola e vice-versa. Depois após os registros de cada jovem estudante, as fotos são utilizadas para o desenvolvimento de entrevistas com o intuito de se levantar as percepções a respeito das suas próprias fotos.

A fotografia nutre a interpretação de cada um, não deixa paralisar, não interrompendo o fluxo e agregando e redefinindo significações de cada imagem, ou seja, estampando a realidade vivida por cada jovem estudante. Ela reforça a necessidade de representar, sendo verdade que a tendência foi buscar, no cotidiano do estudante, elementos para situar as imagens. Ela representa, portanto, a visão de mundo, o gigantismo rural e urbano retratado, fotografado pelos jovens volantes.

A foto pode passar a relação de proximidade e distância, lembrança e esquecimento, sendo assim, o cotidiano dos jovens volantes pode ser lembrado e rememorado através dos diversos fluxos realizados, ajudando na instauração da cotidianidade, destacando grupos de estudantes, espaços perpassados, ou seja, as fotos e as leituras das mesmas representam a impressão do jovem estudante e seus próprios valores visuais, fazendo também parte do imaginário, além de cumprir funções de revelação e ocultação na vida cotidiana de cada jovem volante. Com relação ao envolvimento do pesquisador Martins em seu livro “Sociologia da fotografia e da imagem”, diz que:

(...) o pesquisador não só obtém e produz conhecimentos, mas ao entrar na realidade investigada interage e, ao interagir, altera necessariamente o conhecimento de senso comum referencial das populações estudadas. a informação que obtém está necessariamente contaminada por sua presença. Um segundo pesquisador, tempos depois, obterá sobre os mesmos temas de entrevista e conversação, com as mesmas pessoas, informações provavelmente alteradas pelo diálogo havido pelo entrevistado com um primeiro pesquisador. O pesquisador, profissionalmente devotado ao trabalho de campo, pode reconhecer, com relativa facilidade, no depoimento que recolhe a infiltração de ideias e até conceitos originados de intervenções anteriores, no postigo de certas formulações (2008, p.14).

Os registros de imagens servem como elementos de interação estimulando a relação dos sujeitos da pesquisa, possibilitando o diálogo, expressão da memória e de análise dos estudantes acerca das imagens registradas por eles. Segundo Solange Jobim e Souza (2002), “as fotografias desencadeiam um outro modo de olhar o mundo, enriquecendo as possibilidades de apresentação dos fatos, objetos, pessoas e acontecimentos”(p.66). Portanto, a foto é uma forma de buscar evocar comentários e representações sobre as diferentes paisagens registradas e retratadas no fluxo bairro-escola. Ela possibilita a base para a execução de uma conversa dialógica, ajuda a interpretar as relações rural-urbanas presenciadas e vivenciadas pelos jovens estudantes construindo um texto, não necessariamente escrito, mas produzido de forma imagética.

As fotos servem como “falas” dos sujeitos, foram os relatos através imagens do percurso bairro-escola, que auxiliou a pesquisa com interpretações e compreensão da diferentes realidades de cada jovem estudante. As imagens também podem produzir formas não só de imaginar como é o rural-urbano, o real do percurso bairro até a escola, mas podem conceber e perceber os diferentes espaços. Segundo Massey (2008), o espaço é como uma esfera onde existem uma coexistência da heterogeneidade, portanto nele deve existir a multiplicidade que é produto das inter-relações. As fotos produzem formas de imaginação e memórias acerca das diferentes vivências. Por tudo isso, Oliveira Jr. (2009) já busca formas de educar através das imagens:

Educar os olhos não é somente fazê-lo ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver; sobre o que são nossos olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer, levando-nos mesmo a acreditar que ver é conhecer o real, é ter esse real diante de nós. Perguntamo-nos: e se o real fosse exatamente o rela da imagem impressa ou aparente nas telas estaria a nos dar o real no momento mesmo em que ele ganha existência. A imagem seria real, e o real não estaria na imagem (p.19).

III CLIQUE - Revelando

Os jovens estudantes vivem realidades parecidas a de muitos outros estudantes que, para continuarem os estudos necessitam deslocarem-se do local

onde moram para outros espaços mais distante um pouco, onde ficam as instituições de ensino. As diferentes imagens produzidas pelos estudantes são imagens do real para eles, e esse real está representado nos deslocamentos. Na presente pesquisa uso o termo volante para dirigir-me aos jovens estudantes. Os olhos de cada estudante ajudam a reconstruir, a sua maneira, o real experienciado por eles durante os deslocamentos.

As fotos ajudam a criar imagens com olhares próprios para o mundo, para o real, para o espaço. Segundo a geógrafa Doreen Massey, em seu livro *Pelo espaço*, o espaço é fruto das inter-relações, nas mais diferentes escalas desde o global até o local. Essas relações seriam práticas vividas a cada dia no espaço, onde sempre há conexões a serem feitas. Não sendo um local fechado, pois ele se relaciona com o todo, o espaço ajuda a moldar a nossa maneira de ver o mundo. As imagens, no caso as fotografias, fazem parte da intensa multiplicidade que compõe o espaço atual.

Uma vantagem na utilização a fotografia é a riqueza de detalhes ressaltados nas próprias imagens, pois elas apresentam informações concretas dos diferentes espaços vivenciados pelos jovens estudantes, o que ajuda o desenvolvimento da pesquisa.

(...) ao tirar uma foto do local onde estamos, criamos mais do que um recorte em nosso mundo, no fato que está acontecendo, no momento em que estamos presentes. A máquina fotográfica, ao ser disparada, faz presente um real, ela o cria. Cada um escolhe um enquadramento para ver e, com essa foto em mãos, poderemos rememorar em outro local e em outro tempo o que vivemos ali. Mas o que rememoramos não será a vida vivida no momento em que a foto foi feita, mas, sim, nossas lembranças tocarão aquele real criado pela câmera, pois é ele que estará presentificando no futuro da fotografia (Oliveira Jr, 2009, p.22).

O recurso fotográfico é um ótimo suporte, pois pode ajudar aqueles jovens que têm dificuldade em expressar verbalmente suas diferentes relações espaciais. Os jovens estudantes utilizam da imagem fotográfica para interagir de modo crítico com o cotidiano. Portanto, a pesquisa parte da produção livre de imagens fotográficas, em que os jovens criam narrativas que integram imagens, com o objetivo de construir uma consciência crítica do contexto escolar, compartilhada entre alunos e professores. A fotografia pode ser tomada como uma importante

linguagem a ser explorada no processo de construção de conhecimento e narrativas, de busca de sentidos e significados.

Quando se faz um registro, pode-se ocultar muita coisa, entretanto não pode ocultar as informações do detalhe que mostra o espaço, deve reduzir a realidade a um breve fragmento que não pode escapar ao olho do jovem estudante. O impacto visual da realidade a partir da sensibilidade dos jovens incorpora a evidência de uma história que passa por vivências rurais evidentes, contratadas a flashes urbanos, permeados por significações e orientações sociais.

Na pesquisa que ora se inicia os jovens estudantes volantes utilizam da imagem fotográfica para interagir de modo crítico com o cotidiano. Tendo por base a produção livre de imagens fotográficas, os jovens criam narrativas que integram imagens e textos orais. Antes, porém, de apresentar a análise dos resultados desta pesquisa, alguns esclarecimentos conceituais se fazem necessários para justificar a dimensão de tal abordagem metodológica no panorama atual da pesquisa em educação.

A educação estética tem como objetivo desvelar, ampliar e propor desafios a partir de experiências lúdicas, cognitivas e sensíveis que envolvam a arte e os demais campos do saber. O educador exerce um importante papel de mediador dessa experiência, ao procurar ampliar o contato mais crítico do educando. Pode, assim, contribuir também para o enriquecimento do seu universo de experiências e de uma melhor compreensão da arte e da produção estética. O bairro e a escola se apresentam como espaços no qual é possível propiciar o convívio e o diálogo entre o acervo de imagens fotografadas pelos estudantes.

As narrativas feitas pelos jovens volantes a partir de imagens fotográficas é o foco de análise. As fotografias desencadeiam outro modo de olhar o mundo, enriquecendo as possibilidades de apresentação dos fatos, objetos, pessoas e acontecimentos. A construção de sentido através da imagem se dá na interlocução, num primeiro momento, entre o sujeito e a câmera fotográfica e, posteriormente, no diálogo entre o pesquisador e o jovem fotógrafo, que narra por meio de palavras o sentido das imagens que foram selecionadas no cotidiano e produzidas como fotografias, permitindo que sejam analisadas sob novo ângulo de visão.

Portanto, nesta pesquisa, o trabalho com a fotografia permitiu observar e descrever o cotidiano dos jovens além de compreender como os jovens interpretam a realidade que os rodeia. Esse método possibilitou, nesse sentido, uma análise

compreensiva das relações rural-urbanas, uma vez que o conjunto de significados que os sujeitos atribuem a suas vidas foram imprescindíveis para o objetivo desta pesquisa.

Essa proposta de trabalho possibilitou outra forma de aproximação da realidade escolar, a partir do olhar e das narrativas construídas pelos próprios jovens estudantes. Da foto à narrativa, e da narrativa de volta à foto, ampliam-se não só os modos de observação como as possibilidades de interpretar uma mesma fotografia. As imagens podem estimular a linguagem verbal e dar o suporte necessário para a organização das narrativas.

3.1.1- Farpas do BALAIO

Por menores que possam ser, as farpas incomodam. De certa forma, nem percebemos que estão lá. Na verdade, no sentido que ela entrou muitas vezes a farpa nem parece existir. Mas no sentido contrário dói muito. As farpas podem estar profundas ou rasas. Quando a ponta fica de fora, é fácil tirá-las, mas muitas vezes elas vão fundo, sem pontas para puxá-las para fora. Quanto mais funda está a invasora, mais dói tirá-la. Aproveito para iniciar com o trecho da minha primeira nota de campo, onde ressalto minha alegria em retornar à escola onde estudei parte do Ensino Fundamental e mais tarde me formei professora.

Foi na manhã de 31/08/09, às 9 horas, que efetuei o primeiro contato com a Escola Adalgisa de Paula Duque através de um telefonema em que combinei com a vice-diretora uma primeira visita para conversarmos sobre a pesquisa que pretendia realizar na Adalgisa. Quando cheguei, percebi que havia algo diferente, pois logo na entrada a escola estava toda modificada, era uma nova roupagem em um lugar que, anteriormente, passava a sensação de frieza e tristeza. Assim que fui recebida, fiz o questionamento sobre as mudanças e obtive como resposta que recentemente o governo estadual tinha liberado uma verba para reforma e ampliação do prédio. A pintura agora é viva, portas de vidro foram colocadas e o acesso dos alunos à secretaria, sala dos professores e do diretor havia sido facilitado, não havendo mais portas que serviam de fronteiras, limites para os alunos. Seguindo o corredor, constatei a ampliação da secretaria e visualizei o pátio que quando comecei a estudar, era enorme, mas agora não era mais. Os corredores ganharam pisos frios e claros, rampas foram criadas para facilitar o acesso dos portadores de necessidades especiais. As salas de um lado do pátio ganharam janelas, clareando e arejando o ambiente, ganharam mobiliários novos, lâmpadas de emergência em caso de

falta de energia, relógios foram colocados acima do quadro-negro. Observei que havia pouco barulho e lá no final do pátio, próximo ao refeitório, havia uma grande quantidade de cadeiras velhas amontoadas. Elas, após a reforma, foram substituídas por carteiras novas.

(Trecho da primeira nota de campo de agosto de 2009)

As farpas a que me refiro são os diversos percalços pelos quais a pesquisa passou, quando iniciei a pesquisa já sabia que momentos e planos pré-estabelecidos poderiam sofrer alterações. Durante a pesquisa de campo não foi diferente, como por exemplo:

Quando me aproximei da escola comecei a ouvir um barulho de festa, era uma atividade em que todos os estudantes da escola estavam envolvidos, os três turnos estavam reunidos no período da manhã com a abertura da GECA- Gincana Cultural que ocorre no mês de agosto e envolve todo corpo discente e docente da escola. As equipes são definidas por cores diferentes com estudantes e professores participando. As provas possuem caráter educativo, atividades do folclore, que é comemorado no mês de agosto, arrecadação de alimentos e atividades de caráter social como a doação de sangue. No primeiro momento pensei que havia perdido minha viagem, entretanto resolvi observar o relacionamento dos estudantes do Batatal com os outros estudantes da Adalgisa. Um fato interessante da gincana é que o corpo discente é distribuído aleatoriamente entre as equipes, proporcionando o relacionamento de estudantes dos diferentes turnos e bairros de Lima Duarte.

(Fragmento da nota de campo n°4, 03 de agosto de 2010)

Julguei conveniente apresentar no transcrito da pesquisa momentos importantes pelos quais a pesquisa passou, no caso das farpas apresento pequenos trechos de momentos difíceis como o dia em que cheguei à escola e não consegui encontrar os jovens envolvidos com a pesquisa.

Assim que procurei os jovens envolvidos com a pesquisa descobri que quase todos haviam faltado a aula, pois seria feriado municipal no dia seguinte. Como não encontrei com nenhum jovem envolvido com a pesquisa, aproveitei o momento para observar o espaço escolar, o movimento dos estudantes e professores, pois era já era o 3° bimestre, muitos corriam aproveitando o curto tempo para resolver o trabalho em equipe, definir sobre a apresentação, outros já estavam pensando no feriado. Procurei registrar no diário de campo o que chamou mais atenção e não deixei de colocar meu descontentamento, pois a visita à escola não havia sido tão proveitosa quanto esperava.

(Fragmento da nota de campo n°6 , 14 de setembro de 2010)

Após descoberta a farpa, proveniente do pequeno incômodo, e antes mesmo que ela inflamasse, busquei uma forma de retirá-la. Por mais desagradável que possam ser as farpas ajudam a compor o trabalho, durante a confecção do balaio por mais ágil e experiente que seja o artesão ele está sujeito a elas. Portanto, aproveitei o espaço para apresentá-las e afirmo que todas foram retiradas antes mesmo que inflamassem.

3.2- A escolha pelos jovens estudantes

A gente vai contra a
corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que
sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente
cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda
viva
E carrega a roseira prá lá...
Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu
coração...

**Música: Roda Viva
Chico Buarque**

O trecho da letra da música de Chico Buarque serviu inspiração para destacar as movências vividas pelos jovens estudantes que durante a pesquisa denomino de volantes, suas vidas estão ligadas à roda viva da vida. O motivo da escolha por pesquisar e trabalhar as narrativas dos jovens vai desde a espontaneidade deles, e por representar uma etapa da vida do ser humano em que escolhas precisam ser feitas. Os jovens devem se dedicar aos estudos, pois eles já perceberam que sem estudo não progredirão na vida de trabalho, nesse sentido a educação é um instrumento de ascensão social.

A pesquisa envolveu jovens estudantes do bairro Batatal que, de alguma forma, convivem com o rural e o urbano, uma vez que seus familiares são filhos de

migrantes que mudaram do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida. Como esses estudantes seriam filhos de trabalhadores rurais que ainda hoje se dedicam ao trabalho na zona rural, não romperam os laços com o campo. Com suas vidas perpassando por caminhos ligados ao rural e urbano, vivem uma migração pendular, ou seja, eles residem no bairro Batatal em Lima Duarte e se deslocam até o campo onde desenvolvem suas atividades ligadas ao campo e retornam no final do dia.

3.2.1- Bambus, os jovens volantes quem são?

Construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais. A categoria juventude é complexa e ambígua, discussões sobre ela estão imersas em questões sociológicas. Quando se trabalha com juventude de uma maneira geral, é necessário reconhecer que essa não é só uma etapa de transição da infância para a vida adulta.

A juventude é a idade que corresponde a um período de demarcação de uma etapa da vida imprecisa, momento em que o mundo se apresenta com uma nova realidade sendo o lugar em que se busca viver cada momento de forma intensa. Definir onde se inicia e termina a juventude é difícil, pois ela dura desde o fim da puberdade, variando no tempo. A obra “Jovens em tempo de pós-modernidade” de Libânio (2004), elenca vários pontos associados à Juventude, desde uma perspectiva geral até os lugares da educação dos jovens, para o referido autor a idade juvenil é:

“Na significação primitiva da palavra caráter, traduzimo-la por selo pessoal. Somos tentados a afirmar que o caráter geral da adolescência consiste em não ter nenhum caráter. Realmente apresenta esta época da vida mais que nenhuma outra o aspecto de um processo, de uma transição, sem estado fixo. Visto pelo lado psíquico, dura esse processo ao menos hoje muito mais do que se supõe geralmente. Não se podem indicar datas determinadas de valor geral. Os caracteres da nova organização psíquica são três: a descoberta do eu, a formação lenta de um plano de vida e o ingresso nas distintas esferas da vida” (2004, p. 14).

Para Libânio (2004) o início da juventude é um momento marcado por transformações no campo das relações sociais, como atenção às mudanças do próprio corpo, além da ampliação no campo cognitivo. Portanto, a juventude representa o período de mudanças na situação social, pois o jovem passa para o mundo do adulto. Já a pesquisadora em Sociologia Brumer (2007), chama a atenção destacando que “mesmo existindo dificuldades para delimitar o início e o fim do período chamado juventude há algum consenso na consideração de quem é jovem em determinada sociedade.” Para a etimologia simbólica o termo jovem remete ao adjetivo *aiutans* do verbo *aiutare*, ajudar. Portanto, jovem é aquele que atingiu a idade de poder ajudar.

Outro suporte teórico utilizado durante a pesquisa, sobretudo ao elencar os jovens estudantes, foi o livro de Stropasolas (2006), que é fruto de sua tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Stropasolas (2006) realizou uma pesquisa centrada em um estudo sobre a juventude rural na cidade de Santa Catarina acerca da agricultura familiar, onde o ponto de partida para a pesquisa foi o estudo de um grupo de jovens de origem rural, subdivididos com base no gênero e local de moradia. Segundo ele, a juventude corresponde à fase da vida em que as escolhas devem ser feitas, período marcado por angústia e sonhos. Representa um rompimento entre a infância e a vida adulta, é a fase da formação e transformação de cada um. Esse conceito pode representar a personalidade ou o indivíduo, como também o conjunto de pessoas que possuem características de jovens.

Um dos motivos pelo recorte dado à pesquisa está ligado a esse emaranhado de questões que envolvem o mundo dos jovens e em se tratando dos jovens moradores do bairro Batatal serem filhos de trabalhadores rurais que, para darem continuidade aos estudos, necessitam se deslocarem até o centro, onde se encontra a escola. Os jovens possuem estilos de vida parecidos, eles contam as suas histórias, relatam diversidades de interesses, criam narrativas das suas aventuras pelo bairro e pela zona rural de Lima Duarte, falam do espaço escolar, relatam os laços familiares, o amor à terra e aos animais, os embates com a sobrevivência.

A juventude é uma categoria dinâmica que vem se transformando ao longo da história. As relações sociais existentes imprimem marcas que definirão o perfil que o jovem irá se configurar como base da vida adulta. Existem diferentes formas de considerar os jovens, como há diversas maneiras de eles se afirmarem como

sujeitos, levando em conta, inclusive, organizações sociais de referência, a exemplo da escola e a família. Essas diversas organizações lançam um olhar diferenciado aos jovens, ouvindo-os e dando-lhes a oportunidade de atuarem na sociedade. Essas instituições formam os primeiros alicerces para o ingresso do jovem em um papel social. Mas é preciso destacar que a relação do jovem com a sociedade atualmente se dá de maneira conflituosa, pois eles recebem estereótipos como incapazes, rebeldes e irresponsáveis.

Quando o jovem chega à escola, ele leva experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços, características que irão influenciar na sua experiência escolar. No caso dos estudantes do bairro Batatal, eles passam por uma dupla dinâmica social e espacial que é representada pela família e a escola, lugares em que a vida de cada um se entrelaça, dando suporte à vivência desses jovens cuja vida cotidiana está centrada na educação e nas relações com o rural e urbano.

A educação é um instrumento importante no projeto de vida dos jovens, pois a escola configura-se como uma instituição referencial para a juventude moderna a partir da qual se definem as etapas da vida.

Para Charlot (2001), o espaço escolar se converteu como um lugar de pouco apoio e de fracas referências positivas para os jovens, a não ser quando considerado como uma forma para obter uma profissão. Segundo ele, o que os jovens põem em foco não é a desobediência cega a valores.

De certa forma, o próprio espaço escolar aparece para os jovens de maneira ambígua, pois ele também se revela como lugar de conflitos, como um dos poucos lugares de interação onde podem conviver com os amigos (Charlot, 2001, p.46).

A escola é, portanto na visão de Charlot espaço de socialização, pois ajuda os jovens a conviver uns com os outros e a passar do mundo infantil e juvenil para o mundo adulto.

As vivências e narrativas dos alunos, filhos de trabalhadores agrícolas, me encanta, pois é a sustentação da pesquisa. Busquei investigar e identificar junto a esses estudantes volantes através de suas fotos e conversas, suas impressões sobre o meio rural e o urbano, uma vez que vivenciam essa realidade através dos encontros e desencontros diários com a sua cidade, a escola e a família.

A sustentação da pesquisa foram as fotos e as narrativas, eixos que organizam a trajetória desses jovens, desde a infância, as experiências no espaço

escolar, assim como, as relações ocasionadas no bairro. Elas representam experiências de si, histórica e culturalmente construídas pelo encontro dos discursos e práticas que regulam comportamentos, definem as verdades e formas de subjetividade a partir da qual os alunos volantes, filhos de trabalhadores, vivem.

Para Carlos (1994), a geografia busca responder determinados questionamentos, sendo assim:

“A geografia, como ramo do conhecimento, tem como tarefa a compreensão, explicitamente reproduzida, da realidade. Nesse sentido, coloca-se como fundamental o questionamento sobre o modo pelo qual a análise espacial contribuiria para o entendimento da sociedade, o que implica pensar o papel explicativo da geografia. Impõe-se uma discussão aprofundada sobre o modo como se analisa, hoje, o espaço geográfico” (1994, p.20).

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi preciso buscar apoio em diversas áreas como na sociologia, para justificar a pesquisa com jovens e a importância da fotografia servindo como suporte para pesquisa qualitativa, na área da educação e em Geografia, ao trabalhar com determinadas categorias, como os questionamentos acerca da relação estudantes volantes como: espaço, espaço rural e o urbano, espaço geográfico, paisagens, campo e cidade; temas esmiuçados pela Geografia.

3.3- Quando o balaio começou a ganhar forma

“Quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada.” (Walter Benjamin)

“... o narrador é um indivíduo capaz de permitir que o pavio de sua vida se consuma inteiramente na suave chama de sua narração.” (Walter Benjamin)

Com base nas epígrafes de Benjamin, fica clara a importância da narração que, na figura do narrador, retira da sua experiência o que narra, sendo a sua própria vivência incorporada às coisas narradas e à experiência de seus ouvintes. A narrativa é um recontar, um passar adiante a experiência vivida por meio das histórias, contadas oralmente.

No caso, a conservação da narrativa do jovem estudante volante se dará graças às gravações e transcrições das entrevistas. Ela não se resume apenas em

uma lembrança da experiência, mas sim se reconstrói sempre que é narrada, fazendo aproximar e interpretar. A narrativa ganhará feições através das falas dos jovens estudantes volantes, sendo a produção de sentidos construída através das vivências do mundo rural e urbano.

O verbo narrar seria o mesmo que falar, dizer, descrever. Narrar é recriar a vida, é um processo dinâmico e a cada vez que se narra a sua força restitui. A narração está na vida de cada um, desde a infância, quando as crianças escutam histórias dos mais velhos e gostam de ouvi-las por várias vezes. Entretanto, a cada vez que o adulto narra, a criança viaja pensando em cada detalhe. Na educação infantil a arte de narrar ainda está presente, seja nas rodas em que a professora conta história ou nos momentos de conversa em que cada aluno narra suas peraltices de criança. Já os jovens possuem certa resistência em parar para ouvir, pois o tempo passa depressa demais e tudo que os mais velhos falam é só conversa do tempo deles. Atualmente, os jovens se dedicam às salas de bate-papo da internet, que não deixam de ser um exemplo de narrativa.

A narrativa, carregada de sabedoria, constitui-se como uma maneira artesanal de comunicação, é uma forma de contar a experiência. Todavia, a cada dia, encontra-se mais ausente, pois está perdendo seu valor perante as transformações do mundo. Nesse sentido, as histórias relacionadas ao campo/cidade que estão presentes na vida dos jovens estudantes precisam ser contadas para ganhar força, uma vez que elas sintetizam uma maneira como é apreendida e representada a experiência pelos jovens.

Nesse contexto, a elaboração da prática da pesquisa é o modo de sentir, amar, pensar, construir e reconstruir, interrogar, fazer parceiros, grandes descobertas achados, não dormir preocupada com cada detalhe da pesquisa; é enfrentar cada obstáculo, estarmos envolvidos de corpo e alma com a investigação. Portanto, a prática da pesquisa faz parte da própria vida da pesquisadora. Como fora mencionado, escolhi realizar a pesquisa na Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque¹¹, opção que surgiu no decorrer da reestruturação do projeto, uma vez que, a princípio, minha ideia era pesquisar os estudantes da Escola Municipal Altivo Pedro

¹¹ Foi na Escola Adalgisa que estudei quando migrei da Zona Rural para Zona Urbana, onde passei parte da minha vida de estudante, foram 7 anos, essenciais para tomar a decisão de ser educadora. No ano de 1996 concluí o Ensino Médio com o curso de Magistério, tinha feito a primeira opção do caminho a percorrer para ser educadora e era chegada a hora de dizer um até logo para a Escola Adalgisa de Paula Duque a fim para galgar novos caminhos.

Gomes, localizada no bairro Batatal. Todavia, como essa escola recebe alunos somente até o 5º ano do Ensino Fundamental e o tema da pesquisa, o rural e o urbano, é complexo até mesmo para adultos, fiz com que minha opção inicial mudasse.

Ao refletir sobre a melhor maneira de realizar a pesquisa, optei por pesquisar jovens estudantes volantes, os estudantes do Batatal que, por não terem escola que os receba no bairro, se deslocam diariamente com o auxílio do transporte escolar até o centro da cidade, onde está localizada a Escola Adalgisa de Paula Duque. Logo, como esta recebe estudantes de vários lugares do município de Lima Duarte-MG, como os estudantes do bairro Batatal, além de estudantes da zona rural do município¹², é um local repleto de desafios e mistérios, propício para realizar a pesquisa.

Refiz o caminho de volta à escola, agora não mais como migrante rural-urbano, mas não deixando de fazer uma migração pendular. Há alguns anos residindo em Juiz de Fora, agora retomo o caminho até a referida escola como pesquisadora. O primeiro contato se deu através de uma visita no segundo semestre de 2009, quando conversei com a vice-diretora explicando sobre o meu pré-projeto de pesquisa apresentado no Mestrado de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

3.3.1- Indo a campo

As primeiras visitas a escola foram direcionadas para conhecer o espaço escolar, depois a observação passou a ser direcionada aos estudantes volantes do bairro Batatal e seu convívio com o espaço escolar. Minha presença na escola foi tranquila, já nos primeiros dias era uma pessoa comum no espaço escolar. Durante os primeiros contatos com a Escola Adalgisa de Paula Duque, aproveitei para conversar com os estudantes do bairro Batatal de forma informal explicando sobre meu projeto de pesquisa, foi com surpresa que constatei que todos os estudantes com os quais conversei se dispuseram a participar da pesquisa. No início eram doze estudantes voluntários, sendo que três haviam relatado que eram tímidos, mas que queriam participar da pesquisa.

¹²Alunos de comunidades rurais distantes como Laranjeiras, Lopes, Água Fria, entre outras localidades rurais.

Após meses de visita e contato direto com a Escola Adalgisa, estudantes, em especial os jovens do bairro Batatal, funcionários, direção e professores, o que ficou registrado na memória de mais relevante foi o relacionamento entre pesquisadora e os estudantes volantes. Assim que chegava a escola, os jovens estudantes já me procuravam para conversar sobre as fotos tiradas por eles durante a semana. Muitas vezes não precisava ir até ao encontro deles, pois eles assim que sabiam da minha presença na escola já se dirigiam à sala da supervisão. Uma preocupação de todos era mostrar para os outros estudantes da escola como o bairro Batatal possui coisas boas, pois julgavam o espaço do bairro sem conhecê-lo.

Os jovens estudantes volantes passeiam com câmeras fotográficas pelo bairro Batatal, acompanhando o caminho trilhado diariamente até a escola. Enquanto olham e descobrem estas imagens, alguns hábitos e costumes atuais da vizinhança revelam fatores históricos na formação do espaço social que remontam até os tempos de criação do bairro e da cidade.

Ao observar as fotos tiradas pelos jovens pude perceber que, de certo modo, todos os estudantes volantes fotografaram pontos importantes no seu percurso do bairro até a escola. Escolhi trabalhar com as fotos por acreditar que assim estaria mais próximo de cada um envolvido com a pesquisa. As representações construídas pelos jovens, que expressam as redefinições de valores culturais no espaço e que contribuem para elucidar as mudanças, constituem num objeto privilegiado da pesquisa.

Aproveito para esclarecer que a opção pelo uso de imagens não foi para procurar substituir as palavras. As imagens não meramente ilustram a dissertação, as fotos e entrevistas se completam, concorrem para propiciar uma reflexão sobre os deslocamentos vividos pelos jovens.

Alguns pontos me chamaram a atenção durante meu contato com o espaço escolar e em especial com os estudantes. Esses pontos foram registrados com detalhes no caderno de campo, seriam então as farpas da pesquisa, momentos intrigantes, curiosos, instigantes.

4.0- A tessitura do balaio

O termo trabalho de campo lembra algo ligado à terra. É esta a forma que a maioria dos investigadores qualitativos utiliza para recolher os seus dados. Encontram-se com os sujeitos, passando muito tempo juntos no território destes [...] (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.113)

A intimidade entre pessoas não requer o conhecimento de detalhes da vida de cada um; brilha nos momentos de verdadeira consciência e troca (TUAN,1983, p.156)

As epígrafes acima servem de justificativa para validar os resultados da pesquisa, até mesmo no início do trabalho de campo, quando não conhecia nenhum dos jovens estudantes do bairro Batatal. Não sabia detalhes da vida deles, mas assim como destaca Tuan (1983), as entrevistas se desenrolaram e brilharam durante os momentos compartilhados entre pesquisador e sujeitos. Os lugares eram íntimos de cada um, sendo transitórios e pessoais, entretanto ficaram registrados na memória dos jovens volantes e, a cada vez que são rememorados, proporcionam uma intensa satisfação a todos que compartilharam da pesquisa.

Esses jovens são submetidos ao confronto de valores sobre a vida no meio rural e no meio urbano, pois os cidadãos podem transmitir uma visão deturpada do espaço rural. No entanto, o contato entre o espaço rural e o espaço urbano possibilita aos jovens a ampliação das relações sociais e também de sua visão cultural.

O presente capítulo ajuda a fazer uma análise das imagens e narrativas dos jovens levando em consideração algumas categorias: a relação entre o rural e o urbano; a importância da escola e suas expectativas; a relação entre os jovens estudantes volantes com a escola e o bairro.

Para que o trabalho com a fotografia pudesse ser realizado, foi emprestada uma câmera fotográfica que ficava com o estudante volante durante uma semana. É importante ressaltar que as fotografias foram tiradas pelos participantes da pesquisa, nos locais escolhidos por eles durante o fluxo diário do bairro até a escola. Os temas das fotos eram livres, portanto foram definidos por cada um deles, conforme o interesse e o que mais chamava a atenção nos locais por onde o ônibus escolar

passava. Isso não quer dizer que pode ter ocorrido uma troca entre os colegas com sugestões em relação aos registros. Ao final da semana, eles me entregavam o clip para que eu pudesse providenciar a revelação das fotos. Depois de reveladas, as fotos foram apresentadas para cada jovem estudante, iniciando-se o momento das conversas.

Escolhi trabalhar com as fotos por acreditar que assim estaria mais próximo de cada envolvido com a pesquisa. Ao observar as fotos tiradas pelos jovens pude perceber que, de certo modo, todos os estudantes volantes fotografaram pontos importantes no seu percurso do bairro até a escola. Na verdade, o que ficou claro após colher todas as imagens é que, em nenhum momento, eles registraram a escola onde estudam. O transporte escolar quase não aparece nas imagens, somente em uma foto onde é mostrada a rua principal do bairro e ao fundo aparece o ônibus.

As entrevistas foram individuais e não foram realizadas na mesma semana, foram intercaladas e duraram cerca de 50 minutos; a cada ida da pesquisadora à escola eram realizadas duas entrevistas. No início haviam doze estudantes interessados em participar, com o tempo farpas foram surgindo e alguns estudantes tiveram que abandonar a pesquisa, ficando essa apenas com oito estudantes. O perfil dos jovens pode ser observado segundo os gráficos nº 1 e nº 2. O gráfico nº 1, apresenta o perfil dos envolvidos com a pesquisa segundo o gênero.

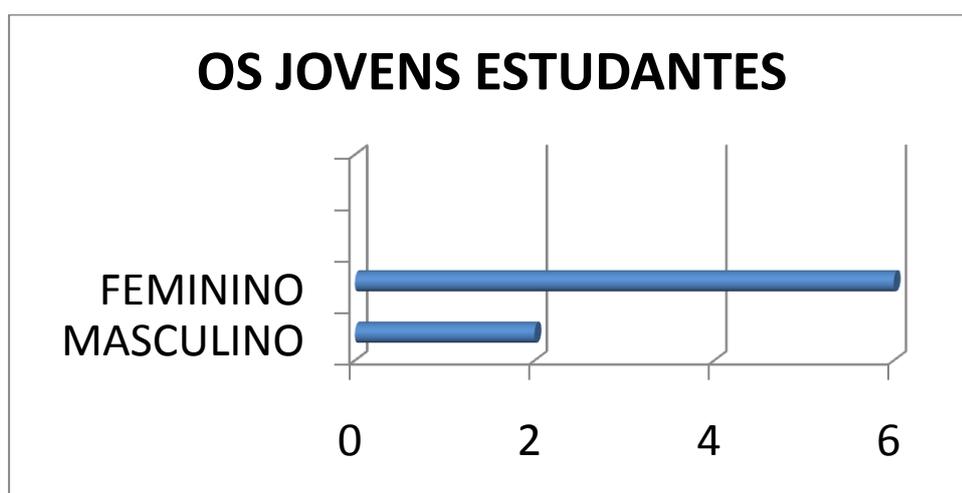


Gráfico 1: Participantes da pesquisa segundo o gênero

A escolha dos jovens estudantes volantes foi feita a partir de alguns critérios, como: buscava-se pesquisar os estudantes moradores do bairro Batatal; os

estudantes deveriam ser filhos de trabalhadores agrícolas; esses eram do turno matutino e todos eram jovens interessados em participar da pesquisa. Optei por fazer a análise das narrativas dos entrevistados utilizando nomes fictícios.

As fotos relevam várias possibilidades para pesquisa, como por exemplo, registros da imagem em movimento, que lhe conferem a dinâmica necessária para o trabalho de campo.

As fotografias utilizadas na pesquisa foram tiradas entre os meses de agosto, setembro e outubro de 2010. Várias questões chamam a atenção desde a ausência de todos os jovens estudantes envolvidos com a pesquisa; a falta de fotos da escola onde eles estudam atualmente; pouca presença humana, com raras exceções, como por exemplo, D^a Baiana e as crianças brincando na quadra e também nas horas livres na rua Rosaura.

No que tange às formas como a pesquisa se desenrolou, as narrativas e as fotografias feitas pelos jovens estudantes, foram tomadas como base para a pesquisa. Um dos elementos que ajudaram a compor as entrevistas foram os registros das imagens do percurso bairro-escola, que serviram de suporte para que as relações urbanas e rurais dos jovens estudantes fossem contadas. Ao contrário do que pode ocorrer com questionários amarrados, as entrevistas semi-estruturadas constituíram uma forma de obter o inesperado, o que pode ser repensado e indagado. A utilização destes tipos de entrevistas possibilitou a construção da narrativa, pois os jovens foram incentivados a organizar a narrativa em torno das relações urbanas e rurais, vivenciadas diariamente através do convívio com familiares que trabalham na zona rural de Lima Duarte. As imagens possibilitam a exploração de vários aspectos, vivências, situações diversas e experiências.

As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro, outubro e novembro de 2010. O primeiro contato com cada um dos entrevistados aconteceu no início do 2º semestre de 2010 e, só foi possível, graças à ajuda da direção da escola, que prontamente apresentou alguns estudantes do Batatal, e a partir destes primeiros jovens, outros foram manifestando interesse em participar da pesquisa. Durante a primeira conversa, busquei esclarecer o objetivo da pesquisa, explicando aos jovens participantes que suas identidades seriam preservadas, se assim o desejassem. Portanto, foi criado um pseudônimo para resguardar os jovens estudantes envolvidos com a pesquisa.

No início, os participantes da pesquisa eram doze estudantes, entretanto durante o desenrolar, alguns foram abrindo mão da participação devido a questões pessoais, como, por exemplo, o caso da jovem Amanda¹³ que tem quatorze anos e que estava cursando o 1º ano do Ensino Médio. Ela havia mostrado interesse em participar da pesquisa, evadiu da escola, sem nenhum motivo aparente apenas para ficar em casa. Portanto, os jovens que se dispuseram e que efetivamente participaram da pesquisa foram oito. São eles: Magno, Karina, Mariana, Jéssica, Marcelo, Greice, Tatiana e Nayara. A seguir passo a apresentar as narrativas e fotos marcantes feitas pelos jovens que foram os bambus que ajudaram a construir o balaio.

O gráfico nº 2 apresenta o perfil dos oito jovens estudantes volantes segundo a idade e escolaridade.

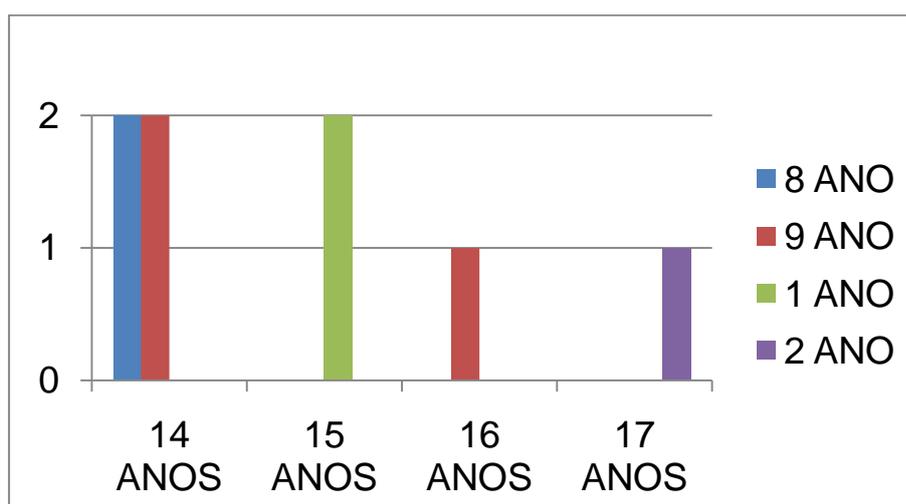


Gráfico 2: Escolaridade e idade dos jovens estudantes

¹³ A jovem que mostrou grande interesse em participar da pesquisa, porém acabou evadindo-se da escola. Quando fui realizar parte da pesquisa de campo na escola me deparei com a jovem que estava voltando a estudar naquele exato dia, ela conversou com o diretor e depois se dirigiu até a sala da supervisão para uma conversa, a jovem ficou sem estudar durante todo o terceiro bimestre.

4.1- O jovem Magno

O estudante Magno que tem 17 anos e estuda na Escola Adalgisa há apenas dois anos. Atualmente está no 2º ano do Ensino Médio e sonha em fazer biomedicina. Já morou em outro município como Juiz de Fora. Agora, mora no bairro Batatal com sua avó. Desde o início da pesquisa, ele sempre se mostrou muito interessado, questionou se podia fazer comentários sobre cada foto. Aproveitava os momentos das nossas conversas para frisar que existiam muitos pontos positivos do bairro, como: o posto de saúde, as árvores frutíferas, as casas novas que foram construídas no início do bairro e que os jovens adoravam freqüentar as cachoeiras da região.

Durante toda a pesquisa, Magno portou-se como líder junto aos jovens colegas voluntários, ficando com a câmera e ajudando a realizar o rodízio da mesma durante todo o trabalho de campo. Nossa entrevista aconteceu no dia 14 de setembro de 2010 e durou cerca de 70 minutos. As aulas estavam iniciando quando cheguei à escola e fui à procura de Magno para conversarmos sobre as fotos tiradas do percurso do bairro até a escola. Aproveitei o momento para mostrá-lo todas as fotos tiradas por ele e pelos seus colegas do bairro Batatal. Ele ficou entusiasmado com o resultado das imagens registradas do bairro.

Os jovens volantes adoraram a ideia da fotografia, essas tinham por base a produção livre de imagens fotográficas que indicassem o deslocamento vivido por eles do bairro até a escola. Todas as vezes que fui à escola ou ao bairro Batatal, sempre o encontrei, trocamos longas conversas. Um fato que me chamou a atenção durante nossa última conversa no dia 19 de outubro, foi quando perguntei-lhe qual seria o título dado ao banner com as fotos do bairro e ele não pensou duas vezes, dizendo:

“Batatal – um bairro em desenvolvimento.”

Os estudantes criaram narrativas que integravam as imagens a partir da entrevista semi-estruturada realizada com cada um. Essas imagens foram compartilhadas entre os alunos, os professores e funcionários da escola. A experiência atual com as imagens aconteceu de forma espontânea. Muitas fotos foram fragmentadas, clicadas em diferentes momentos, nos quais os jovens

puderam registrar o bairro, suas características principais e o percurso do mesmo até a escola onde estudam localizada no centro de Lima Duarte.

Quando os jovens volantes falam ou dão um depoimento, tiram às fotos, eles relatam fatos, interpretando-os. A mim, coube analisar e interpretar as narrativas e as fotos feitas pelos jovens acerca dos viveres rurais e urbanos. Suas histórias revelam e iluminam o que é propriamente o rural e o urbano para eles.

Aproveito o momento para apresentar trechos da conversa com o jovem, intercalando com as imagens feitas por eles. Cada fotografia representa o modo de ver e os significados que os jovens atribuem aos diferentes lugares.

Aline: Magno, você gostou de tirar as fotos?

Magno: Sim. Foi ótimo, pois assim pude observar o que meu bairro tem de melhor e pontos negativos.

Aline: Por que?

Magno: Ah, eu acho que assim, mostra os pontos positivos do bairro, não só, ultimamente tá tendo muito ponto negativo, como o excesso de lixo espalhado pela rua; os animais que algumas pessoas pegam para criar e que depois não dão conta e abandonam; o mato e abandono de algumas calçadas; a poluição do córrego que corta todo Batatal.

Aline: O que te chamou mais atenção na hora que você foi tirar as fotos?

Magno: Eu nunca tinha reparado direito as coisas legais do bairro, como por exemplo, o calçamento, o novo posto de saúde, a escola, a quadra e o conjunto de casa populares que foi recentemente construído, são lugares bonitos do Batatal, existe também alguns sítios, que tira um pouco de leite, tem um veterinário que possui um sítio onde o forte é a criação de cavalos

Aline: Quantos anos você tem?

Magno: Dezesete.

Aline: Gosta de estudar?

Magno: Gosto muito. Quero me formar para poder ajudar a minha avó, que precisa da minha ajuda, atualmente moro com ela e procuro ajudar no que é possível.

Aline: O que você pretende fazer?

Magno: Vou fazer biomedicina, pena que na Federal ainda não têm vou fazer o Prouni para poder estudar na Unipac.

Para Cosgrove (1998), o local é repleto de múltiplos significados sendo, portanto, complexo. O local é um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram. Ressaltando a fala do jovem estudante, ele faz um comentário acerca da representação do fogão a lenha que era muito utilizado no Batatal e que, hoje, ainda existe, porém não tem importância como antes. Segundo esse autor, a paisagem é a maneira de ver e compor o mundo externo em uma unidade visual. Portanto, durante essa pesquisa, as fotos ajudaram a compor a paisagem do bairro Batatal que é a

ideia de mostrar em formas visíveis, como observam a superfície e como interagem na sua composição.



Foto 1: Rua principal do Batatal¹⁴

Usar a fotografia como instrumento de pesquisa foi de uma imensa riqueza de informações visuais, entretanto, as mesmas dificuldades que se encontram entre o depoimento e a entrevista existirão, pois dificuldades e limitações vão sempre existir na pesquisa, mesmo quando se usa um novo e inovador instrumento como é o caso da película fotográfica, que durante esse trabalho só veio somar, auxiliando e reforçando as entrevistas semi- estruturadas. Para Martins “a fotografia é a busca do espelho que não mente, da durabilidade, da permanência, da nossa inteireza”(2008, p.56). Por trás da fotografia há um modo de ver que está referido a situações e significados, no caso as imagens feitas pelos jovens retratam isso, a maneira como eles vêem suas relações urbanas e rurais.

Após mostrar a fotografia para o jovem, iniciamos o diálogo, procurando destacar o que a imagem representava para ele, seus incômodos e sua relevância. A imagem é o lugar onde se vive, podendo ser também o lugar de onde o jovem se vê e de onde se vive o mundo.

Aline: Mas se você não conhecesse o lugar, e olhasse assim, aí o que é que ia remeter esse lugar? Se eu te entregasse essa foto, sem você saber onde é tudo? O que é que você vê? O que é que te lembra nessa foto?

¹⁴ Todas as legendas das fotos foram feitas pelos estudantes volantes, seguindo sugestão deles próprios que, desde o início da pesquisa demonstraram interesse em justificar cada foto.

Magno: Me lembra bem aquela época antiga que o pessoal ficava no mato. Logo aqui embaixo tem muito mato que, madeira que faz fogo. Essa rua só foi calçada recentemente e é o principal acesso para o centro da cidade e serve também de ligação para a roça, antigamente existia o trem que passava por aí.

Aline: Tá. Então te lembra o tempo antigo?

Magno: Isso, porque faz muito tempo que o trem parou de passar e a mata ao redor me lembra o fogão a lenha, que era a maneira das pessoas se alimentarem e aquecerem do frio.

Aline: Hoje em dia as pessoas não utilizam o fogão a lenha mais?

Magno: Não.

Aline: Por que não utilizam?

Magno: Não, algumas do meu bairro utilizam, mas grande parte não usa. Também acabou essa época que foi de lenha, essas coisas. Deve ter umas cinco, seis pessoas que usam só. Também é muito difícil ter em casa o fogão, pois ele precisa de lenha e como as pessoas trabalham fica complicado ir ao mato para pegar lenha, ah, é muito difícil.

Para Corrêa (2008), o espaço geográfico é a morada do Homem, que pode ser descrito através de diferentes metáforas, vivenciado de diversos modos, sendo, portanto, multidimensional. O espaço antigo do Batatal é lembrado por Magno devido ao fato das pessoas possuírem fogões a lenha. Aceitar a multidimensionalidade é entendê-la por práticas sociais distintas, como a utilização do mesmo por alguns moradores do bairro. O município de Lima Duarte é um espaço marcado pela particular vinculação com a natureza, possuindo lugares onde ainda é forte, constituindo um dos elos de integração do mundo rural com o mundo urbano. As imagens nº 2, 3 e 4 registradas pelos jovens ajudam a mostrar que o rural vem passando por mudanças e uma delas é a estreita relação entre o rural e o urbano, o Batatal é palco dessas relações, espaço que se apresenta articulado e unido.

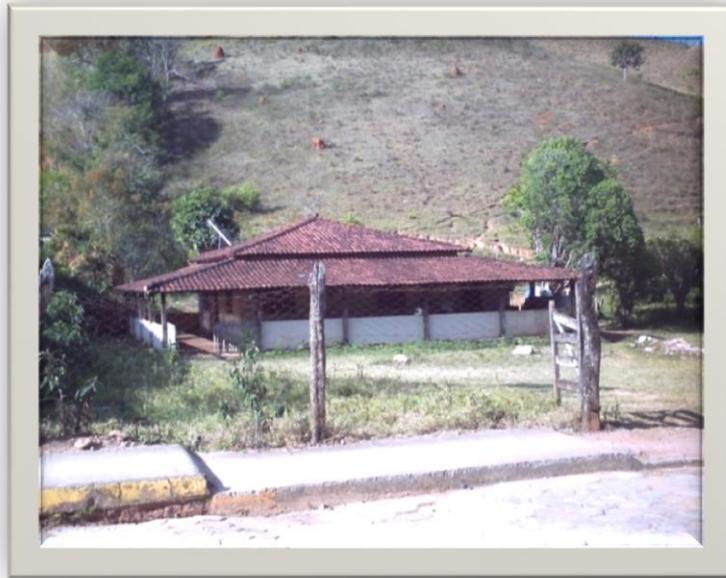


Foto 2: Propriedade rural

Aline: *Então aqui seria assim, uma das propriedades mais antigas do bairro?*

Magno: *Mais antiga eu não diria, mas a mais antiga que eu acho é da minha avó, que tem cinquenta anos, que é a idade da minha avó. E aí veio depois, que também era do meu avô, tataravô, eu acho, do meu avô e da minha avó. Bisavó da minha avó.*

Aline: *E como chama a sua avó?*

Magno: *Antonia. Deixa eu ver aqui. Aí, é aquela outra mata que eu te falei. Aqui tem duas casinhas aqui embaixo, alugadas. Aqui eu acho que é o..., que também é usada pra gado leiteiro. Aqui tem uma fazenda aqui embaixo.*



Foto 3: Sítio localizado no bairro Batatal

Aline: Então você acha que existe uma relação do bairro Batatal com a zona rural?

Magno: Ah, acho que sim. Muito grande. Assim, que lá tem muitas propriedades rurais, lá tem muitos produtores rurais. Só que, porém eles produzem pra consumo próprio, não pra exportar. Só alguns que produzem exportar.

Aline: Então seria mais produção pra subsistência?

Magno: Isso, eles produzem um pouco de cada alimento básico e só compram o que falta.



Foto 4: Sítio vizinho da nossa antiga escola

Aline: Para o próprio sustento deles e da família? Eles produzem o que?

Magno: Sim, eles produzem para própria família, plantam feijão, milho e muitas verduras, há um tempo atrás até existia um pequeno sítio que plantava morango.

A dinâmica espacial registrada pelos jovens é representada por imagens onde se observa casas da vizinhança, lugares importantes como o posto de saúde e a escola do bairro são lembrados e fotografados. Esses espaços são distintos, superpostos e reforçam essencialmente o espaço de vida que se entrelaçam e dão destaque ao cotidiano vivenciado pelos jovens estudantes pesquisados.



Foto 5 : Córrego que passa pelo Batatal

Magno: Aqui, deixa eu identificar onde que é, aqui embaixo tem um rio, que é um rio bastante poluído, que atrapalha muito a população com animas, ratos, baratas, que sobem tudo pras essas casas aqui. Aqui o cheiro é muito incômodo também.

Aline: Por que esse rio é poluído?

Magno: Porque a cidade inteira joga o esgoto, os resíduos, tudo num rio só, e esse rio passa pelo Batatal também. Existe algumas casas que jogam o esgoto no córrego e os moradores não ficam nem um pouco preocupados e não cobram da prefeitura uma atitude para resolver o problema.

Dentre as diferentes imagens registradas pelos jovens, duas foram lembradas e comentadas por todos envolvidos na pesquisa e fotografada por alguns, como é o caso do jovem estudante volante Magno: o novo posto de saúde do bairro (foto nº 6) e as casas populares (foto nº 7) que serão ocupadas por pessoas de espaços diversos do município, desde as localidades rurais e também de bairros periféricos do município.



Foto 6: Novo posto de saúde do Batatal



Foto 7: Conjunto de casas populares, lugar muito bonito

Dos jovens participantes da pesquisa, Magno é o que se mostrou mais maduro, fato que pode ser justificado por ser o mais velho, seus comentários foram precisos, desde o início ele procurou falar sobre algumas questões que julgava importante, desde a necessidade dos estudantes do bairro terem que se deslocar para uma escola localizada no centro do município, a pouca oferta de trabalho e o alto número de jovens que abandonam a escola ou só estudam até completar o Ensino Médio. Segundo ele um dos motivos que justifica o que ocorre com os estudantes é a falta de esclarecimento dos pais e também a baixa condição financeira que obriga os jovens a abandonarem os estudos para ajudar a completar a renda familiar.

Ao apresentar as imagens nº 6 e nº 7, que mostram o novo posto de saúde e as casas populares, Magno fez vários comentários, a seguir apresento parte da conversa:

Aline: Essa foto aqui, o que é aqui? O que você lembra? Aí você pode ir passando e ir contando o que você acha das fotos.

Magno: Esse posto é meio de frente, ele tem mais ou menos uns, foi no começo do ano que ele foi inaugurado, entendeu? Aí, assim, é um posto grande, melhor que o antigo aquele que eu te falei que ficava na escola, mas ficou muito vago na parte de médico. Que ali é um posto grande, pra gente ser atendido todos os dias da semana, mas não é. E dá filas enormes, E os médicos são Clínico geral.

Aqui as casinhas foram criadas assim, é tipo uma casa popular. Elas foram vendidas a preços, prestações menores, mas com um prazo maior de pagar, entendeu? Que é vinte anos. Até agora não tem ninguém morando ainda, tão, terminou de fazer, uns fazem na rua, entendeu? Igual ta ali as casinhas, o posto, aquela parte que desce pro centro, o posto. Aqui tinha um jardim enorme, só que eu acho que tava dando cobra, essas coisas, aí cortaram; tinha uma árvore aqui.

Magno: Os cômodos são muito pequenos, A sala é desse tamanhozinho, um quadradinho só. As casinhas são bonitas, coloridas, alegres. As pessoas que vão morar nessas casas não ganharam, eles compraram a casa. Elas não foram doadas pela prefeitura. São casas do mesmo tamanho só muda a cor e a disposição do tanque que fica na área de serviço do lado de fora da casa, sem cobertura alguma. Elas foram financiadas por um banco e existe um prazo maior pra pagar, acho que tem pessoas que vão gastar uns vinte anos para pagar. Eles não podem mexer na casa enquanto não acabar de pagar, não podem crescer muro nem nada.

Segundo Tuan (1983) “Vivemos no espaço, o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro.” Os jovens estudantes volantes sentem-se seguros no Batatal, que representa para eles o mundo vivo, onde os viveres entre o espaço rural e urbano ganham dimensões profundas. O lugar “Batatal” é onde os jovens atribuem valor, convivem com os amigos, familiares e com os vizinhos. Para o autor, nas relações de espaço e lugar, segundo a experiência, o espaço é mais abstrato que o lugar. O espaço indiferenciado modifica-se em lugar a partir de que se conhece melhor. Quando pensa em espaço como algo que permite movimento o lugar passa a ser considerado como pausa e a cada pausa no movimento é possível transformar em lugar. Segundo essa concepção de Tuan, o espaço município de Lima Duarte permite o movimento das pessoas seguindo as necessidades de cada uma, seja o trabalho ou os estudos. O lugar

bairro Batatal representa a pausa. As ideias entre espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra.

Ao ver todas as imagens o jovem constatou como é grande a área verde do bairro, e como os animais têm forte presença no Batatal, fato que segundo Magno ajuda a justificar a forte relação do bairro com o meio rural.



Foto 8 : Animais são fáceis de encontrar no bairro

Em um capítulo do livro de Tuan, intitulado *Espaço, Lugar e a Criança*, o autor destaca que o sentimento pelo lugar sofre influência de questões básicas como: se o lugar é natural ou construído e se é pequeno ou grande. Portanto, o lugar pode ganhar profundo significado para o jovem estudante “volante”, através do acréscimo de cada ano em que sua vida é perpassada por relações urbanas e rurais. O lugar natural é representado pelo lago da foto n° 11 e o espaço construído passou a ganhar um novo significado no depoimento do jovem aqui representado pela imagem n° 9.



Foto 9: Igreja Católica do Batatal em obra

Magno: *Aí é a parte, é a Igreja católica do bairro. A religião no bairro é bem dividida. A igreja católica tem muitas pessoas no bairro que dizem ser católicos, mas não praticantes. Essa igreja ainda tá, não tá reformada, essa obra deve ter uns dois, três anos, ainda a obra não terminou. A obra da igreja não terminou devido a falta de verba. Quem resolveu fazer essa igreja foi a Dona Rosaura que já faleceu a algum tempo sem ver a igreja nova pronta, falta também empenho dos moradores do bairro. Missas são celebradas uma vez por mês e existem encontros de catecismo alguma outra coisa assim que pode ser religiosa no bairro. Não existe nenhuma festa religiosa no Batatal.*

Todas as fotos foram mostradas ao Magno. Assim que iniciamos a conversa, antes mesmo que mostrasse a ele as imagens feitas por ele e pelos colegas do Batatal, ele foi destacando os lugares que julgava importante e bonito do bairro e apontando as coisas negativas. A foto nº 10 é um exemplo, pois é uma imagem negativa segundo o jovem. O lixo jogado na rua causa incômodo ao jovem como pode ser observado na conversa a seguir.



Foto 10: Imagem do lixo jogado na rua

Magno: *Isso. Aí deixa eu ver a foto, esse calçamento também é novo, não deve ter nem um ano direto. Antigamente a rua, nada da rua era pavimentada, era uma poeira só. Acho que o calçamento trouxe coisas boas, como por exemplo, agora a poeira diminuiu. Mas por outro lado só piorou o bairro, que agora tá todo mundo jogando lixo aqui na rua, quando tinha terra não tinha isso. Acho que os moradores ficaram mais porquinho depois que calçou o Batatal. As pessoas sabem que existe coleta de lixo no bairro e mesmo assim continuam jogando na rua ou do lado de baixo da rua. Existe muito lixo espalhado pelas ruas do bairro, a coleta só ocorre em um dia, terça-feira.*

A imagem nº 11 foi muito comentada pelos jovens. Eles se lembram do local como lugar de pura diversão, onde nadam e encontram os amigos, apesar de não ser um lugar muito seguro, pois fica exatamente sobre a rodovia que liga Juiz de Fora ao Sul de Minas.

Magno: *Isso aqui é onde o pessoal usa geralmente pra nadar, mas também é um rio não muito confiável, que como tá aqui ó, vem seguindo uma rua, que no final dele, no começo dele tem uma fazenda que joga estrume de vaca, essas coisas, o pessoal joga ali. Como não existe nenhum clube no bairro os jovens procuram esse pequeno lago quando querem nadar, pena é que ele não é confiável, Acho que o Batatal precisa de uma piscina já que estão querendo construir um campo de futebol seria bom aproveitar para também agradar a população jovem do bairro, já que lá não existe quase nenhum lazer.*



Foto 11: Lago utilizado por muitos para nadar

Segundo Tuan (1983), o espaço no mundo ocidental é um símbolo comum que permanece aberto; estando aberto, ele está vulnerável, permanece livre, não possui padrões estabelecidos, seria como uma folha em branco onde cada um pode imprimir o significado que quiser. Já o espaço fechado é aquele que é o centro calmo de valores estabelecidos. O homem necessita de espaço e lugar, pois sua vida é um movimento de dependência e liberdade. Na foto nº 11, o jovem explicita essa necessidade de espaço e de lugar, quando ele diz que o lago não é um lugar muito confiável, mas, como eles querem se divertir, utilizam-se do espaço aberto às margens da BR para satisfazerem seus desejos, ou seja, esse espaço não possui um padrão pré-estabelecido, cada um o retrata como quiser.

As áreas de lazer no bairro são poucas, os jovens utilizam a quadra e aguardam a construção de um novo campo de futebol. Por isso, quando o assunto é diversão, eles associam as imagens ligadas a uma propriedade rural que fica localizada um pouco distante do bairro, do outro lado da rodovia, e também gostam de mostrar o local chamado por eles de “folham”, que é a tubulação por onde passa a rodovia que liga a Zona da Mata Mineira à região do Sul de Minas, retratada na foto nº 11.



Foto 12: Cachoeira: local de diversão

Magno: Essa aqui é a BR, a 267, aí aqui tem fazenda, onde tem uma cachoeira. Sabe essa foto aqui? Tem uma cachoeira muito linda, e também antigamente ali usava pra nadar, porém, como morreu um cara bêbado lá aí eles proibiram de nadar.

Aline: Nessa fazenda aqui?

Magno: Isso, nessa casinha amarelinha que aparece lá no final da foto próximo as montanhas.

Aline: Então essa casinha, a cachoeira da fazenda servia de lazer para os moradores do Batatal ?

Magno: Servia de lazer pro pessoal. Só que aconteceu o acidente com o bêbado aí proibiram de vez.

Aline: A fazenda fica do outro lado da BR. Você não acha que é perigoso a travessar a rodovia para ?

Magno: É, a cachoeira fica do lado contrário do bairro ,a gente só faz a travessia pra pegar o ônibus para Juiz de Fora ou para ir nadar na cachoeira, tirando isso a gente não frequenta muito a região da Br a não ser os moradores do bairro que moram perto da rodovia e as pessoas que trabalham nos sítios localizados do outro lado do bairro.

A vida dos jovens é marcada pelas suas relações com a família, com o bairro e com a escola. As representações e os anseios dos estudantes do Batatal envolvem fatores externos e internos a esse espaço, bem como atitudes individuais e coletivas, como pode ser observado na foto nº 34, em que os jovens procuraram registrar, através da pichação, o grupo de dança que existia no bairro e que, por causa da mudança de alguns integrantes, não está funcionando.

Ao observar as fotografias e analisar as narrativas dos jovens, em assuntos ligados ao cotidiano, suas expectativas para o futuro são freqüentes nas suas falas e lembradas também nas fotografias.

Magno: Aí seria um estábulo pra criar cabra. O proprietário só construiu o curral, ele é muito grande até o momento não começou a criar cabra no local. Essa foto ajuda a responder porque eu acho que o Batatal possui mais características rurais, devido aos pastos, aos animais e aos sítios que são marcas registradas do bairro. Além de ter várias pessoas que trabalham na área rural de Lima Duarte.



Foto 13: Curral para criação de cabras

Magno: Deixa eu ver. Aqui seria uma coisa também bem antiga, que morava um senhor que cultivava verdura, fruta. É um senhor bem influente no bairro.

Aline: Então aqui é uma fazenda?

Magno: É um sítio.

Aline: Mas esse senhor é influente em que sentido, ele emprega pessoas do bairro?

Magno: Ele empregava, que agora é o filho dele que, assim, que ele empregava muita gente pra cuidar, mas porém, ele parou de cultivar as verduras, as frutas; ainda cultiva, mas não com a empregabilidade de antigamente, só o filho dele que cuida agora. Os filhos, que ele tem mais de um filho.

Aline: Quais são as atividades aqui desse sítio?

Magno: Ah, ele também aluga pra quem tem vaca, cavalo, essas coisas.

Aline: E isso é comum no bairro, as pessoas terem cavalo?

Magno: Não, não é muito comum não, mas existe algumas pessoas que mesmo morando na cidade não esquecem do campo e acabam tentando manter contato.

Aline: A pecuária é comum no Batatal? Pois estou observando que existem várias fotos de sítios e currais?

Magno: Não. Só nas fazendas que ficam próximas ao bairro, tem três fazendas que tiram.

4.2- A jovem Karina

Sempre muito comunicativa e espontânea, a jovem Karina tem quatorze anos e estuda no 8º ano do Ensino Fundamental. Durante nossos primeiros encontros, ela disse que não gostava muito de estudar. Entretanto, com o passar do tempo, fez a revelação de que gostaria de ser professora, mas que não iria admitir brincadeiras durante suas aulas; seu sonho é ser professora de Matemática. Durante minhas visitas à escola, a jovem sempre me procurou para falar como estava o desenvolvimento das fotos feitas por eles. Karina fez mais de vinte imagens, dentre as quais apresento algumas, como a foto da moradora, da escola, da quadra, do folhã e do sítio. Nossa conversa durou cerca de cinquenta minutos e ocorreu na manhã de 19 de outubro. Ela quis falar sobre as fotos no horário em que tinha aula de Matemática. Confidenciou-me que, como gostava da disciplina, não seria difícil depois fazer os exercícios propostos pelo professor. Só após algum tempo de contato com os jovens é que descobri que Karina era irmã por parte de pai do jovem Magno, ela mora com seus pais e dois irmãos em uma pequena casa localizada próximo à escola do bairro.

Ao falar da escola, Karina disse que gosta muito de estudar na escola Adalgisa, principalmente das festas e shows. Quer continuar estudando para arrumar emprego, pois assim vai poder ajudar a família.

Aline: Quantos anos você tem Maria?

Karina: Eu tenho quatorze.

Aline: Estuda em que série?

Karina: Oitava.

Aproveitei para mostrar a jovem estudante volante todas as imagens registradas pelos estudantes, a fim de facilitar nossa conversa. Ela se mostrou feliz com o resultado das imagens. Gostou sobretudo das fotos que mostram as poucas áreas de lazer do bairro, como a quadra, o campo e o córrego utilizado pelos moradores como piscina, já que no bairro não existe nenhuma.

Aline: O pessoal frequenta muito aí, foto nº 15?

Karina: Frequenta, é o único lazer que temos, a quadra.

Aline: Então aqui seria uma área de lazer da escola?

Karina: Não, isso aqui é lá atrás não está no terreno da escola, na escola havia também uma quadra e agora existe é uma mercearia.

Aline: Você gostou de tirar as fotos?

Karina: Adorei, fui junto com minha amiga Laura fotografar o bairro, procurei mostrar o que eu achava mais importante, como a mata, as flores, as casinhas e o local da cachoeira.

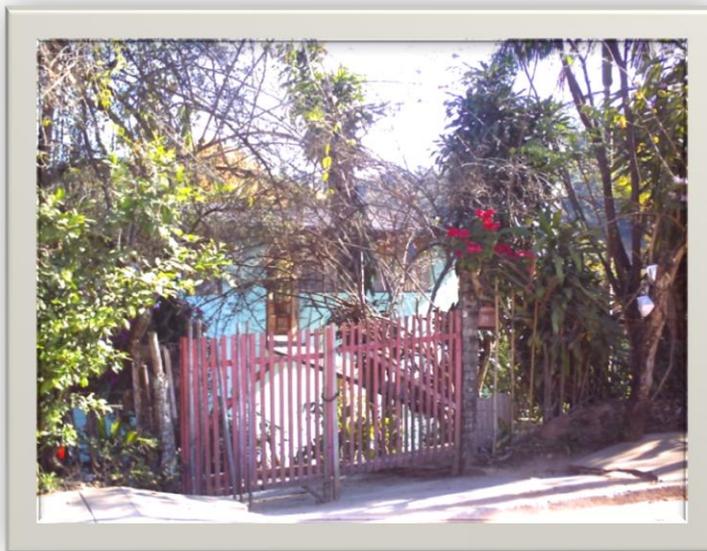


Foto 14: Casa bonita

Aline: Qual foto chamou mais sua atenção?

Karina: As fotos da escola do Batatal e também as imagens do sítio da cachoeira.

Aline: Onde fica essa imagem?

Karina: Aí é perto da casa da Rosinha, é uma casa bonita com um jardim na frente, é a casa do policial lá.

Aline: Tem policial que mora lá?

Karina: Ele mora aqui assim perto das árvores, como já disse existe um jardim na frente da casa é um lugar muito bonito.

Ao observar as fotos feitas pela estudante e sua reação ao rever e falar sobre elas, ficou evidente o que Martins (2008) já havia relatado em seu livro em que ao falar sobre a imagem da fotografia, ele aponta que são amplas e numerosas as situações em que a foto antecipa a própria pessoa na reprodução das relações sociais. Assim, a fotografia é uma forma de expressão da desumanização do homem contemporâneo, que possibilitou a separação cotidiana da pessoa em relação à sua imagem (p.23). Portanto, a jovem procura mostrar a maneira como vê o mundo à sua volta: um local repleto de diferentes significados que ficam evidentes quando observamos as imagens e narrativas da jovem.

Aline: Essa escola, quando você olha essa foto aqui, eu não vi, tem outras fotos aqui, outros lugares, essa escola está sempre fechada ou não?

Karina: Não, quando tá em horário de aula ela fica aberta, aí quando os estudantes não tão lá fica fechado.

Aline: Então essa escola fica assim, quem quiser entrar tem livre acesso a escola, como que é?

Karina: Tem, quando é o dia do projeto Segundo Tempo pode entrar.

Aline: Esse projeto Segundo Tempo é o que? Você sabe?

Karina: Jogar bola, os alunos que estudam pela manhã voltam a tarde para praticar esportes.

Aline: Essa serra, se a gente observar mais a frente tem outras fotos e tudo. Tem uma forte ligação com o bairro? Esses lugares?

Karina: Só quem trabalha lá, muita gente vai lá só pra ver a cachoeira.

Aline: Que é um ponto de?

Karina: Turismo. Muita gente vai lá. Esse daí é perto da casa da Eduarda. Lá na escola.

Um fato marcante nos registros de Karina é que ela sempre procurou mostrar coisas lúdicas, em várias fotos; por diferentes ângulos, ela busca apresentar a cachoeira que fica em uma área particular, apresentando-a a partir da fotografia nº 12, aproveita para mostrar a pequena quadra de esportes e, ao comentar sobre a quadra, ela lembra que atualmente está sendo construído um novo campo de futebol, que pode ser observado com base na foto nº 29 feita por Jéssica.



Foto 15: Quadra de esportes

Aline: A palavra, quando fala assim “ah, o campo, a zona rural”, o que ele te lembra? O campo?

Karina: Roça, local de fartura, onde todos trabalham em busca de colher o melhor, e cuidam dos animais como se fossem gente, eles valorizam os animais, diferente do que ocorre na cidade, a gente vê muitas pessoas judiando dos animais.

Aline: Mas o que tem na roça? Se fosse pra eu te pedir um exemplo do que tem na roça? Dois exemplos.

Karina: Animal, muita terra, uma grande área verde

Aline: E na cidade, o que tem?

Karina: Carro, gente andando correndo, pouca coisa verde

As imagens de pessoas não foram o foco das fotos dos jovens, mas uma chamou a atenção de todos os oito jovens “volantes”; qual seja, a imagem em que aparece Dona Baiana, conhecida por todos do Batatal, moradora antiga do bairro, ao observar a foto nº 16, observamos a simplicidade e a calma: nítidas na imagem. Segundo Martins (2008), ao falar sobre a sociologia da fotografia e da imagem:

(...) O que o fotógrafo registra em sua imagem não é só o que está ali presente no que fotografa, mas também, e sobretudo, as discrepâncias entre o que pensa ver e o que está lá, mas não é visível.(...) A fotografia, no que supostamente revela e no seu caráter indicial, revela também o ausente, dá-lhe visibilidade, propõe-se antes de tudo como realismo da incerteza (2008, p.28).



Foto 16: A Baiana

Aline: O bairro parece que é um bairro bem familiar, não é? Assim, é um grupo.

Karina: Tem mais da família do que gente de fora lá.

Aline: É, não é? Vocês acabam conhecendo todo mundo. Seu pai trabalha com o que?

Karina: No eucalipto.

Aline: Então, seu pai trabalha em atividade ligada a terra né? Sai cedinho pra poder trabalhar?

Karina: Sai.

As imagens feitas pelos jovens, como é o caso da estudante em destaque, ajudam a desencadear outro modo de ver o mundo, no caso, o bairro e a cidade, através da apresentação de fatos e acontecimentos registrados pelos jovens. A construção e a interlocução ocorrem primeiro entre o jovem fotógrafo e a câmera digital e, posteriormente, a construção de sentimento surge através do diálogo entre

o pesquisador e o estudante, que revela o verdadeiro sentido das imagens que foram feitas de seu cotidiano. A jovem Karina narra, através das imagens, o que julga importante no Batatal, fala do envolvimento de seus familiares com as atividades ligadas ao campo.

Aline: Você gosta do nome do bairro? Batatal?

Karina: Gosto. Mas esse povo lá não gosta, pois eles falam que os outros desprezam muito os moradores do Batatal.

Aline: Por que despreza?

Karina: Ah, fala que lá é favela, que os moleque lá não vale nada.

Aline: Mas vocês não dão importância pra isso não né, não ligam, deixa pra lá?

Karina: Nós brigamos, aqui na escola.

Aline: Mas essas discussões, de falar, tudo isso acontece na escola ou fora da escola?

Karina: Na escola, eles começam provocando na escola. Quando tá a diretora ninguém fala nada não, porque todo mundo tem medo do diretor.



Foto 17: A presença do rural

Aline: Você acha que essa área assim, verde, é bem presente no bairro?

Karina: É sim, tem muita mata lá. Eu acho também. Meu pai já trabalhou na Serra.

Aline: Seu pai?

Karina: É e meu padrinho também.

Aline: Trabalhou cuidando de que?

Karina: Dos animal na Serra, lá tem fazenda.

Aline: Aí, igual você falou que hoje ele trabalha cuidando da parte de eucalipto, plantando?

Karina: É, plantando.

Aline: E antes ele cuidava mais da parte da pecuária, mais dos animais, da criação de gado?

Karina: Hamham. Na manta de areia também.

Aline: A banca de areia que fica no Manejo?

Karina: Não, lá no final do Batatal, ela é do meu primo.

Aline: Você acha que ficou melhor o posto depois que desvinculou da escola?

Karina: Foi. Minha mãe trabalhou de cozinheira para os pedreiros que fizeram as casas populares.

Aline: Na época que estava fazendo as casas. Aí agora sua mãe cuida mais dos serviços de casa?

Karina: Sim, ela olha meus irmãos pequenos e arruma a marmita do meu pai que sai cedo para trabalhar.

Ao observar as fotos feitas pelo irmão no caso a nº 9, resolvi instigá-la para saber se a igreja era também importante para ela. Uma vez que quando mostrei a foto ela fez o seguinte comentário:

Aline: A igreja é uma referência do bairro?

Karina: É. É essa e essa daqui né, que era a antiga.

Aline: Ah tá, são duas, as duas próximas. Mas hoje em dia as pessoas frequentam essa igreja?

Karina: É.

Aline: Tem mais igrejas no bairro?

Karina: Não. Tem igreja de crente lá, mas igreja católica tem uma certa predominância no bairro.

Nesta pesquisa, a vantagem em trabalhar com a fotografia foi a riqueza de informações encontradas em cada imagem. A foto se mostra uma possibilidade mais concreta, o que pode enriquecer a compreensão dos jovens acerca das relações vividas com o urbano e o rural.

4.3- A curta e marcante participação de Marcelo

O jovem Marcelo tem 15 anos e assim que foi chamado juntamente com os colegas do bairro pela vice-diretora da escola para conversar comigo, mostrou-se inquieto e receoso. Quando falei que era pesquisadora e expliquei como seria a pesquisa, era visível em seus olhos o alívio e o interesse em colaborar com o trabalho. Os motivos por sua atitude inicial foram justificados mais tarde, quando nos conhecemos melhor. Era um jovem que havia perdido a mãe há pouco tempo e, por não ter a presença do pai, foi morar com a família do seu avô materno no Batatal. Logo, há pouco tempo começou a estudar na Escola Adalgisa, está no 1º ano do Ensino Médio, estuda pela manhã e fica o resto do dia no centro da cidade, só à noite vai para o Batatal. A entrevista com Marcelo durou 35 minutos e aconteceu na

manhã de 21 de setembro. Ele narrou o quanto acha importante estudar, fala que a escola é lugar onde adquire conhecimentos, onde se faz amizades, formando assim, uma nova família. O espaço da escola se tornou importante para o estudante. Para Tuan(1983) o espaço é:

mais do que um ponto de vista ou um sentimento complexo e fugaz. É uma condição para a sobrevivência biológica. Mas a questão de quanto espaço um homem necessita para viver confortavelmente não tem uma resposta simples. O espaço como recurso é uma apreciação cultural (1983, p.65).

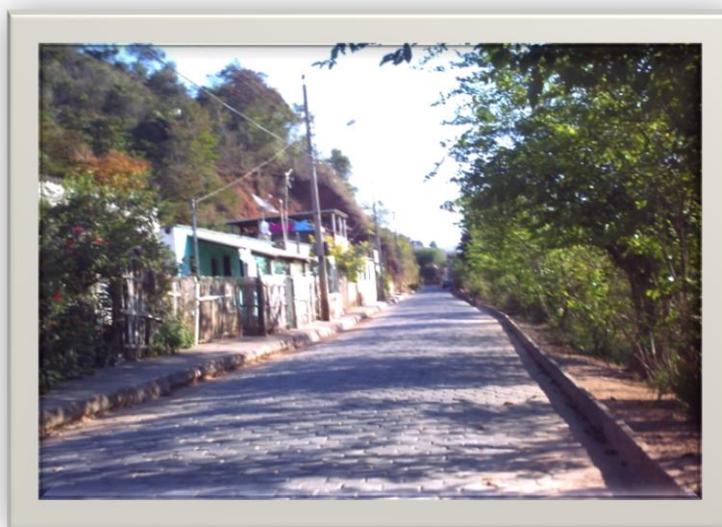


Foto 18: A rua Rosaura

Aline: Você gostou de tirar as fotos?

Marcelo: Adorei, porque pude mostrar o que meu bairro tem, áreas com casas e outros pontos com pouca morada, somente sítios espalhados.

Aline: Essa uma rua paralela a rua principal?

Marcelo: É a rua principal do bairro.

Aline: Você sabe como chama a rua principal do bairro?

Marcelo: Rua Rosaura Moreira Carvalho.

Aline: Por que recebeu esse nome, você sabe?

Marcelo: Meu avô falou que é porque tinha uma senhora lá que era muito boazinha, que procurava ajudar a todos do bairro, ela foi uma das primeiras moradores de lá, aí deram o nome da rua com o nome dela, todos do Batatal aprovaram a escolha.

As fotografias, como por exemplo, as imagens nº18 e nº19, oferecem uma grande riqueza de informações sobre a vida das pessoas, tanto em aspectos ambientais quanto relacionais, permitindo que os jovens utilizem-se das imagens fotográficas para interagir com o cotidiano.



Foto 19: Crianças brincando na rua

Aline: *E as pessoas, nas outras, aqui, isso aqui é outra foto que depois vai lembrar a parte da escola, nas fotos que muitos tiraram, de vocês, deu pra ver a escola com um portão fechado, a escola é pro bairro um local de difícil acesso ou aquele portão só está encostado, como é que é que funciona isso?*

Marcelo: *Só tá encostado, quem quiser entrar na escola é só empurrar o portão.*

Aline: *As pessoas podem entrar na escola?*

Marcelo: *Não devia entrar, mas aí conseguiu ter um posto de dentista, aí tem três vezes na semana.*

Aline: *Ah tá, então na área da escola existe atendimento odontológico?*

Marcelo: *Isso. Aqui no fundo da imagem é a entrada para a escola, onde também ocorre o atendimento odontológico. Aqui tem a marcenaria, um curso de marcenaria.*

Essa foto mostra as crianças brincando na rua, isso é muito comum no Batatal, pois nós não temos muitos lugares para brincar e encontrar com os amigos, que é o que eu mais gosto.

Aline: *Esse curso de marcenaria está associado a escola porque está perto ou não?*

Marcelo: *Antigamente era, mas eu não tenho certeza se ainda é.*

Aline: *E tem muitas pessoas que frequentam esse curso de marcenaria?*

Marcelo: *Deve ter umas quinze pessoas. Que cada ano vai renovando a turma.*

Aline: *As pessoas gostam então do trabalho artesanal?*

Marcelo: *Sim. Aqui é a fazenda que eu te falei, que é muito antiga. Tem o telhado da casa.*

Aline: *O estilo da construção né?*

Marcelo: *Que é muito antigo. Essa daí é a única fazenda de retira leite, essas coisas. Dentro da parte urbana do bairro.*

Aline: *E esse leite é mandado pra onde? Para os laticínios?*

Marcelo: *Isso. Mas existe produtores que vendem o leite no bairro mesmo, mas uma parte dele vai pros laticínios de Lima Duarte.*



Foto 20: O pasto castigado pela seca

As imagens n° 20 e n°21 estão ligadas à forma como Cosgrove (1998) designa a paisagem como uma maneira de ver e compor o mundo. Para ele a paisagem está:

intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente (1998, p.99).



Foto 21: O bairro e a cachoeira

As fotografias feitas por Marcelo e os outros jovens volantes envolvidos com a pesquisa, representam, portanto, a maneira como eles compõem o mundo a sua

volta, onde o bairro Batatal é cercado por elementos ligados a natureza. A cachoeira foi comentada pelos jovens, que lembram do lugar com saudosismo, era um dos poucos pontos de encontro e diversão dos moradores do Batatal, ela foi fotografada seguindo diferentes ângulos, está localizada em uma propriedade particular e fica um pouco distante do bairro, está na zona rural do município.

4.4- A jovem Mariana

No dia 21 de setembro, realizei a entrevista com a jovem Mariana, menina simpática, alegre. Ela tem 15 anos e está no 1º ano do Ensino Médio. Como já havia mostrado todas as fotos para os jovens que haviam sido entrevistados, fiz a mesma dinâmica com ela, que foi logo identificando cada lugar e me contando histórias de sua família: seu pai e seus tios trabalham na zona rural, seriam os chamados por mim de trabalhadores volantes, saem bem cedo para trabalhar no campo e só retornam no final da tarde. Uma das primeiras questões foi acerca do nome Batatal. Ela demonstrou conhecimento da história do bairro.

Aline: Você sabe Mariana, por que lá chama Batatal?

Mariana: É porque tinha muita batata plantada antigamente. Mas lá tinha batatais, aí eles pegavam, eles tinham que andar de trem, aí fala que eles trocavam a passagem pela batata.

Aline: É mais ou menos isso mesmo a história. Você escolheria um outro nome pra lá que não fosse Batatal?

Mariana: Eu já acostumei com o nome Batatal, acho que agora não seria legal mudar o nome não. As pessoas comentam que na verdade lá era para se chamar Vila Esperança, mas como o bairro fica no lugar exato onde tinha a linha de trem e próximo a plantação de batata, ficou mesmo o nome Batatal.

A jovem gosta de conversar e foi logo dizendo quais eram as imagens que ela havia feito e aproveitou para justificar os motivos que a levaram a tirar somente fotos do bairro. Ela disse que não gosta de aparecer nas fotos, mas que adorou a ideia de fotografar o bairro. Aproveitei para mostrar a ela as fotos nº 39 e nº 40, que eram as imagens da escola. Ela foi fotografada por mais de um estudante, mostrando sua importância para os antigos estudantes, sendo espaço aberto para a comunidade, local de encontro, reencontro e lazer de muitos.

Aline: A escola é um ambiente fechado pra você?

Mariana: Não, eles não fecham a escola, só encostam o portão, mas parece que não fica fechado não.

Aline: Então a escola não é um ambiente fechado?

Mariana: Não, todos podem ir até a escola, principalmente antigamente quando tinha o posto de saúde que ficava localizado dentro da escola. Os moradores também vão a escola para levar as crianças que ficam na creche.

Aline: Aqui na Adalgiza, você acha que é uma escola fechada?

Mariana: Um pouco. Só pode sair se for liberado, ou quando vamos a quadra de esportes para as aulas de educação física que fica do outro lado da rua.

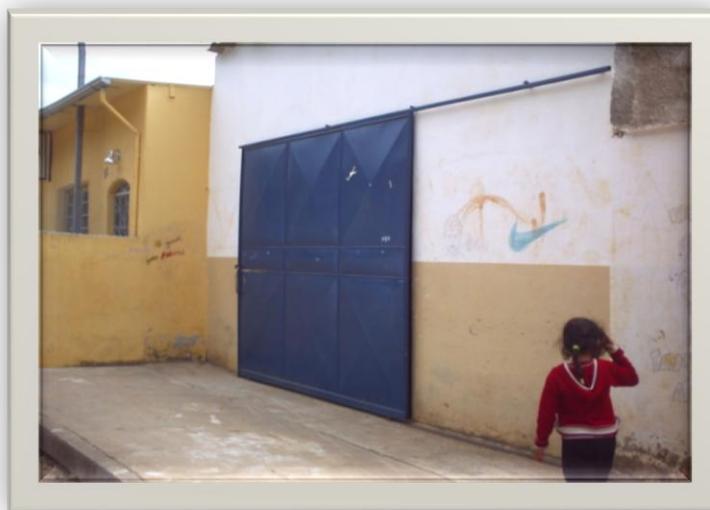


Foto 22: Marcenaria

Ao apresentar a foto n° 22, que é a fachada da marcenaria, que fica localizada no espaço da escola, a jovem estudante lembrou momentos agradáveis que viveu durante o curso. A participação dos jovens estudantes e moradores do Batatal no curso de marcenaria lhes possibilita uma oportunidade de estudar, aprender e interagir com os moradores do bairro, contribuindo para a formação e socialização do jovem.

Aline: Aqui é o que, mostrando a imagem n° 22?

Mariana: A marcenaria. A marcenaria tem ligação com a escola, só fica do lado de fora.

Aline: Você já fez algum curso na marcenaria?

Mariana: Já, acabei de fazer.

Aline: E aí são cursos regulares, é um ano inteiro, como que funciona?

Mariana: É um ano inteiro. Só que como não tá tendo muito aluno eles também chamam quem já fez e faz de novo.

Aline: Então se a pessoa quiser fazer de novo ela repete. E as pessoas produzidas são vendidas, como que é?

Fernanda: São. E a maioria antigos alunos da escola, o professor e instrutor é um ex-aluno, morador do bairro Batatal que aprendeu com o antigo professor e ficou no lugar dele quando ele saiu.

Aline: E a marcenaria tem ligação com a escola?

Fernanda: Tem, antigamente ela funcionava dentro da escola. Hoje construíram um portão que fica para o lado da rua, assim as pessoas não precisam mais entrar na escola. A matéria-prima utilizada pela marcenaria não é tirada do bairro, as madeiras vêm de outros lugares.

Fernanda falou que não gosta muito de estudar, mas que acha que é preciso já que o pai sai cedo de casa para trabalhar na roça devido à falta de estudos, uma vez que ele não teve a oportunidade que ela está tendo. Entretanto, a jovem só fotografou a sua antiga escola e o espaço onde funciona o curso de marcenaria, pois esses ficam localizados no Batatal. Sua escola atual ficou esquecida nas fotos, mas não deixou de ser lembrada nas conversas, a jovem diz que no início foi difícil adaptar aos novos colegas, mas que agora já se enturmou e gosta do ambiente escolar.

O contraste de imagens entre o rural e o urbano é reforçado ainda mais com a transformação da paisagem rural em objeto de consumo e a tendência crescente de elaboração e/ou valorização de identidades rurais para atender a exigências mercadológicas.

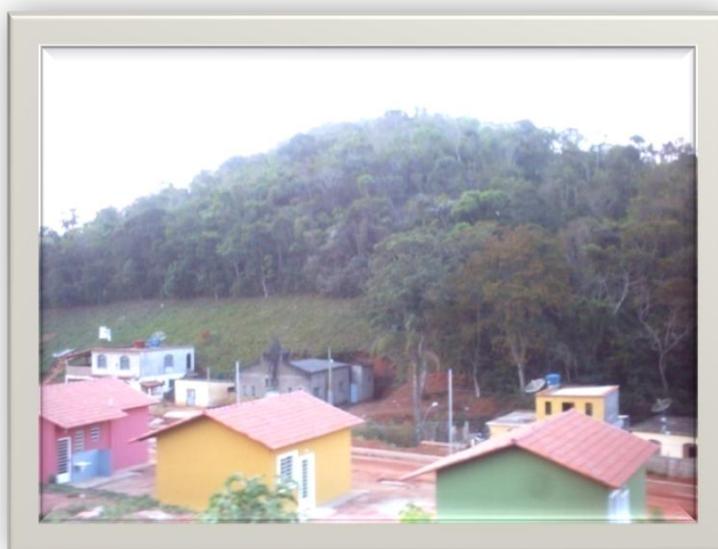


Foto 23: As novas casas do bairro

A imagem acima foi registrada e comentada por todos os jovens envolvidos com a pesquisa. Está associado ao lado positivo do bairro. Muitos falam que são

casas bonitas, alegres e que já estão prontas para morar, eles comentam que são lugares pequenos. O interessante é notar que a estudante priorizou esse tipo de representação sem registrar imagens de pessoas e veículos.

Aline: Qual foi a foto que te chamou mais atenção de todas?

Fernanda: Casinhas, as casas populares, elas ficaram bonitinhas mesmo. Elas serão entregues agora, no mês de outubro, para quem resolveu comprar. As meninas comentaram comigo que elas seriam entregues no início do mês de outubro. Por enquanto são trinta e duas, pena é que são casa pequenas, os cômodos são muito pequenos. A sala é desse tamanhinho, um quadradinho só. São casas bonitas e coloridas, eles não ganharam as casas, tiveram que comprar a casa. Ela não foi doada, são casas menores e um prazo maior pra pagar, acho que vinte anos. E não pode mexer na casa enquanto não acabar de pagar. A prestação depende de quanto cada família ganha.



Foto 24: A cerca de bambu muito comum nas casas do Batatal

Ao observar as imagens nº 24 e nº 25, momentos diários e simples do Batatal foram registrados. Portanto, a fotografia contribuiu e ainda contribui para ampliar o caminho na construção de novos modos de escrita do mundo. Pode-se afirmar que as imagens constituem hoje as narrativas do mundo contemporâneo, trazendo novos elementos para buscarmos uma compreensão mais abrangente do próprio conceito de narrativa.



Foto 25: Vista da rua principal

Tuan (1983), ao falar da visibilidade: a criação do lugar explicita algo que serve para justificar os motivos que levaram os jovens estudantes a fotografarem a rua principal do Batatal de diferentes ângulos. Segundo ele, cada bairro representa uma pequena parte da área construída maior que é a cidade.

A rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um. A unidade maior, o bairro é um conceito. O sentimento que se tem pela esquina da rua local não se expande automaticamente com o passar do tempo até atingir todo o bairro. O conceito depende da experiência, porém não é uma consequência inevitável da experiência (Tuan, 1983, p.189).

4.5- A tímida jovem Bianca

O encontro com Bianca, assim como dos outros jovens envolvidos na pesquisa aconteceu na sala da Supervisão, um ambiente calmo e espaçoso, localizado próximo ao portão de entrada da escola. Essa jovem tem quatorze anos e está no 9º ano do Ensino fundamental. Segundo relatos dos professores, ela falta muito às aulas, por motivos simples, às vezes prefere ficar em casa a ir para a escola. A entrevista aconteceu no dia 21 de setembro e durou 50 minutos, a jovem me confidenciou que sempre gostou de tirar fotos, mas que não gosta de aparecer em nenhuma, fato que pode ser confirmado com a pesquisa, em que Bianca registrou momentos comuns do Batatal. Ela mora no bairro desde que nasceu, só os

dois irmãos mais velhos é que nasceram em outra localidade. Todos na casa trabalham em atividades ligadas ao campo.

Aline: Você acha que existe relação do seu bairro com a zona rural?

Bianca: A relação do bairro com o meio rural é muito grande, existe alguns sítios no bairro, muitas árvores, animais e cachoeira. A zona rural é lugar preservado, tranquilo, ótimo para viver em contato com a natureza e perto dos animais, não que na cidade nós não podemos só que é mais difícil, mas lá no Batatal parece mesmo com uma roça. Para mostrar eu tirei algumas fotos onde fica claro o que acabei de falar.

Aline: O bairro Batatal tem mais ligação com a zona rural ou com a zona urbana?

Bianca: Eu acho que é com a zona rural.

Aline: Com a zona rural?

Bianca: Tem muito verde lá, mas eu acho que é com a zona rural, nem muito perto da cidade né! Acho que fica longe do centro, temos que andar muito ou ir de bicicleta.



Foto 26: Jardim

A fotografia possui o poder de fascinar o receptor por conseguir imagens com fidelidade, ela acolhe significados diferentes, pois não são imagens neutras, mas resultado da intencionalidade de quem fotografou. No caso da foto nº 27, Bianca e sua amiga, buscaram mostrar o quanto a mina ainda representa para os moradores do Batatal.

Aline: Você gostou de fazer os registros?

Bianca: Lógico que gostei de tirar as fotos, achei melhor fotografar coisas que lembram a natureza, porque ela é muito presente no Batatal, como a mata, os jardins e a mina.

Aline: E essa mina, a água que abastece o bairro é dessa mina? Como que é?

Bianca: Não, ela é, pega água pra beber. Quando acaba a água eles vão lá e lavar vasilha, lavam roupa e levam também para casa. Dizem que antes só tinha essa água para usar no Batatal. Eu acho que ela é limpa, pois fica perto da mata, é uma água fresquinha.

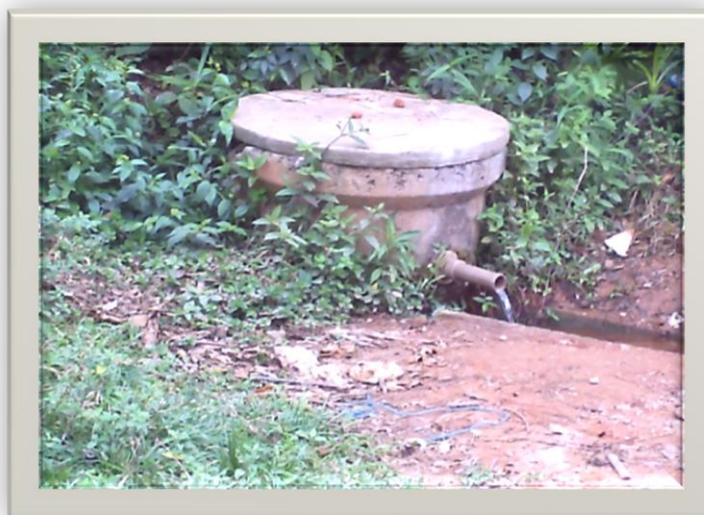


Foto 27: A mina (fotografia feita por Bianca e Ana)



Foto 28: A roça no Batatal

Aline: Então, lá tem características da zona urbana ou da zona rural?

Bianca: Não sei.

Aline: Do campo ou da cidade? O que lá parece mais?

Bianca: Mais o campo, porque lá só vê mato. Lá tem muito mais mato. Muito cavalo e cachorro, lá tem mais cachorro do que gente.

Aline: Explique como é o seu bairro". Querendo ou não, a gente esta conversando aqui e você esta me explicando como que é o seu bairro. Lá tem muito cachorro?

Bianca: Na minha casa tem seis.

Aline: Então lá tem muito animal?

Bianca: Lá tem, nossa, vaca, também tem um gado, cavalos e cachorros como eu já te falei.

Para Cosgrove (1998), a paisagem, segundo a Geografia Humana, sempre esteve ligada a formas visíveis sobre a Terra e a sua formação, portanto ela seria a maneira de ver e compor o mundo (p.98).

Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim - e através da representação da paisagem na pintura, poesia e outras artes. Mas pode ser lida nas paisagens rurais e mesmo nas mais aparentemente não-humanizadas paisagens do meio ambiente natural (Cosgrove,1998, p.108).

Ao refletir sobre o que comenta Cosgrove, as paisagens simbólicas são mais marcantes na zona urbana. No caso do Batatal, elas ganham destaque através da modificação do homem, como é o caso das casas populares e da obra de construção do novo campo de futebol, como pode ser observado na imagem nº 29.



Foto 29: O futuro campo de futebol

Raymond Williams em seu livro “*O Campo e a Cidade, na história e na literatura*”, faz uma análise sobre as questões relacionadas ao campo e à cidade demarcando épocas diferentes em que ele viveu na Inglaterra, reafirmando a necessidade de superação da dicotomia rural-urbano, portanto segundo Williams não existe separação, as pessoas que às vezes associam imagens, o que deve acontecer é tentar compreendê-las como lugares em transformação. Há coisas positivas e negativas associadas ao campo/cidade, a importância do campo é ligada à paz; a cidade é o lugar do progresso. Já relacionando-os ao lado negativo, o campo relacionado à limitação e a cidade sendo ligada à agitação. Os moradores do campo eram vistos como pessoas conservadoras, ligadas ao passado, vida interiorana diferentes dos moradores da cidade que eram pessoas dinâmicas.

Campo-cidade era para muitos mundos diferentes, sendo a cidade envolvida com atividades ligadas à indústria, pensando sempre para frente, a modernidade seria um futuro próximo e restando ao campo as atividades tradicionais vinculadas à natureza. No depoimento de Bianca podemos perceber este fato:

(...) Cidade, sempre a gente vê, qualquer gravura que você vê, você vê uma cidade muito luxuosa e não sei o que, o dinheiro rola, trabalho; outras você já vê o lixo na cidade, não tem saneamento básico, não tem nada ali bem organizado, tudo ali, assim, parece uma cidade que cada dia mais tá tendo, só empurrada, nunca ali bem distribuídas as coisas. Aí aqueles lixos, ou então a violência. Agora no campo não, no campo sempre você vê um trabalhador lá mexendo numa horta, ou então, sei lá, sempre essas coisas, muito a ver com plantações; qualquer gravura de campo que você vê tem a ver com plantação, e algum trabalhador ali trabalhando. Ou então máquinas também na plantação, colhendo arroz, essas coisas, café. Hoje em dia tem máquina pra tudo, até pra roçar.

Quando a jovem volante é questionada sobre o seu relacionamento com a comunidade escolar, ela justifica que devido as suas limitações, enquanto mãe, moradora de um bairro afastado do centro da cidade ela se preocupa em se relacionar bem com todos. Ela lembra com saudades da antiga escola localizada em um ambiente mais próximo da realidade do seu bairro, fala que na escola havia uma disciplina ligada ao campo e que muito do que os professores ensinavam ela já sabia devido ao relacionamento familiar.

Aline: Você falou que você costuma vir de bicicleta ou então você vem de ônibus. O que você observa nesse deslocamento seu, Batatal-Adalgisa, o que você observa nesse percurso? O que você vê?

Bianca: Em questão de quando eu venho de bicicleta e em questão de quando eu venho de ônibus?

Aline: É, tanto faz, de ônibus ou de bicicleta, porque você vem de bicicleta e acaba dando pra observar mais coisas do que as vezes de ônibus. O que você vê?

Bianca: O que eu vejo no horário que eu venho é tudo mundo vindo também pra estudar e saindo de casa pra trabalhar. Aí eu encontro com várias pessoas também subindo, porque pra descer é muito difícil, porque quem desce pro lado de lá é quem trabalha no campo; quem trabalha no campo geralmente desce umas quatro e meia, cinco horas. Na hora que eu tô subindo encontro sempre, eu venho junto com alguém que tá vindo pra cá também pra trabalhar. Então é isso, é um local que faz parte da cidade, mas ao mesmo tempo parece que nem faz.

Aline: Como se ficasse isolado?

Bianca: É. Não pelos moradores, mas assim, pelo fato que é uma coisa que é praticamente o campo lá. É como seu eu saísse do campo pra vir pra cidade pra estudar; outros saíssem de lá pra trabalhar.

Aline: Seria mesmo essa migração, essa divisão. E aqui, ou até em outra escola, que você falou que estudou no Manejo, que é uma escola que tem uma relação maior com o campo e tudo. Você lembra de ter tido aula, professores comentando essa questão rural-urbano alguma vez assim? Não só agora, que você falou que tá no segundo ano, mas mesmo antes, você lembra quais disciplinas abordaram alguma coisa relacionada ao campo?

Bianca: Lá eu gostava, eu estudei relacionado com o campo, quando, era ensino fundamental, tinha a Práticas Agrícolas, a parte que ensinava de tudo um pouco pra gente, praticamente o básico do campo, que é você saber plantar e colher. Então já é diferente daqui. Aqui eu não sei, aqui não tem. O ensino médio lá no Manejo também não tem mais. Mas quando a gente ainda tá em fase de crescimento, lá eles já estão ensinando pra gente o que os pais ensinam em casa, entendeu?

Ao relatar sua vida cotidiana da jovem estudante volante, ela lembra fatos ligados à cidade como o seu relacionamento com os colegas de escola, bairros que ela vislumbra morar um dia. Em sua conversa ela fala de diferentes lugares localizados na zona rural de Lima Duarte, devido ao envolvimento familiar, uma vez que seu padrasto e irmão trabalham no campo. A dificuldade financeira e a necessidade em ajudar a família, a jovem estudante narra porque teve que deixar as atividades escolares e lúdicas. Quando pergunto sobre as atividades escolares o brilho nos olhos da jovem estudante é claro, um sorriso largo ao relembrar de fatos que ocorrem dentro da escola, ela faz um rápido relacionamento sobre assuntos pertinentes como o MST, a luta por terra e a influência da mídia na cabeça das pessoas.

Aline: Você falou sobre o MST. Você já estudou aqui em alguma disciplina com relação ao MST? Você lembra de algum professor ter comentado, ter dado alguma reportagem sobre o MST?

Bianca: A Bia. A Bia falou muito sobre isso com a gente, e o que a gente acha disso. Aí entrou várias questões, o que a gente acha, por que isso acontece. Aí até o rapaz, o Caíque falou assim “ah, não sei o que, esse povo”, aquela postura, “você acha certo? Vamo supor que você tenha muitas terras, e tem uma área que você não usa, tem terra ali que você, uso nenhum, você daria pra pessoas se abrigarem?”. Aí o Caíque falou assim “ah, eu não, eu não daria não, porque se eu tenho é porque meu familiar conseguiu alguém da minha família conseguiu, ou que eu consegui. Não daria não”, ela falou “mesmo você não precisando dela?”. Ele falou “ah, eu não daria não, eu não sei o porquê conseguiu, mas se a minha família tem pra que eu vou dar? Por que eles não trabalham, igual tem escola pública, não estuda e vai trabalhar pra poder também?”. Aí quando vê ela me perguntou “e você Bianca, o que você acha disso?”, eu fui e falei “ah, eu não acho certo isso não, se eu tivesse eu daria sim. Porque se eu tenho tanto e tem uma parte que eu não vou usar, pra que vai ficar aquilo ali? Eu daria sim. E outra coisa também, porque as vezes tem escola pública e tudo, mas porque só o errado é quem, são aqueles, não é por questão de ser pobre que todo pobre é ladrão. Eu não concordo com isso, porque só o pobre é ladrão. Que a maioria das vezes os ladrões estão ali, aqueles de gravata, são aqueles que tem terra, não precisa roubar pra isso. Agora, hoje em dia tem muitos que roubam por sem-vergonhice, mas tem outros que não tão roubando, eu acho que os sem-terra não estavam roubando, eles tão só querendo reivindicar um lugar pra morar, só uma moradia”. Aí a Bia até comentou que o Jornal Nacional, ele não mostra exatamente como é, só mostras os erros deles, dos sem-terra, não mostra o porquê eles fizeram isso, não mostra assim, uma área que foi reservada pra eles, que tá sendo deles pra eles realmente morarem, só mostra o que eles fizeram de pior.

Na exposição da jovem a escola Adalgisa é um ambiente onde o referencial sobre as questões relacionadas a políticas públicas e a reforma agrária é amplamente debatida através das aulas de uma professora que procura formar cidadãos críticos, seja através de debates envolvendo a classe, mostrando que muitas vezes como a mídia apresenta os fatos, buscando ampliar a visão dos jovens alunos sobre os meios de comunicação.



Foto 30: O transporte escolar

Os temas fotografados pelos jovens estudantes eram de livre escolha, assim também a maneira como iriam abordá-los. Ao analisar as fotos, pude perceber que grande parte procurou registrar momentos voltados para imagens em que se viam elementos ligados à natureza, como por exemplo, a mata, as diversas árvores, o córrego, os jardins. Várias imagens deixam transparecer para quem nunca foi ao bairro que é um local rural são encontradas propriedades rurais, pastos e animais e, quando as fotos são examinadas em sua totalidade, pode-se perceber também elementos típicos das áreas urbanas como, por exemplo, a imagem da placa de ônibus em um poste localizado próximo às residências e as imagens da iluminação pública.

A pesquisa revelou um pouco do cotidiano dos jovens estudantes, aqui tratados por volantes, que vivem em um mundo constituído basicamente pelos momentos vivenciados no Batatal, ligados a aspectos rurais, através do contato com os familiares e a elementos presentes no bairro como cachoeira, mina, animais e plantas. Como pode ser observado na fala de Bianca, ao contar as atividades desempenhadas pelo pai e irmãos.

Aí ele vai durante a manhã e volta a tardezinha, e nisso leva o Lucas junto, porque o Lucas não gosta mesmo de estudar, foi pro supletivo mas não tá nem aí, ele não gosta de estudar, ele fala que prefere trabalhar, porque trabalhando ele tem dinheiro pra comprar as coisas dele, e estudando o que tá adiantando? Que ele fala assim “eu não vou estudar aí, eu converso com muita gente mãe, que tem, diploma,

tem isso, e tá desempregado. Tá aí na rua, a senhora pode ir lá na pracinha pra senhora ver que tem muita gente sentada lá com diploma na mão e tá desempregada. Chega final de semana não tem um real no bolso pra comer alguma coisa, ir no baile, alguma coisa. Agora eu não, estudar assim, eu vou porque eu sou obrigado, se eu não fosse eu não ia não". Ela nem isso. Aí ele fala "eu vou trabalhar pra comprar minhas coisas, vou estudar pra que? Daqui a uns dias eu vou ter o diploma na mão e vou ficar sentado lá na pracinha que nem os outros. Não vou estudar, vou trabalhar mesmo. Aí obrigado, porque já foi lá no fórum conversou com a Beth aí matriculou no supletivo, porque senão não tinha nem matriculado. E ele não adianta, eu acho que pai e mãe domina a criança até assim, no máximo uns doze anos; doze anos pra frente se ele falar que não vai estudar, ele despista, finge que tá indo, você pode colocar a criança no ônibus, meus irmãos já fizeram isso, já pegaram o ônibus lá e casa pra vir pra escola ou a bicicleta porque perdeu o ônibus, chega aqui não vão pra escola; eles vão pra outro lugar, ficam lá na pracinha, ou então eles vão pra casa de amigos. Tem um irmão meu que ele vai pra casa do colega dele, sai, vai pescar, alguma coisa, e não vai pra escola. Os mais novos também não gostam de estudar. Meu irmão mais velho parou de estudar na terceira série por questão de trabalho também, ele falou assim que prefere trabalhar do que estudar.

4.6- A jovem e vaidosa Larissa

Menina de sorriso fácil nasceu e cresceu no bairro. Está com quatorze anos e estuda no 9º ano do Ensino Fundamental. Sua família é composta por ela, por sua irmã mais nova e por seus pais; sua mãe cuida dos serviços domésticos e seu pai atualmente trabalha como autônomo. Larissa é uma menina que deseja continuar os estudos, ainda não sabe o que vai fazer, mas gosta muito de moda. Ela anteriormente, assim como os demais estudantes do bairro Batatal, estudava em uma localidade rural do município, só recentemente no ano em que começou a pesquisa é que os estudantes do Batatal passaram a estudar em uma escola da zona urbana. Nosso bate papo durou quarenta e cinco minutos, foi uma conversa muito proveitosa; falou-se um pouco de tudo, desde questões relacionadas ao nome do bairro, à escola, família e pretensões para o futuro.



Foto 31: Rua que liga o bairro até o centro

A fotografia n° 32 é uma das poucas imagens em que aparecem as casas do bairro, a ideia do jovem que fotografou era mostrar os elementos urbanos presentes no bairro como: o ponto de ônibus, o poste de energia elétrica e o quebra-molas. As imagens associadas às moradias do Batatal estão ligadas as novas casas populares que foram construídas no início do bairro.

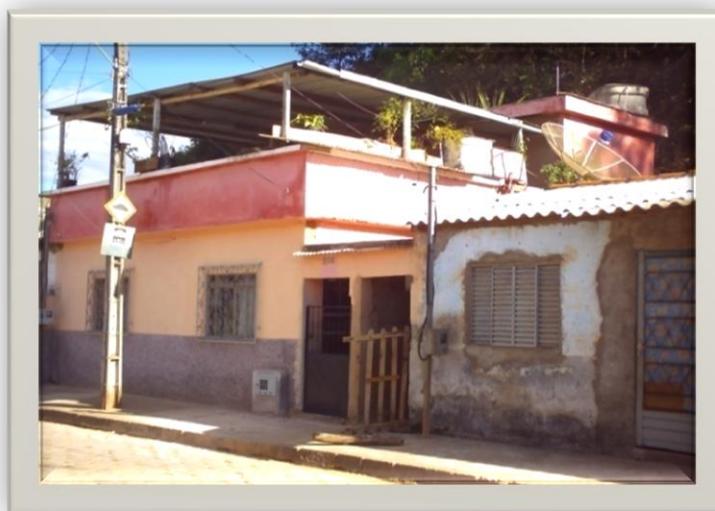


Foto 32: Casas vizinhas a escola

Aline: Você gosta do nome do bairro? Batatal?

Larissa: Mais ou menos.

Aline: Se fosse pra você escolher um outro nome pro bairro, qual nome que você escolheria? Tem algum?

Larissa: Não sei qual seria o melhor nome. Dizem que é mesmo, que tem uma parte que ao invés de chamar Batatal, eles chamaram de Vila Esperança, isso mesmo. Acho que se fosse Vila Esperança ia ser bem melhor.

Aline: Por que Vila Esperança ia ser melhor?

Larissa: Batatal, cruz credo! Só o nome já diz, não lembra uma coisa agradável, é muito simples.

Aline: Tem diferença Larissa, do campo pra cidade?

Larissa: Ah, às vezes, o campo é limpo e tranquilo a cidade é movimentada.

Aline: Dois exemplos que tem lá na zona rural. E duas coisas que tem na cidade.

Larissa: Na cidade existe farmácia e lan house, no campo temos fruta e bichos.

Aline: Para você o bairro Batatal está na zona urbana ou na zona rural?

Larissa: Com certeza o Batatal possui característica zona rural.

Aline: Devido ao que?

Larissa: Devido às coisas que tem lá, como pasto e sítios.

Aline: O que é mais importante pro bairro, o que vocês acham assim, como moradores, a quadra ou a escola?

Larissa: A quadra.

Aline: Como que é o trânsito lá, Larissa? A rua é larga? Como que é?

Larissa: Não é tão larga, mas, não é todas as vezes que passa carro, a maioria é ônibus.

Aline: Ah, então o trânsito é um trânsito mais tranquilo né?

Larissa: É, pouco passa carro lá, quase ninguém do Batatal tem carro, muitos possuem bicicleta, por isso, ela é o principal meio de transporte. Na verdade a maioria das pessoas andam mesmo é a pé.

Aline: Larissa, o que mais você gostou de tirar fotos? O que mais chamou sua atenção?

Larissa: Lá perto da quadra. Que a quadra não fica vazia, toda hora que a gente olha pra lá tem gente lá, ela fica bem perto do pasto do lado de cima da rua.

A foto nº 33 assim como outras imagens, procura mostrar paisagens ligadas ao espaço natural, o local é onde existe uma mina que abastecia o bairro com água antes de chegar a água encanada e tratada. Entretanto, ainda hoje sempre que os moradores precisam eles recorrem à mina, sendo um símbolo marcante para a população do bairro.

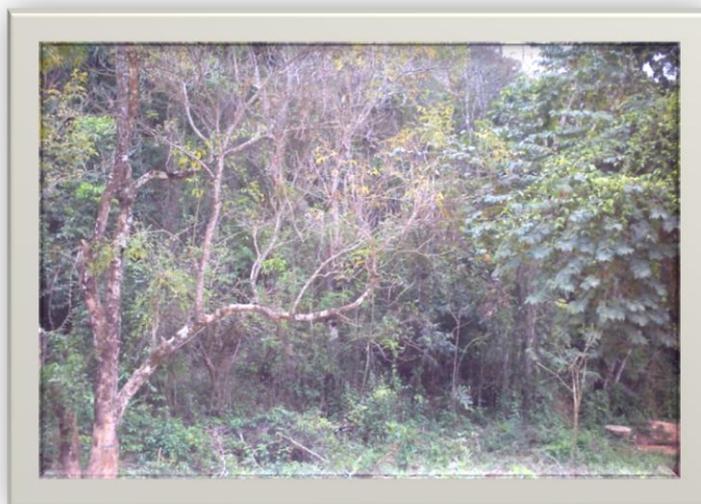


Foto 33: A mata bonita do Batatal

Aline: Você acha que o Batatal é mais ligado ao campo ou à cidade, assim, as pessoas de lá?

Larissa: Ah, questão de convivência, mais ao campo. Porque fica mais fácil, questão de vir à cidade fazer compras, tipo essas coisas, mas o pessoal lá vive na roça, a maioria lá é da roça. É muito difícil você chegar lá e encontrar alguém que trabalha aqui na cidade, principalmente homens, pais de família. As mulheres são domésticas aqui, faxineiras, alguma coisa, mas os pais é no campo mesmo, trabalho pesado.

4.7- A meiga Ana

Ana é uma jovem filha de lavradores que mora no bairro desde que nasceu, ela tem mais três irmãos; o mais velho estudou até completar o Ensino Fundamental e resolveu ajudar o pai nos serviços do sítio que fica próximo ao bairro. Ana tem quatorze anos e está estudando no 8º ano, ela me revelou que não gosta de estudar, porém não quer ficar em casa sozinha, pois sua mãe trabalha como doméstica e se parar de estudar vai ter que ajudar a olhar os irmãos mais novos. Nossa conversa durou cinquenta e cinco minutos, a seguir apresento trechos da conversa:

Ana: O meu pai não nasceu no Batatal; ele nasceu em Laranjeiras, se não me engano. Ele nasceu em Laranjeiras, veio pra Lopes, de Lopes eu acho que ele passou pra Batatal. E ele sempre, toda a vida, desde criança ele sempre trabalhou na roça.

Aline: Você gostou de participar da pesquisa?

Ana: Gostei muito de participar do trabalho, aproveitei para registrar locais bonitos do Batatal. Como é o muro que foi pintado pelos membros do grupo de hip Hop.

Aline: Não tem mais o grupo de Hip Hop do bairro não?

Ana: Até tem, só que os que animavam o grupo foram morar em outras cidades. Eles saíram do bairro para trabalhar em um lugar melhor, porque o único serviço que existe lá é o de servente e de pedreiro, ou também cuidar de vaca.

Aline: Eles não foram para estudar?

Ana: Não que eu saiba.

Aline: Já terminaram o ensino médio? Só trabalhando então?

Ana: Humhum.



Foto 34: O grafite no muro da escola

Ana: Eu gostei porque foi do mato lá, tem muito verde. Da parte, como tem área verde no bairro. Muito bonito a área verde. Gostei de fotografar a mina, tirei a foto junto com minha amiga que está participando do trabalho também. Fotografei as casinhas coloridas porque vai ter gente nova pra lá. Vão ser novos moradores né, que vão chegar no bairro Batatal.

A dimensão da vida dos jovens e os significados que emergem a partir do uso que esses fazem do cotidiano, de sua vida no bairro e o contato com o restante do município. Compreender como os jovens atribuem significados à realidade que os rodeia e o modo como vivenciam e objetivam suas experiências passa pela compreensão de suas práticas e trajetórias.

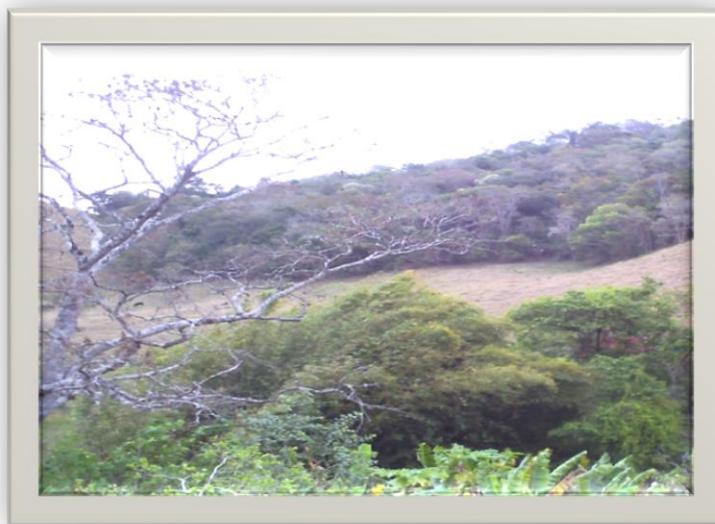


Foto 35: A natureza sempre presente no bairro

A solicitação em fazer as fotos desencadeou uma curiosidade em observar o percurso entre o bairro e a escola, onde os envolvidos buscavam acontecimentos e imagens pelas quais as fotos iriam ganhar destaque. No caso de Ana, sua memória visual, fruto do contato diário com imagens ligadas à natureza, ajudou a compor cenas simples do Batatal, em que a natureza ganha expressividade (fotos n° 35 e n° 36). Com as fotos, foi possível traçar um diálogo em que se amplia e se justifica as fotos feitas, portanto as narrativas ajudaram a compor a pesquisa. Ou seja, da foto à conversa, e da conversa de volta à foto, ampliam-se os modos de interpretação e observação acerca das realidades vivenciadas pelos jovens.

Os jovens se utilizam da imagem fotográfica para interagir de modo crítico com o cotidiano. Logo, tendo por base a produção livre de imagens fotográficas, os jovens criam narrativas que integram imagens, com o objetivo de construir uma consciência crítica do contexto escolar, compartilhada entre alunos e professores.



Foto 36: Visão ampla da mata

Aline: E o que você acha do campo? O que você pensa que é o campo, a zona rural, pra você?

Ana: A zona rural pra mim é sinônimo de fartura.

Aline: O campo seria fartura?

Ana: Fartura.

Aline: E a cidade?

Ana: Gastos e não tem sossego, não tem mesmo. Eu gosto, gosto de sair e tal, mas se eu tivesse uma condução pra me tirar da roça ali e me trazer pra ruas o dia que eu quisesse curtir uma balada, alguma coisa e depois me levar de volta seria bom, seria ótimo. Tipo, na cidade é só gastos, tudo que você precisar é gasto. Se não tiver ligação com o campo, tudo que você precisar vai ter que comprar; cinco folhinha de couve, vai no mercado ali já tá um real, um e cinquenta. Tudo ali é gasto. Agora, campo não. Campo é horta, criação de porcos, galinha, ih, tem muita fartura, muito bom.

Aline: Onde é melhor morar, na cidade ou no campo?

Ana: O campo também é bom. A gente tem um certo, tem trabalho? Tem. Porque eu acho que tem na cidade também, não é só no campo. Lá em casa todo mundo ajuda. Quem for ajudar e outro não ajudar, aí já começa a ficar meio estranho dentro de casa, as coisas começam a ficar mais difíceis. Agora, no campo também tem trabalho, mas tem fartura, você vê resultado. Na cidade não, na cidade você trabalha, igual eu vejo muitas meninas são mães de família, sai lá de Batatal pra trabalhar no Pau do oco pra ganhar cem reais por mês, e faz de tudo. Agora, chega no final do mês o que você compra com cem reais?

4.8- A calma Laura

Laura está com 16 anos e estuda no 9º ano do Ensino Fundamental; já morou em outras localidades, inclusive na zona rural de Lima Duarte. Conversamos na manhã de 16 de novembro durante 65 minutos. A jovem demonstrou que gostou de participar da pesquisa, porque queria mostrar para os colegas da escola como é calmo e limpo o seu bairro, lugar que a maioria dos colegas ainda não conhece. Ela aproveitou para fotografar coisas que julgava importante como a rua, os animais e até uma barraca feita por seu vizinho.



Foto 37 : O quiosque do vizinho

Aline: Sua família é grande?

Laura: É, somos três, o mais velho é o meu irmão, ele tá com vinte e quatro, a outra minha irmã tem dezenove, mas fica mais aqui, que ela faz tratamento na APAE e de tarde ela estuda aqui, e o meu irmão caçula não gosta de estudar, ele tem quinze e fugiu da escola e tá no supletivo agora, e também trabalha com o pai dele lá em Monte Verde.

Aline: Você morou na zona rural de Lima Duarte, você gostava de morar lá?

Laura: Não. Eu gostava, eu gosto assim, do campo em termos, não gostava de morar na Vitoriana porque é muito distante. Eu tava estudando em outra escola, ainda nessa época, eu vinha quase todos os dias pra aula de bicicleta. Era lá no finalzinho da Vitoriana, que é mais lá naquelas fábricas, pra vim pra cá no supletivo. Então aquilo era cansativo. E tinha dia que eu vinha pra Igreja, também saía tarde, quando vê começava a anoitecer e eu tava na escola. Aquilo era muito perigoso. Eu gosto do campo pela questão da fartura. Mas assim, se eu tivesse em condições de comprar uma chácara mais próxima da cidade, ou outra coisa seria ótimo.

Aline: Tá. E hoje o campo você acha que é o que era, por exemplo, há vinte anos atrás ou mudou?

Laura: Não é nada. Mudou e muito. Hoje em dia muitas coisas superam a mão-de-obra humana, hoje em dia tem muitas máquinas. Hoje em dia eles são apagados ali e a máquina faz o trabalho deles, na verdade melhor e em pouco tempo, o patrão gasta menos. Hoje em dia só faz mesmo ali aquele patrão, aquele serviço do ser humano, aquele patrão que ainda não comprou as máquinas, que ainda tá querendo economizar, que daqui a alguns anos não vai haver também não. Daqui a alguns anos eu nem sei o que vai ser do meu padraсто e do meu irmão. Que o meu irmão mora ainda na Vitoriana, o meu irmão mais velho, ele é casado e mora lá.

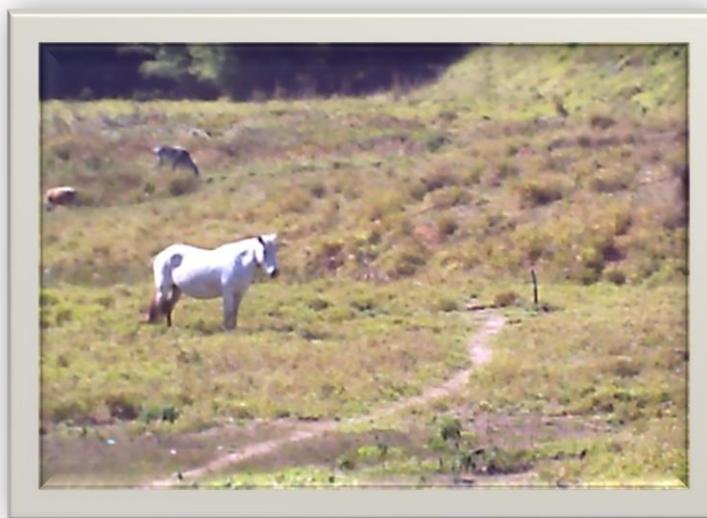


Foto 38: Os cavalos

Aline: Quando se fala em campo, vamos pensar assim, o que lembra pra você? O que é o campo?

Laura: Ah, o campo pra mim é um lugar bem preservado, calmo.

Aline: Então o campo seria um lugar preservado?

Laura: Interessante de viver, porque é local limpo, seguro, onde todos se ajudam.

Aline: Por que é interessante?

Laura: Ah, sei lá, porque acho que lá é mais tranquilo do que viver na cidade.

Laura não acha que existe separação do campo para a cidade. Através da foto nº38, ela concluiu que o Batatal possui mais características rurais. Como por exemplo, o grande número de pequenos sítios localizados próximo ao bairro. Os pastos do entorno do Batatal.

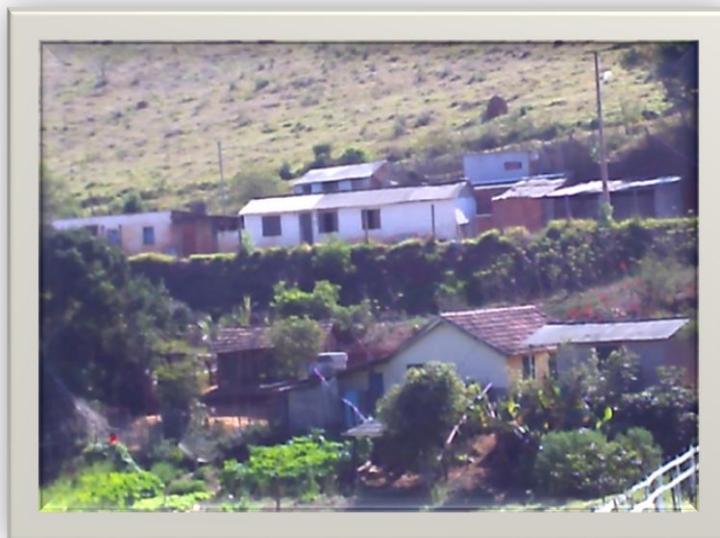


Foto 39: Vista do bairro a partir da BR

O rural vem passando por mudanças e uma delas é a estreita relação entre o rural e o urbano, o Batatal é palco dessas relações, espaço que se apresenta articulado unido.

5.0- CONCLUINDO A OBRA ARTESANAL

Esse último capítulo é dedicado ao arremate final do balaio, onde as pontas dos bambus foram aparadas e as últimas farpas tiradas. Aproveito para apresentar as palavras finais a respeito da pesquisa. O urbano e rural são espaços presente no bairro Batatal. Após a coleta das imagens e analisado-as, separadamente, procurei levantar os principais elementos retratados nas fotos. O gráfico n° 3 apresenta os principais elementos contidos nas representações feitas pelos estudantes durante o percurso bairro – escola.

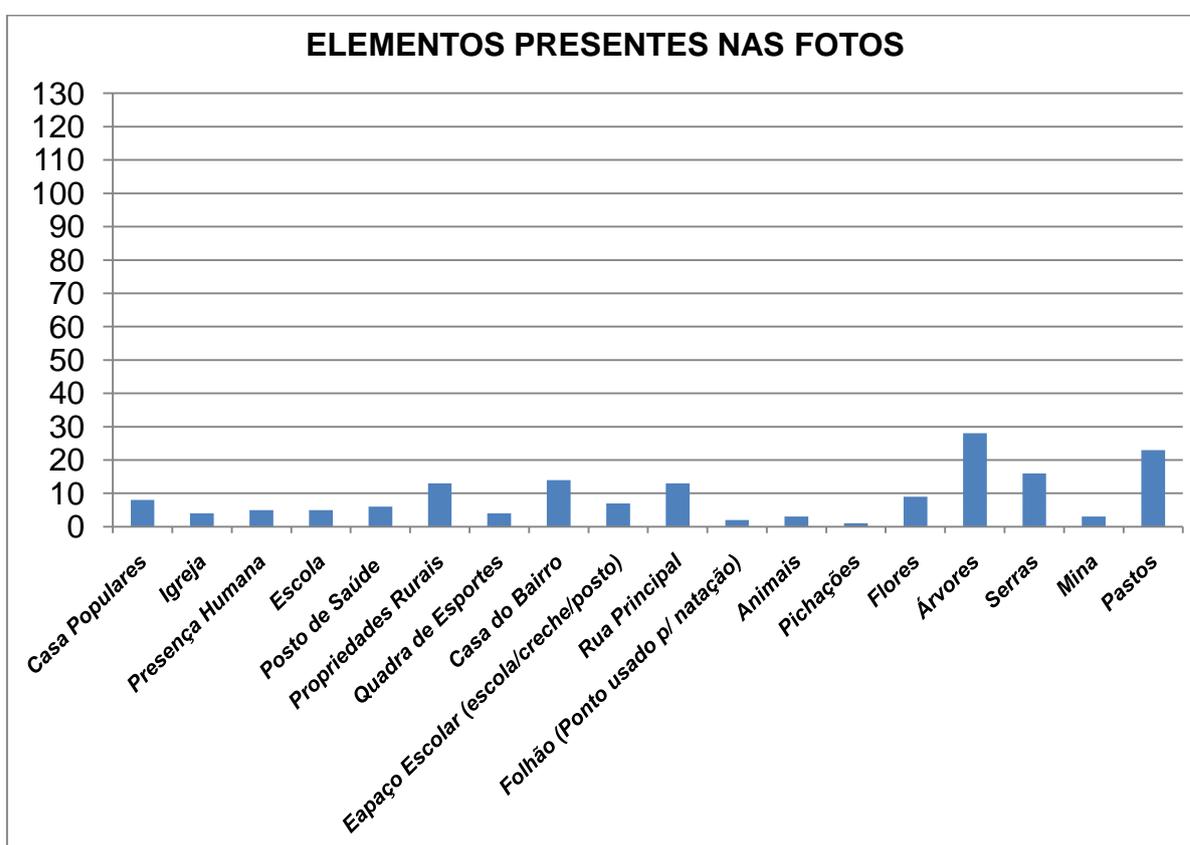


Gráfico 3: Principais elementos destacados nas fotografias

Ao término da transcrição das entrevistas, observei que havia um rico e instigante material de pesquisa, onde pude contar com inúmeras fotos e narrativas variadas, mas percebi que alguns assuntos foram narrados pelos jovens envolvidos na pesquisa, tais como, a escola e a relação do Batatal com a zona rural.

Ao ouvir as narrativas dos jovens nas entrelinhas, ficou claro suas expectativas e anseios quanto ao futuro, eles expressam os sentimentos de quem busca um lugar na sociedade, pois muitos planejam dar sequência aos estudos e também querem participar de projetos para ajudar os outros moradores do Batatal.

A diversidade de tipos de fotos mostram como os jovens foram sutis e passaram a ver nas fotografias a manifestação da realidade vivida por eles. Essa diversidade de enquadramento e angulações ajuda a entender o bairro por muitas maneiras, segundo diferentes pontos de vista, ou seja, de cada jovem envolvido na pesquisa.

Ao observar as fotos feitas pelos estudantes, todos tiraram fotos relacionadas à escola do bairro. Quando indagados sobre as fotos eles mencionaram a figura dos professores, a marcenaria e a quadra de esportes, que são elementos que compõem o espaço escolar.

A escola é o espaço de confronto ou entretencimento de culturas pessoais. Ela, atualmente, funciona muito mais como um espaço de socialização, organização, integração, do que como transmissora de informações. Dentre todas as fotos tiradas pelos jovens, algo marcante nas diferentes maneiras de registrar o cotidiano foi a forte presença da escola. A importância atribuída às pessoas e aos relacionamentos interpessoais constitui uma dimensão de destaque, a que aliam o bom ambiente, as amizades. Aquilo que é mais importante numa escola são as pessoas: alunos, professores, funcionários etc. talvez seja uma visão demasiado humanista.

O cotidiano da escola é um espaço potencial de ideias, onde a sala de aula reflete a experiência de contato com a diferença, através de confrontos de visões e valores de mundo, que interferem no processo de formação da identidade dos jovens estudantes. A escola como local de descoberta e crescimento (intelectual e pessoal); como agente de socialização e como "rampa de lançamento" para o futuro. Para a maioria dos alunos, ela é encarada como um local onde podem se desenvolver intelectualmente, potencializando conhecimentos científicos sobre as mais variadas áreas do saber.

5.1- Coincidências no tecer

Algumas paisagens foram fotografadas por mais de um jovem estudante, é o caso da fachada da escola localizada no bairro, uma instituição que atende desde a pré-escola até o 5º ano do Ensino Fundamental. No espaço escolar da escola encontra-se também a creche do Batatal e o antigo posto de saúde, onde um dentista atende a comunidade.



Foto 40: Portão de acesso a escola



Foto 41: Vista parcial da escola (Fotografia feita por Ana)

Aline: E essa escola? Assim, esses muros, essa entrada dessa escola, você estudou nessa escola?

Maria: Eu estudei lá até a quarta série, desde pequena. Depois como não tinha mais, passei a estudar na escola do Manejo que fica no povoado mais distante daqui.

Aline: O que te lembra esse lugar?

Maria: Ah, muita coisa, dá até vontade de voltar, nossa senhora, se eu pudesse voltar eu voltava, só lembro de coisas boas, como as brincadeiras e os amigos. Ainda hoje aproveito e vou com frequência aí, conversar com os professores e acompanhar meus irmãos.

Aline: Mas quando você tirou essa foto, você tirou pensando em que?

Maria: Ah, eu falei assim “ah, tipo assim, isso aqui foi uma coisa bem marcante na minha vida, vou a primeira escola da minha vida, a melhor”. Que foi bem legal essa época aí.

Aline: E qual é a relação daqui a essa foto aqui? Quando você olha, existe alguma relação com você? O que é mais marcante na foto?

Maria: Existe sim, o mais marcante é a escola. Minha visão sobre a escola é a mais positiva possível, representa os melhores anos da minha vida. Porque aqui tem uma marcenaria, aí eu trabalhei lá também. É, porque aqui não é muro totalmente não, esse muro aqui é à marcenaria.

Aline: E essa marcenaria faz parte da escola ou não?

Maria: Faz. Ela funcionava no espaço da escola e agora fica localizada logo na entrada do portão da escola, não sendo necessário entrar dentro da escola para ter acesso a marcenaria.

Aline: E o nome da escola? Você sabe por que a escola, você não lembra?

Maria: Não lembro, acho que foi um homem importante do bairro.

Ouvir os jovens como alguém que tem algo a dizer sobre a imagem em questão, a escola, implica convidá-los a falar sobre a sua própria aprendizagem e sobre ferramentas para aprender. Dos relatos emerge também um conjunto de qualidades positivas que caracterizam os "bons" professores que os marcaram através da dimensão afetiva. A percepção dos jovens sobre a escola segue pontos segundo o aprendizado, ou seja, a formação, a transmissão e troca de conhecimentos e os valores e princípios que contribuem para a formação da personalidade do estudante a escola ligada ao futuro.

A Escola Municipal Altivo Pedro Gomes está presente na vida dos moradores do bairro, sendo espaço de produção do conhecimento, apesar de atribuírem à escola uma importante função de transmissão de conhecimentos, a maioria dos estudantes sublinha a dimensão humana.

Laura: *É que aqui é a escola, aqui é um posto. A escola é um ponto central do bairro. A escola... é um local onde me dão uma oportunidade de aprender para melhorarmos de vida. Ela funciona o dia todo, na época que eu estudava lá não era assim, tenho saudades de lá. Os professores que dão aula na escola não moram no Batatal.*

Henrique: *O que chama minha atenção é que a escola ainda hoje mesmo não estudando lá, nós aproveitamos para conversar durante o período da tarde, muitos moradores visitam o antigo posto de saúde para se consultar com o dentista.*

A escola é uma realidade complexa que pode ser questionada, criticada, “clificada” a partir de várias perspectivas. Ela é um espaço de vivências concretas e variadas. Nessa pesquisa a escola é um espaço de saberes e que faz parte da vida de cada jovem, destaque para a Escola Municipal Altivo Pedro Gomes, localizada no Batatal, que por vezes foi fotografada. No universo da escola as relações afetivas, os vínculos vão sendo criados e ajudam para que ela se torne mais significativa e importante.

Um ponto marcante na pesquisa foi quando propus aos jovens fotografarem o percurso feito por eles do bairro até a escola. Confesso que quando fiz a proposta pensei que ia encontrar inúmeras fotos dos estudantes dentro do transporte escolar e cenas cotidianas da escola onde estudam, entretanto nenhuma foto foi feita com relação a transporte escolar e da escola onde eles estudam atualmente.

As entrevistas na pesquisa em educação podem conter uma arena de significados, ela é tomada como uma técnica simples a ser dominada, para Bogdan e Biklen (1994) as pessoas entrevistadas tendem a oferecer uma retrospectivas dos acontecimentos que podem ser ensinadas a responder de forma a satisfazer os interesses do entrevistador. Para Silveira (2007) o uso das entrevistas utilizadas como método para obtenção de dados deve:

Propor a levar o leitor a olhar as entrevistas como eventos discursivos complexos, forjados não só pela dupla entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, representações, expectativas que circulam de parte a parte no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise (2007, p.118).

A escola é lugar de experiências diversas, é onde se aprende a ler, escrever, conviver e não somente isso é lugar onde se dá a transmissão do conhecimento

formal. Ela ocupa lugar importante e marcante para os jovens estudantes, fazendo parte do universo vivido por eles, assim como o bairro Batatal. Nas imagens feitas pelos jovens à única escola que aparece é a escola onde eles iniciaram os estudos, a atual não foi registrada por nenhum e quando indagados sobre o assunto eles narraram que havia imagens do bairro mais interessantes do que mostrar a escola.

A imagem n° 42 esteve sempre presente nos registros feitos por todos estudantes, para os jovens o lado positivo e bonito do bairro é o local onde está localizado o novo posto de saúde e as casas populares.



Foto 42: Parte bonita do Batatal

Os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem. Eles são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém.

Marcos: *As casas novas vai representar um aumento do bairro né, aumento do movimento, serão novos moradores. Talvez agora as pessoas passem a olhar para o Batatal com outros olhos.*

Maria: *Eles ainda não colocaram os postes de luz. Ficou bonito, as casas são coloridas, pena é que são casas pequenas, é ideal para família de quatro pessoas. Aí o posto, é do lado.*

A paisagem é um conjunto de formas somatizadas que exprimem heranças representativas das relações entre o homem e a natureza. A foto n° 43 apresenta os elementos naturais existentes no Batatal.

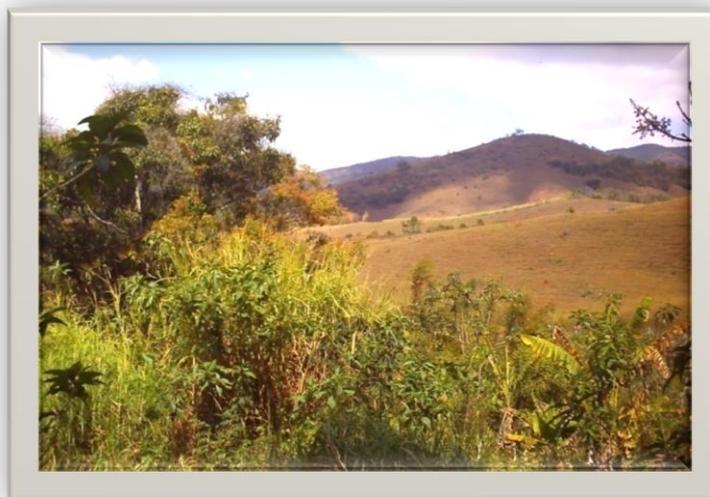


Foto 43: Área verde do Batatal

Aline: O bairro Batatal tem mais ligação com a zona rural ou com a zona urbana?

Ana: Eu acho que é com a zona rural, porque tem muito verde lá, mas eu acho que é com a zona rural. Ao olhar essas fotos assim o bairro tem uma relação mais forte com o campo, devido a plantação que tem, muito verde, plantações e sítios.

Aline: A palavra, quando fala assim “ah, o campo, a zona rural”, o que ele te lembra? O campo?

Maria: Roça, local de fartura, onde todos trabalham em busca de colher o melhor, e cuidam dos animais como se fossem gente, eles valorizam os animais, diferente do que ocorre na cidade, a gente vê muitas pessoas judiando dos animais.

Aline: Mas o que tem na roça? Se fosse pra eu te pedir um exemplo do que tem na roça? Dois exemplos.

Maria: Animal, muita terra, uma grande área verde

Aline: E na cidade, o que tem?

Maria: Carro, gente andando correndo, pouca coisa verde

Aline: Quando a gente vai olhando as fotos assim, você acha que o bairro lembra mais a parte rural ou a parte urbana?

Maria: A parte rural.

Aline: Por que?

Maria: Lá é tipo uma roça, muito verde.

Aline: Em que sentido lá parece uma roça?

Maria: Pelos pastos, a mata e os bichos.

Aline: Assim, aqui na escola você, os professores falam da parte rural com você, ou não?

Maria: Só o professor de Geografia que explicou sobre zona rural e zona urbana e aproveitou para falar sobre os sem-terra.

O bairro Batatal possui uma forte relação com a natureza, onde o contato dos moradores com o meio natural é muito forte. O modo de vida de alguns moradores do bairro, principalmente os mais velhos, é associado a vida rural, com expressiva valorização da vida em comunidade, valores da vida com a família e aspectos ligados a religiosidade.

Busquei apresentar aos jovens várias imagens relacionadas com o modo de vida rural, como as fotos nº 2, nº3 e nº 4, além da imagem nº 44. A seguir apresento trechos da conversa com Henrique, Larissa, Bianca e Laura, acerca da relação do bairro com o urbano e rural.



Foto 44: Sítio perto da escola

Aline: E o que te chama a atenção nessa imagem?

Henrique: Ah, bastante coisa, que você pode ver esses matos e os pastos pequenos, que é muito mesmo, bastante. É bem grande.

Aline: Então, você acha que o bairro ainda possui muita área verde?

Henrique: Que é bastante, para todo lado que se olha só tem verde

Aline: Você acha que o bairro tem relação com o campo?

Henrique: Muita atividade realizada no Batatal é coisa da roça, como a criação de gado, lá eles tem muita plantação e também cavalos

Aline: O que chama sua atenção nessa (foto nº44)?

Larissa: Como no Batatal tem espaço verde, é muita árvore e mato para pouca casa.

Aline: Dê exemplos do meio urbano, presentes no bairro?

Larissa: ônibus, a energia, calçamento e as vendas.

Aline: Qual é a relação que vocês acha que tem do bairro com a zona rural?

Larissa: A relação do bairro com o meio rural é muito grande, existe alguns sítios e muito animal, tem pessoas também que ainda trabalham nos sítios próximos, sendo na capina, cuidando do gado e plantando eucalipto.

Bianca: As paisagens do Batatal lembram muito a zona rural, lá tem pasto, animais e plantas. É, tem campo em tudo.

Aline: O que a zona rural de lembra?

Bianca: Ah, o pasto, criação de gado, galinhas, essas coisas.

Laura: O meu bairro é igual ao campo, porque lá existe muitas propriedades agrícolas, muitas propriedades que tem gado leiteiro.

A fotografia foi um recurso valioso utilizado durante a pesquisa, ela proporcionou aos estudantes volantes a percepção e interpretação da realidade em que vivem. As fotos ajudaram a estimular a linguagem verbal ajudando a compor as narrativas dos jovens durante as entrevistas.

Os jovens relataram que gostaram de ter participado da pesquisa, se mostraram interessados e motivados desde o início. As várias visitas a escola possibilitaram uma aproximação com os jovens e com a escola. A pesquisa despertou nos estudantes a curiosidade em conhecer melhor o próprio bairro.

A seguir são produzidas as considerações finais desta pesquisa, onde é possível perceber as principais indagações que esta suscitou ao trabalhar com jovens que vivenciam as realidades do espaço urbano, seja no bairro ou na escola e a realidade rural graças ao convívio com familiares que trabalham nesse espaço.

5.1- PALAVRAS FINAIS

“... mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior.”

Guimarães Rosa

As palavras de Guimarães Rosa ajudam a compor esse momento da pesquisa, pois as pessoas ainda não foram terminadas, estão sempre mudando. Logo, o mais bonito do mundo é saber que esse balaio, que acaba de ser confeccionado, pode afinar, estreitar e desafinar. A verdade maior é saber que ele servirá de ponto de partida para novas percepções acerca do urbano e rural, campo e cidade, sobre a ótica de jovens estudantes volantes moradores de um bairro onde a presença do rural ainda é forte, como ficou claro através das imagens feitas por eles.

Finalizar um trabalho não é nada fácil, principalmente em se tratando de uma pesquisa que envolve sentimentos profundos, o balaio foi construído com carinho e dedicação. Logo, não posso dizer que ele foi finalizado, pois desmanches podem ocorrer. Entretanto, a essência dele será mantida, ou seja, um objeto artesanal onde os sujeitos da pesquisa partilham suas vivências acerca do urbano e rural, aqui representadas por imagens e narrativas.

Palavras, incômodos e silêncios estavam presentes na pesquisa. A cada movimento da escrita sentia-me outra. Momentos de angústias e alegrias, continuidades e interrupções fazem parte do texto. À medida que escrevia via claramente que escrever é viver o movimento fluído das histórias narradas e imagens feitas pelos jovens estudantes.

Foi possível construir com os jovens uma relação dialógica que possibilitou o ir-e-vir das nossas conversas, apimentadas com as imagens que eles próprios registraram. Trabalhar com as fotografias, juntamente com as entrevistas foi um ganho para a pesquisa, pois, elas ajudaram a compor e enriquecer o feitiço do balaio. Essas narrativas permitiram adentrar pelas relações dos jovens com os diferentes espaços. O foco da pesquisa ganhou destaque a partir das fotos feitas pelos jovens volantes, onde eles puderam evidenciar suas relações do urbano e rural presentes no bairro Batatal e em suas vidas.

Durante este trabalho procurei analisar as representações que os jovens estudantes volantes têm do espaço urbano e do rural, a partir das fotografias e de suas narrativas vinculando-as suas relações. Ao longo da tessitura da pesquisa, pude compreender como esses jovens filhos de trabalhadores rurais vivenciam esses espaços.

Ao retornar ao processo realizado na pesquisa, pude observar como foi se constituindo e se definindo. A própria forma de tecer o balaio foi sendo aprimorada durante a sua execução. As etapas de confecção foram importantes, desde a escolha dos sujeitos, no caso os jovens foi um momento importante, pois leciono para jovens já há alguns anos, conheço suas angústias, desafios e inquietudes, às vezes me identifico muito e relembro o tempo de estudante.

O contato com os jovens mostrou também como cada um descobriu sua própria maneira de se relacionar com o bairro. É possível encontrar elos de identificação a partir de detalhes, como: o curso de marcenaria, a cachoeira e o grupo de dança. Alguns desses lugares os jovens identificam como espaços agradáveis, fonte de ensinamento, no caso da sala de marcenaria; e prazerosos, sendo a cachoeira e o grupo de dança ambientes de descontração.

Vejo que enveredei na vida de cada jovem e que passei a fazer parte de suas histórias, às vezes tão distantes e tão próximas. A experiência da pesquisa mostrou-me que ver e lidar com o jovem como sujeito, capaz de refletir, de ter suas próprias posições e ações, é uma aprendizagem que exige esforço, reflexão e distanciamento. Cada experiência realizada com os estudantes foi possível descobrir uma nova possibilidade.

As imagens feitas pelos jovens exprimem significados pelos quais se definem e se constroem o espaço. O conjunto de narrativa que expressam memórias e as formas como eles vivenciam seus deslocamentos. Além, de demonstrar a maneira de viver, construindo um ambiente em que o urbano e rural não aparecem dissociados. Esses jovens estudantes volantes elaboram seus viveres tecendo relações com elementos da cidade e do campo.

A escola é uma instituição que faz parte da vida dos jovens, logo não é a única forma de contato do estudante com as formas de aprender. Ela é espaço de diálogo e interação. Ao lembrar as falas e expressões dos estudantes acerca da escola, uma conclusão possível é que a educação é avaliada como o instrumento

capaz de oferecer aos jovens uma vida melhor, pois o diploma escolar é requisito mínimo para a consecução de sonhos narrados por eles.

O elemento marcante da pesquisa foi sem dúvida os jovens e como eles enxergam suas relações urbanas e rurais. O rural é, para muitos, igual ao que Raymond Williams escreve onde o campo está associado à paz, à simplicidade; a cidade carrega a ideia de local de realizações e do progresso. Na visão negativa, o campo representa a imagem do atraso, rusticidade e limitação, a cidade é lugar de agitação e barulho.

O rural foi caracterizado em oposição à cidade industrializada e urbanizada. O espaço rural é um espaço relacional que ancora a sua especificidade na forma como se organiza a vida local. Logo, foi possível concluir que o rural pode não ser um lugar a margem, mas local com um amplo leque onde se ancora a integração contribuindo para formação de um espaço em que as relações urbanas e rurais são fluídas e interdependentes.

Existe a necessidade de falar da relação urbano-rural, seguindo sua complementaridade como Sposito (2006) que fala de cidade e campo se diferem segundo a divisão de trabalho, mas que também se complementam indicando assim um contínuo em cidade e campo.

O reconhecimento de um contínuo cidade/campo não pressupõe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território ou em micro parcelas territoriais justapostas e sobrepostas, de usos de solo, de práticas socioespaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano (p.121).

A pesquisa com os jovens estudantes do Batatal mostrou essa descontinuidade territorial, onde as categorias cidade e campo, urbano e rural no campo das relações sociais e econômicas são estabelecidas entre ambos. Logo, com o espaço urbano se refez em sua relação com o rural o que acabou por deixar imprecisos os limites entre eles.

A relevância deste estudo encontra-se na colocação dos estudantes, apontando para a necessidade da escola reconhecer os jovens como interlocutores conscientes de sua posição no espaço urbano e rural.

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, Carlos Drumond de. **Antologia poética**. 60.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** - ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Obras Escolhidas v.1, 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 197-221.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitoria Helena Cunha. **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Edusp, 2008.
- CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber. Perspectivas Mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos I: Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO; Gomes; CORRÊA (Orgs). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LIBANIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **O que é urbano, no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **Grafar o espaço, educar os olhos. Rumos a geografias menores**. In: Pro-Posições. Campinas, São Paulo, v.20, n.3, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, junho de 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. São Paulo: Ed. José Olímpio, 2008.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Caminhos Investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **O Espaço do Cidadão**. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial das relações urbana-rurais no sudeste paranaense. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo Rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos(as) de agricultores familiares de Ouro/SC**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2002.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e Lugar**: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO; CASTRO; (Orgs). **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Manuad X, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade, na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

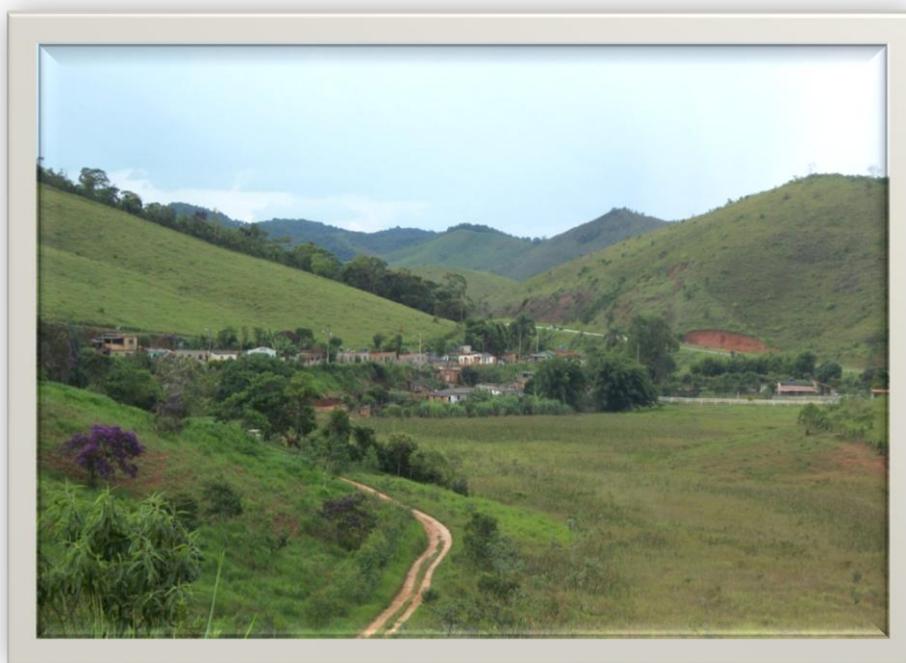
ANEXOS



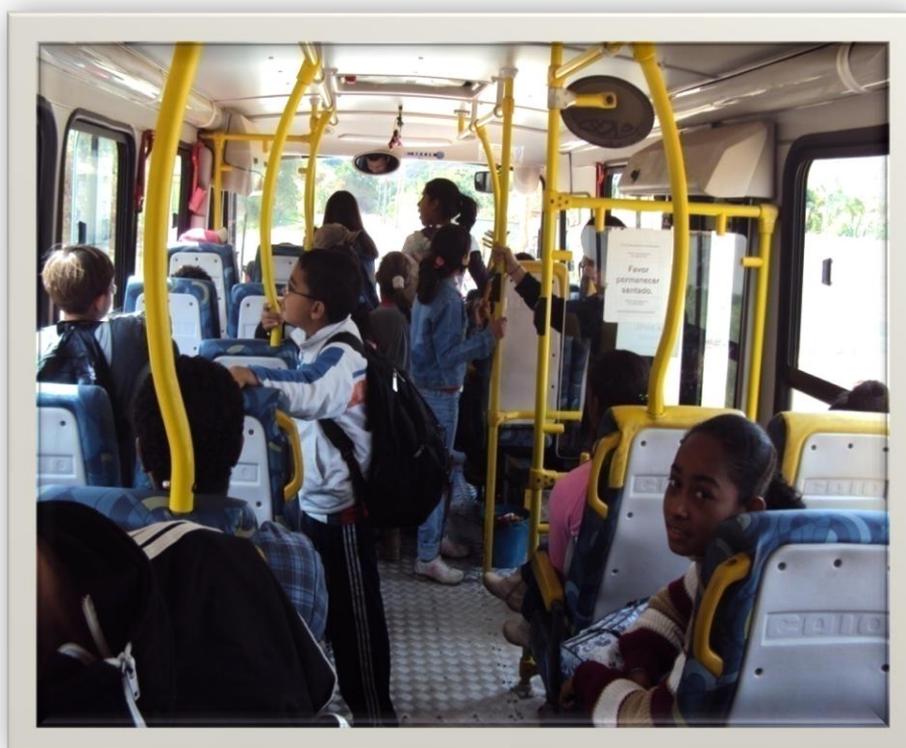
Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque (Arquivo da pesquisadora)



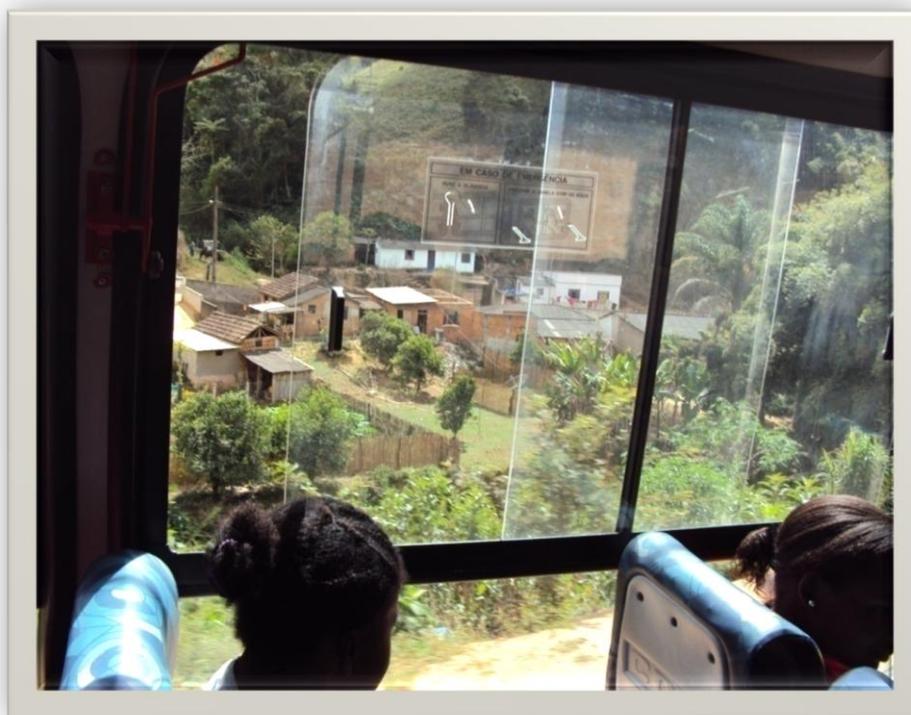
Jovens estudantes que participaram da pesquisa



Vista parcial do bairro batatal em Lima Duarte-MG (Arquivo da pesquisadora)



Transporte Escolar (Arquivo da pesquisadora, 17/08/10)



Transporte escolar (Arquivo da pesquisadora, 17/08/10)

ANEXO 2: Lei Municipal de Lima Duarte

Lei nº 1.085

Delimita a Zona Urbana da sede do Município de Lima Duarte e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE LIMA DUARTE APROVOU, E EU, PREFEITO MUNICIPAL, SANCIONO A PRESENTE LEI:

Art. 1º - Fica assim estabelecida a Zona Urbana da Sede do Município de Lima Duarte:

"Começa no Rio do Peixe, na divisa dos sucessores de Domingos Paulino, subindo córrego dividindo com a mesma até a divisa de Maria de Paiva Delgado, continua subindo o córrego dividindo com a mesma até a divisa de João de Oliveira Delgado, daí continua dividindo com o mesmo por cerca de arame e valos até a divisa dos sucessores de Maria Lucinda de Paiva, por cerca de arame e valos até a divisa de sucessores de Paulo Clara da Silveira, por cerca de arame e valos até a divisa de sucessores de Helson Neves, daí segue dividindo com os mesmos sucessores de Helson Neves, até a divisa de Terezinha da Cunha Oliveira, segue alto afora dividindo com a mesma até a divisa de Antônio da Cunha Oliveira, daí segue águas vertentes dividindo com o mesmo por valos e cerca de arame até o alto na estrada que vai para Ponte Nova, segue ainda, atravessando sobre a estrada, linha reta, águas vertentes até o córrego indo morro acima águas vertentes, dividindo com terras de Sebastião Delgado, águas vertentes por valos e cerca de arame até a divisa de Sebastião Corrêa de Andrade, daí segue dividindo com o mesmo por valos e cerca de arame até a divisa das terras de José de Almeida Oliveira, daí, segue dividindo com o mesmo, indo morro abaixo, voltando a direita até o córrego que desce do Batatal, daí, atravessa sobre o referido córrego, linha reta a Rodovia BR 267, daí, volta a direita, seguindo pela Rodovia BR 267 até o restaurante de Joaquim Carvalho da Fonseca, que fica a margem da referida BR, daí segue alto afora nas terras do mesmo Joaquim Carvalho da Fonseca, em linha reta até a Escola Agrícola, na divisa das terras de Sebastião de Paiva Delgado, daí, segue dividindo com o mesmo por cerca de arame e valos até a divisa de sucessores de Pedro Cândido Delgado, daí, voltando a direita, dividindo com os mesmos sucessores, indo morro acima até o valo, daí volta a esquerda, segue alto afora, águas vertentes, dividindo com os mesmos até a divisa das terras da Prefeitura Municipal de Lima Duarte, daí segue linha reta até o paredão da serra, incluindo as terras da Prefeitura Municipal, daí, volta a direita, beirando paredão, até a divisa das terras de Artur Carvalho de Paula, continua dividindo com o mesmo, voltando a direita dividindo com cerca de arame e valos até a divisa de Orildo Fontes de Almeida, segue dividindo com o mesmo por valos e cercas de arame até a divisa das terras dos sucessores de Nicolau Pepino da Rosa, daí, segue dividindo com os mesmos por valos e cerca de arame o alto da divisa das terras dos sucessores de Joaquim Nogueira de Paiva, no alto, daí, desce afora, no lugar denominado Bananal, até o córrego na divisa de Oldemar de Paula Guimarães, daí, indo morro acima dividindo com o mesmo por cerca de arame até o alto na divisa da Liandy de Paula Guimarães, daí, volta a direita alto afora dividindo com o mesmo por cerca de arame e valos até encontrar novamente a Rodovia BR 267 que vai para Caxambu, daí, segue pela referida BR 267 até a divisa de Manoel Clemente de Oliveira, daí, volta a direita, descendo até o Rio do Peixe, deste ponto atravessa sobre o Rio do Peixe, indo pelo mesmo rio acima até a divisa de José Marley de Almeida, daí voltando a direita, dividindo com o mesmo por cerca de arame até a estrada que vai para Perobas, deste ponto, voltando a direita estrada abaixo até uma fonte de água

que vem das terras dos sucessores de Benvindo Ribeiro de Paiva no lugar denominado Poço da Pedra, daí indo morro acima águas vertentes nas terras dos mesmos sucessores, até o lugar denominado Fazendinha, deste sobe até o alto águas vertentes, daí descendo alto abaixo até a sede da Fazenda dos sucessores de Benvindo Ribeiro de Paiva, daí, voltando a direita, linha reta até a sede da fazenda dos sucessores de Afonso Ribeiro de Paiva, que hoje tem como proprietária Selma de Paula Paiva, daí, sobe dividindo com a mesma, alto acima, por valos e cerca de arame, até o alto da divisa de Eliziário Clemente Guimarães, daí, indo alto abaixo dividindo com o mesmo até a estrada que vai para São José dos Lopes, daí atravessa sobre a estrada segue dividindo ainda com Eliziário Clemente Guimarães até o Rio do Peixe, daí, indo pelo referido rio acima até a divisa dos sucessores de Domingos Paulino e José Alves Monteiro, ponto inicial desta demarcação.

Art. 2º - Revogadas as disposições em contrário, entra esta Lei em vigor na data de sua publicação.

Lima Duarte, 13 de outubro de 1999.

Ney Carvalho de Paula
Prefeito Municipal

Maria Joaquina de Oliveira
Secretária Municipal de Administração